



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA - UFRB**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**LÍDIA BARRETO DA SILVA**

**ARTE E EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO: IDENTIDADES  
REVELADAS NOS MODOS DE EXPRESSÃO ARTÍSTICAS  
DOS/AS LICENCIADOS/AS DA UNEB**

AMARGOSA/BAHIA  
ABRIL/2019

**LÍDIA BARRETO DA SILVA**

**ARTE E EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO: IDENTIDADES  
REVELADAS NOS MODOS DE EXPRESSÃO ARTÍSTICAS  
DOS/AS LICENCIADOS/AS DA UNEB**

Relatório de Pesquisa apresentado ao Programa de Pós Graduação em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Educação do Campo.

**Orientadora:** Profa. Dra. Gilsélia Macedo Cardoso Freitas

AMARGOSA/BAHIA  
ABRIL/2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA DE AMARGOSA - CFP/UFRB  
**Bibliotecário: André Montenegro – CRB-5ª / 1515**

S586a

Silva, Lídia Barreto da.

Arte e educação do (no) campo: identidades reveladas nos modos de expressão artísticas dos(as) licenciados(as) da Uneb. / Lídia Barreto da Silva. – Amargosa, BA, 2019.

149 fls.; il.color.; 30 cm.

Orientadora: Prof. Dr. Gilsélia Macedo Cardoso Freitas.

Relatório científico (Mestrado Profissional em Educação do Campo) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. – UFRB – Amargosa, BA. 2019.





Bibliografia: fls. 144-148.

Inclui Apêndice e Anexo.

1. Educação do Campo. 2. Educação. 3. Arte - Ensino. I Freitas, Gilsélia Macedo Cardoso. II. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. III. Título.

CDD – 379


Ativar  
Acesse C


 	<b>SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL</b> <b>MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO</b> <b>UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA</b> Centro de Formação de Professores - CFP Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo Site: <a href="https://www1.ufrb.edu.br/educacaodocampo/">https://www1.ufrb.edu.br/educacaodocampo/</a> E-mail: <a href="mailto:mestrado.campocfp@ufrb.edu.br">mestrado.campocfp@ufrb.edu.br</a>	 
--	--	--

**ATA DO EXAME DE DEFESA DO TRABALHO FINAL  
DE CONCLUSÃO DE CURSO DA MESTRANDA  
LÍDIA BARRETO DA SILVA NO PROGRAMA DE  
PÓS - GRADUAÇÃO / MESTRADO PROFISSIONAL  
EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA**

Ao décimo segundo dias do mês de abril de dois mil e dezenove, quatorze horas, reuniram-se na Casa do DUCA, a Comissão Avaliadora composta pela professora Doutora Terciana Vidal Moura, pelo professor Doutor Reginaldo Carvalho da Silva (examinadores) e por mim, professora Doutora Gilsélia Macedo Cardoso Freitas (Orientadora), para examinar o trabalho intitulado "Arte E Educação do/no Campo: Identidades Reveladas nos Modos de Expressão Artísticas dos/as Licenciados/as da Uneb", da mestranda Lídia Barreto da Silva. Após arguição e discussão, a banca examinou, analisou e avaliou o referido trabalho, chegando a conclusão que foi Aprovada. Nada mais havendo a ser tratado, esta Comissão Avaliadora encerrou a reunião da qual eu, lavrei a presente ATA, que após lida e aprovada, vai assinada pelos presentes e encerrada por mim.

Amargosa-Ba, 01 de abril de 2019.

  
 Profa. Dra. Gilsélia Macedo Cardoso Freitas  
 (Orientadora)

  
 Prof. Dr. Reginaldo Carvalho da Silva  
 (Membro Externo)

  
 Profa. Dra. Terciana Vidal Moura  
 (Membro interno)

*Canta, minha alma! Canta ao Senhor!*

*Rende-lhe sempre ardente louvor!*

*Canta, minha alma! Canta ao Senhor!*

*Rende-lhe sempre ardente louvor!<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup>Que Segurança! Sou de Jesus! Composição de Fanny Jane Crosby (1873). Tradução para o português de Jorge Benjamim Nind (1890). Hinário para o Culto Cristão, nº 417, ed. Juerp, 1992.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, meu Senhor e Salvador, autor e consumidor de minha fé.

À minha mãe que mesmo em idade avançada e precisando de minha presença mais frequente, compreende e me incentiva a concluir mais uma etapa de minha vida.

Ao meu filho Diogo que "*muitas vezes te fiz esperar demais, mas mesmo na distância o meu pensamento voa longe demais... longe de você meu bem*"<sup>2</sup>. Presente de Deus que será meu parceiro para o resto de nossas vidas.

À minha irmã Lucy que muitas vezes me apoiou ficando com Diogo durante as muitas viagens que tive que fazer. Acompanha-me em oração quando estou desanimada para escrever. Ao seu esposo Dilton que tem muito cuidado e carinho por Diogo e quando preciso sempre está pronto a ajudar e também agradeço aos meus sobrinhos Lilian, Nathalia e Guilherme que muito carinhosamente e divertidamente fazem companhia para Diogo durante minhas ausências.

Agradeço também aos meus irmãos Paulo César, Leni, Luciano, Luiz e Samuel que são o meu sustento familiar e que juntos nos ajudamos a suprir a enorme falta de nosso pai, Luiz. Aos meus sobrinhos e sobrinhas a quem tenho muito amor, carinho e muito afeto, obrigada por me amarem.

Às minhas amigas-irmãs Maria das Neves Enéas da Silva Santos e Marta Enéas da Silva por me acompanharem de perto nessa trajetória e por sempre terem uma palavra de carinho, estímulo e compreensão. Muito obrigada por vocês existirem na minha vida e por me incentivarem e acreditarem em meu potencial intelectual e artístico. Nas palavras de Zélia Duncan eu deixo meu carinho "*Amigo que é amigo quando quer estar presente faz-se quase transparente sem deixar-se perceber. Amigo é pra ficar, se chegar, se chegar, se abraçar, se beijar, se louvar, bendizer. Amigo a gente acolhe, recolhe e agasalha e oferece lugar pra dormir e comer.*"

À minha orientadora professora Gilsélia Macedo Cardoso Freitas que desde o início acreditou no meu projeto e que sempre me respeitou enquanto profissional e pessoa, obrigada por ser quem és e por cruzar meu caminho

---

<sup>2</sup> "Mais uma vez", Letra e música de Marisa Monte. Álbum: Infinito ao meu redor, 2008.

profissional e me permitir adentrar em sua vida pessoal também. Peço desculpas pelos momentos de destempero e desencontros, porém os vejo, hoje, como parte do processo também, valeu a pena tê-la ao meu lado em mais essa caminhada.

Agradeço, muito, aos educandos e educandas da Licenciatura em Educação do Campo da UNEB, por compartilhar seus saberes durante os anos que passamos juntos, neste curso. Onde aprendi que “romper as cercas da ignorância, que produz a intolerância”, seria muito necessário para que cada vez mais pessoas pudessem ter acesso ao Ensino Superior. A vocês, meu respeito, admiração e agradecimento.

Aos meus colegas da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação da UNEB que, aos poucos, foram se tornando amigos, o meu agradecimento por me apoiarem e suprirem minha falta durante essa caminhada formativa do mestrado. Agradeço a Raquel Azevedo, Rosemeire Lima, Kezya Palmeira, Antônio Cornélio, Augusto César, Rita Oliveira, Aline Pimenta Motta, Venétia Durando, Juraci Duarte e Priscila Veloso, e ainda às Pró-Reitoras professoras Kathia Marise, Dayse Lago e Eliene Maria da Silva pela compreensão de sempre e pelo carinho e incentivo que me deram nesses dois anos. Desejo que continuemos trabalhando juntos por muito tempo ainda.

Agradeço também aos colegas de outros setores e Departamentos, em nome de Dina Maria do Rosário, Amélia Maraux, Marcéa Sales, Edineiram Maciel e Luzeni F. de O. Carvalho, que sempre se colocaram à disposição para me ajudar e que se colocavam com palavras de incentivo e solidariedade.

*“Amigo que é amigo não puxa tapete oferece pra gente o melhor que tem e o que nem tem quando não tem, finge que tem, faz o que pode e o seu coração reparte que nem pão”.* Dedico um fragmento dessa música de Zélia Duncan às amigas e companheiras Marta Santana, Andréa Neiva e Maria do Amparo (Mocinha) por serem meu suporte intelectual, social, afetivo e familiar durante esses dois anos que nos conhecemos e construímos nossa amizade. Vou guardar vocês pra vida toda.

Meu agradecimento aos membros da Banca: professor Dr. Reginaldo Carvalho por ter sinalizado pontos tão importantes que enriqueceram sobremaneira a minha pesquisa, a professora Dra. Terciana Vidal pelo cuidado

e respeito para comigo no momento da qualificação. Vocês foram fundamentais para que essa caminhada amadurecesse e chegasse até aqui.

Agradeço aos docentes, colegas e funcionários do Programa de Mestrado Profissional em Educação do Campo e também aos funcionários da UFRB (vigilantes e companheiras da cozinha) que de alguma forma contribuíram para que esse trabalho fosse concluído.

Comecei agradecendo a Deus e, em seguida aos meus pais, termino agradecendo a tio Isaac e tia Lydia Freitas (irmãos da comunidade de fé), pelo cuidado e sustendo em oração, por receberem a turma da LECampo em sua propriedade, Sítio Murta, por três dias durante uma aula de campo. Agradeço também pelo privilégio de levar o nome dessa mulher tão inspiradora quem primeiro me apresentou o ofício da arte e que eu tanto admiro. Por fim, com as palavras de Xande de Pilares<sup>3</sup> eu digo que:

*“Muita gente te ajudou a chegar aqui  
Foi aos trancos e barrancos que eu consegui  
Minha família, meus amigos, minha fé  
A vocês devo tudo*

...

*Gratidão pela força que não me deixou desistir*

...

*Gratidão*

*Não há dinheiro que pague não posso esquecer*

*Se eu fugir das origens eu perco meu chão*

*Obrigada, meu povo, por fortalecer*

*Beijos no coração*

---

<sup>3</sup> “Gratidão” interpretada por Xande de Pilares e Composição de André Renato e Ronaldo Barcelos, no álbum Gratidão, 2018. Fonte: <https://www.lettras.mus.br/xande-de-pilares/gratidao/>



## RESUMO

A presente pesquisa, intitulada **Arte e Educação do/no Campo: Identidades Reveladas nos Modos de Expressão Artística dos/das Licenciados/das da UNEB**, é comunicada através do Relatório de Pesquisa e do Catálogo, cuja centralidade foi analisar a proposta pedagógica do Curso Licenciatura em Educação do Campo, com Habilitação em Códigos e Linguagens, da Universidade do Estado da Bahia-UNEB. Tal estudo foi mediado pelo fazer artístico e a utilização de diferentes formas de produzir arte presentes nos modos de expressão artística dos/as educandos/as durante o curso, sobretudo, como essa prática se revelou no processo formativo e em quê a arte contribuiu para fortalecer a emancipação dos sujeitos envolvidos, advindos dos diversos movimentos sociais de luta pela terra no estado da Bahia, ao articular a realidade sócio-política, cultural e educacional da vida no/do campo. Para tanto, buscamos respaldo em teóricos consabidos da Educação do Campo e do campo da arte, tais como: ARROYO (2011); CALDART (2002; 2004; 2008; 2013; 2017); FRIGOTTO (2013); MOLINA (2004; 2008); MOLINA e SÁ (2011; 2013); MORISSAWA (2001); ROCHA e MARTINS (2009); SANTOS (2013); BOGO (2002; 2013; 2016); CARVALHO e MARTINS (2016); FREDERICO (2013); MARTINS (2009); SILVA, MIRANDA, AIRES e OLIVEIRA (2016); VILLAS BÔAS e PEREIRA (2015). Do ponto de vista do percurso metodológico a pesquisa é de cunho qualitativo, de abordagem descritiva/relacional e, evidencia a observação das manifestações artísticas estudantis, também chamados de cursistas/militantes por seus posicionamentos frente à luta por terra e educação. Os instrumentos que contribuíram nessa pesquisa foram: questionário, análise do acervo audiovisual e relatórios das atividades do tempo comunidade, além do Projeto Político Pedagógico do Curso. Os resultados obtidos revelam o uso da arte como mola propulsora para a luta, como forma de protesto, como veículo para que os movimentos sociais, com suas diversas pautas de reivindicação, possam expressar suas indagações/inquietações/denúncias que circulam nos espaços por onde trilham. Ainda, a pesquisa proporcionou a apreciação dos momentos de beleza estética, sincronia com o movimento dos corpos na mística, o uso dos símbolos dos movimentos sociais colorindo o ambiente com cada elemento estrategicamente colocado e compondo o “espaço identitário” dos militantes/cursistas. Por fim, o estudo apresenta a potencialidade da arte na Educação do Campo e a fecunda relação da mesma com a luta camponesa enquanto ferramenta que suaviza a dureza da vida e alimenta a utopia por uma sociedade mais justa, sustentável e igualitária.

**Palavras-chave:** Licenciatura em Educação do Campo. Ensino de Arte. Modos de Expressão Artística

## ABSTRACT

The present research titled Art and Education of and in the Field: Revealed Identities in the Moods of Artistic Expression of the undergraduate Students at UNEB is expressed through the Research Report and the Catalogue which main point was to analyse the pedagogical proposal from the Field Education Graduation Course with qualification in Codes and Languages at UNiversity of the State of Bahia - UNEB. This study was mediated by the artistic practice and the use of different ways of producing art present in the artistic expression of the students during the course, especially, as this practice was revealed in the formative process and in which art contributed to strengthen the emancipation of the individuals involved, coming from the various social movements fighting for land in the state of Bahia, articulating the socio- political, cultural and educational reality of life in the countryside. Therefore, we seek support in well-known theorists of the Field Education and the field of art, such as: ARROYO (2011); CALDART (2002; 2004; 2008; 2013; 2017); FRIGOTTO (2013); MOLINA (2004; 2008); MOLINA e SÁ (2011; 2013); MORISSAWA (2001); ROCHA e MARTINS (2009); SANTOS (2013); BOGO (2002; 2013; 2016); CARVALHO e MARTINS (2016); FREDERICO (2013); MARTINS (2009); SILVA, MIRANDA, AIRES e OLIVEIRA (2016); VILLAS BÔAS e PEREIRA (2015). From the point of view of methodological research, the research is qualitative, with a descriptive / relational approach, and evidences the observation of student artistic manifestations, also called students / militants for their positioning in the struggle for land and education. The instruments that contributed to this research were: questionnaire, analysis of the audiovisual collection and reports of community time activities, in addition to the Political Pedagogical Project of the Course. The results obtained reveal the use of art as a driving force for struggle, as a form of protest, as a vehicle for social movements, with their various patterns of protest, to express their inquiries / worries / denunciations that circulate in the spaces where they travel. The research also provided an appreciation of moments of aesthetic beauty, synchronicity with the movement of bodies in mysticism, the use of symbols of social movements coloring the environment with each element strategically placed and composing the "identity space" of the militants / students. Finally, the study presents the potential of art in the Field Education and its fruitful relationship with the peasant struggle as a tool that softens the harshness of life and feeds the utopia for a more fair, sustainable and egalitarian society.

**Keywords: Field Education Bachelor's degree. Arts Teaching. Moods of Artistic Expression.**

## **LISTA DE GRÁFICOS**

**GRÁFICOS nº 01** – Entidades Vinculadas

**GRÁFICO nº 02** – Vinculação com as Entidades

**GRÁFICO nº 03**– Pertencimento

**GRÁFICO nº 04** – Processo Seletivo

## LISTA DE FIGURAS

**FIGURA nº 01** – Colcha de Retalhos (objeto de arte) produzido pelos/as educandos/as da LECampo/UNEB – 2013

**FIGURA nº 02** – Síntese dos instrumentos de coleta de dados

**FIGURA nº 03** – Mapa ilustrado - territórios de identidade, comunidades e municípios

**FIGURA nº 04** – II Seminário de Articulação do Tempo Escola/Tempo Comunidade – “Vivências das Práticas Pedagógicas: sonhos que podemos ter/somos quem podemos ser”

**FIGURA nº 05** – Abertura do Seminário de Articulação Tempo escola/tempo comunidade /UNEB, 2015

**FIGURA nº 06** – O caipira picando fumo

**FIGURA nº 07** – Morro da favela

**FIGURA nº 08** – Francisco Bernand – Têmpera guache

**FIGURA nº 09** – Cartaz de divulgação do 1º Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

**FIGURA nº 10** – Bandeira da Via Campesina

**FIGURA nº 11** - Marcha Nacional por Emprego, Justiça e Reforma Agrária

**FIGURA nº 12** – Marcha Popular do Brasil

**FIGURA nº 13** – Capa do livro de Sebastião Salgado

**FIGURA nº 14** - Árvore com bandeiras e ferramentas de trabalho. 2014

**FIGURA nº 15** – Aulas de Teatro

**FIGURA nº 16** – A ceia dos descamisados - Antônio Poteiro

**FIGURA nº 17** – A ciranda - Antônio Poteiro

**FIGURA nº 18** - Carnaval – Henri Rousseau

**FIGURA nº 19** – A velhinha e o carro de boi

**FIGURA nº 20** – Colchas que foram confeccionadas a partir da colcha da LECampo/UNEB

**FIGURA nº 21** - Árvore pedagógica da militância

**FIGURA nº 22** – Marca do Seminário de Articulação TE/TC

**FIGURA nº 23** – Jogos teatrais1

**FIGURA nº 24** – Jogos teatrais 2

**FIGURA nº 25** – Mística 1 - Seminário de Articulação TE/TC: Notícias do Mundo de Lá –2013

**FIGURA nº 26** – Entrada das bandeiras

**FIGURA nº 27** – Primeira aparição da Colcha de Retalho na mística

**FIGURA nº 28** – Assentada e quilombola com livros na peneira

**FIGURA nº 29** – Educanda agricultora cantando

**FIGURA nº 30** – Nascidos da terra para por ela lutar

**FIGURA nº 31** – A dança da que alimenta a luta

**FIGURA nº 32** – Estandartes representando as comunidades

**FIGURA nº 33** – Colcha de Retalhos “Mulheres de Fé”

**FIGURA nº 34** - Seminário de Articulação TE/TC: Notícias do Mundo de Lá – 2013

## **LISTA DE QUADROS**

**QUADRO nº 01** – Quadro de representação dos elementos do mapa

**QUADRO nº 02** – Componentes curriculares das Linguagens Artísticas

**QUADRO nº 03** – Perfil do universo dos sujeitos da pesquisa

**QUADRO nº 04** – Ações ligadas a Educação do Campo na UNEB, entre os anos de 1994 e 1998

**QUADRO nº05** - Ações desenvolvidas pela UNEB após a I Conferência Nacional Por uma Educação do Campo

**QUADRO nº 06** – Etapas de fazimento da Colcha de Retalhos

**QUADRO nº 07** – Lutadores do povo

**QUADRO nº 08** – Respostas da questão 02

**QUADRO nº 09** – Respostas da questão 03

**QUADRO nº 10** – Respostas da questão 04

**QUADRO nº 11** – Respostas da questão 05

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CEB** – Câmara de Educação Básica
- CETA** - Movimento dos Trabalhador/as, Assentado/as, Acampado/as e Quilombolas
- CNE** – Conselho Nacional de Educação
- CNBB** – Confederação Nacional dos Bispos do Brasil
- CPT** – Comissão Pastoral da Terra
- CRUB** - Conselho dos Reitores das Universidades Brasileiras
- CUCA**– Centro Universitário de Cultura e Arte
- DCH** – Departamento de Ciências Humanas
- DECHT** – Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias
- DEDC** – Departamento de Educação
- EFA** – Escola Família Agrícola
- ENERA** - Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária
- FATRES** – Fundação de Apoio aos Trabalhadores/as Rurais e Agricultores/as Familiares da Região do Sisal e Semiárido
- FVC** – Faculdade Visconde de Cairú
- FETRAF**- Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar no Estado da Bahia
- FETAG** - Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado da Bahia
- INCRA** – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
- LECampo** – Licenciatura em Educação do Campo
- LEdoC** – Licenciatura em Educação do Campo
- MAB** – Movimento dos Atingidos por Barragens
- MEB** – Movimento Eclesial de Base
- MEC** – Ministério da Educação
- MLT** – Movimento de Luta pela Terra
- MOBRAL** - Movimento Brasileiro de Alfabetização
- MST** – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
- PPC** – Projeto Pedagógico de Curso
- PA** – Pedagogia da Alternância
- PA**– Projeto de Assentamento
- PPA** – Plano Plurianual
- PROCAMPO** - Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo
- ProJovem** – Programa Nacional de Inclusão de Jovens
- PSB** – Partido Socialista Brasileiro
- PRONERA** - Programa Nacional de Educação pela Reforma Agrária
- SECADI** – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade e Inclusão
- TE** – Tempo Escola
- TC** – Tempo Comunidade

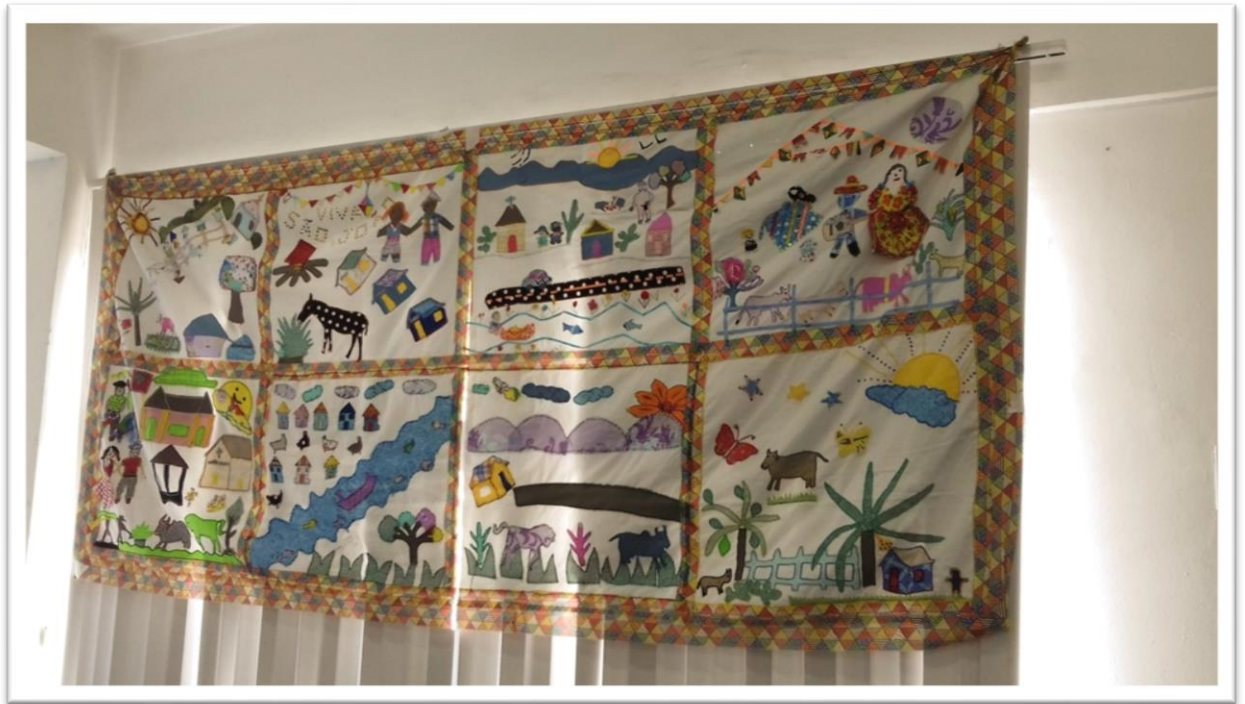
**UDESC** - Universidade do Estado de Santa Catarina  
**UDR**- União Democrática Ruralista  
**UFMG** – Universidade Federal de Minas Gerais  
**UFRB** – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
**UFT** – Universidade Federal de Tocantins  
**UNEB** - Universidade do Estado da Bahia  
**UnB** – Universidade de Brasília  
**Unicef**- Fundo das Nações Unidas para a Infância



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>20</b>
<b>2. Elementos metodológicos da pesquisa: a trilha percorrida</b> .....	<b>30</b>
<b>3. Da Educação Rural à Educação do Campo no Brasil: breve histórico</b> .	<b>50</b>
<b>4. A Educação do Campo no Ensino Superior: trajetória e desafios</b> .....	<b>72</b>
4.1 Fios que entrecruzam a UNEB e a Educação do Campo.....	77
<b>5. Arte política nas linguagens artísticas: as produções artísticas dos/das educandos/das na habilitação de Códigos e Linguagens da LECampo</b> ...	<b>88</b>
5.1 Retalhos de uma construção coletiva: identidade e território no fazer do pano pedagógico .....	91
5.2 “A escola dos meus sonhos sob meu ponto de vista” .....	100
5.3 A expressão corporal que milita: a experiência com o teatro e a literatura brasileira na LECampo .....	107
5.4 Mística: O fazer artístico que alimenta a luta.....	109
<b>6. O que pensam os estudantes da Licenciatura em Educação do Campo na habilitação de Códigos e Linguagens sobre os componentes curriculares de Artes?</b> .....	<b>124</b>
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>138</b>
7.1 Produções artísticas: possibilidades para a educação do/no campo.....	138
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>144</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>149</b>
<b>ANEXO A - MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO</b> .....	149
<b>ANEXO B – COMPONENTES CURRICULARES DA HABILITAÇÃO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA E MATEMÁTICA</b> .....	152
<b>ANEXO C – COMPONENTES CURRICULARES DA HABILITAÇÃO DE CÓDIGOS E LINGUAGENS</b> .....	152
<b>ANEXO D – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM/ ADULTO</b> .....	154
<b>ANEXO E – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> ....	155
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>157</b>
<b>APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA</b> .....	157
<b>APÊNDICE B - ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA OS/AS LICENCIADOS/DAS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIII – ITABERABA/BA</b> .....	158

<b>APÊNDICE C – CARACTERÍSTICAS DOS COMPONENTES CURRICULARES QUE ORIGINOU AS ATIVIDADES QUE FORAM ANALISADAS NA PESQUISA .....</b>	<b>159</b>
--	------------



**Figura nº 01** - Colcha de retalhos (objeto de arte) produzido pelos/as educandos/as da LECampo/UNEB – 2013. Fonte: Arquivo da pesquisa.

*Tudo aconteceu num certo dia  
Hora de Ave Maria  
O Universo viu gerar....<sup>4</sup>*

*Pedro Munhoz*

---

<sup>4</sup>Canção da Terra, composição de Pedro Munhoz.

## 1. INTRODUÇÃO

A arte sempre esteve presente em minha<sup>5</sup> vida desde muito cedo. Ainda criança frequentei aulas de educação musical (piano), cantava no coral da igreja<sup>6</sup> e fazia parte do corpo de teatro e dança. Nesse período, tive minhas primeiras experiências com as linguagens artísticas quando atuei em um projeto que tinha por objetivo contar a história dos Hinos do Cantor Cristão<sup>7</sup> e nessa oportunidade contei a história de uma compositora que não enxergava, porém a falta de visão não a limitou, compôs um dos hinos mais entoados até hoje nas igrejas evangélicas; ela chamava-se Fanny Jane Crosby. Além da emoção, recordo-me claramente das palavras de um ancião muito respeitado na igreja: “Parabéns jovem, você tem futuro!”<sup>8</sup>. Essas palavras nunca saíram da minha lembrança.

O incentivo e investimento dos meus pais foram determinantes para a minha formação, mesmo sem terem conhecimento sobre as linguagens artísticas, mas a sensibilidade e o olhar apurado em relação à arte como forma de conhecimento sempre estiveram presentes em nossa família tanto que minha mãe me matriculou no antigo Seminário de Música, hoje Centro Universitário de Cultura e Arte - CUCA da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, para estudar música (piano e canto coral) dando-me a oportunidade de aprimorar e aprofundar meus conhecimentos, além de conviver num ambiente totalmente propício a arte.

Nesse mesmo período, continuei desenvolvendo atividades relacionadas às linguagens artísticas na igreja que, aliás, foi minha escola por excelência, pois todos os projetos que participei e/ou coordenei serviram para, de alguma forma, me inspirar, orientar e estimular a continuar na militância pelo ensino da

---

<sup>5</sup> O uso da primeira pessoa no singular, na introdução desse trabalho, permite traduzir o meu pertencimento na referida pesquisa e corrobora para trazer a memória do vivido.

<sup>6</sup>Essa igreja é a Segunda Igreja Batista, localizado na cidade de Feira de Santana, Bahia, cidade onde nasceu a autora deste Relatório.

<sup>7</sup> Um Hinário é uma coletânea de cânticos hinologicamente históricos e também hinos inéditos. O Hinário para o Culto Cristão é considerado um marco histórico no meio evangélico, pois celebra o primeiro centenário de um dos mais apreciados hinários da cristandade no Brasil – CANTOR CRISTÃO. (Hinário para o Culto Cristão, 1992, p. 06).

<sup>8</sup> Irmão Adauto Santos - poeta, membro e diácono da Segunda Igreja Batista de Feira de Santana.

Arte<sup>9</sup>. O nascedouro mais efetivo se deu quando idealizei e criei o Grupo Expressão<sup>10</sup> e com este grupo apresentei a minha primeira coreografia da música Castelo Forte<sup>11</sup> que diz em uma de suas estrofes: “[...] a nossa força nada faz, estamos nós perdidos, mas nosso Deus socorro traz e somos protegidos [...]” e foi com essa fé e entendimento que prossegui completamente imersa no mundo da arte e fazendo da mesma a minha motivação para compartilhar as angústias, alegrias, tristezas, esperança, e as mais diversas emoções, sentimentos e reflexões.

Depois de uma temporada com o Grupo Expressão, tomei outros rumos e quis experimentar ritmos diferentes e mais “ousados”, foi quando conheci um grupo de adolescentes na Comunidade Evangélica Bara. Montamos o Grupo Shekinah<sup>12</sup> e começamos a planejar as ações com dança e logo estávamos com algumas músicas coreografadas; a inovação se deu com a mistura da capoeira nos movimentos sincronizados, resultando em coreografias mais acrobáticas usando ritmos baianos. As músicas que preparamos nos rendeu o primeiro lugar em dois Festivais de Coreografias que participamos na cidade de Feira de Santana.

A minha relação com a arte foi além desse período. Ingressei no curso de Licenciatura em Educação Artística<sup>13</sup> com Habilitação em Artes Plásticas. Continuando meu processo de formação na área do Ensino de Artes, comecei a lecionar na Educação Básica na Escola Estadual Elysio Athaíde (em Salvador - BA) no ano de 2009 ensinando a disciplina de Artes. Desenvolvi atividades, tais como Festival de Artes e Exposição de Artes, as quais promoveram uma dinâmica diferente no cotidiano da escola e da comunidade, antes mesmo causando envolvimento no fazer artístico dos estudantes. Essas atividades foram molas propulsoras para estimular nos estudantes o potencial

---

<sup>9</sup> Corroborando com Soares, usarei no texto o termo Arte em letra maiúscula por se tratar da área curricular e estar de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais. Quando no texto utilizar arte em letra minúscula, entende-se por uma referência a obra de arte em suas múltiplas linguagens sem estar diretamente ligada a área curricular, que compreende a ação pedagógica. (SOARES, 2015, p.14).

<sup>10</sup> Grupo composto por adolescentes que frequentavam a Segunda Igreja Batista de Feira de Santana no ano de 1996.

<sup>11</sup> Composição de Martinho Lutero, por volta de 1521, por ocasião de sua convocação para a Dieta de Worms. Está no hinário da cristandade do Brasil chamado Cantor Cristão. O Grupo Vencedores por Cristo também gravou no álbum “Louvor VIII”.

<sup>12</sup> Em hebraico, quer dizer Presença de Deus, habitação de Deus ou Glória a Deus. Fonte: Bíblia Sagrada.

<sup>13</sup> Fiz esse Curso na Universidade Católica do Salvador – UCSAL.

criativo e mobilizar suas famílias para valorizar esse fazimento da arte que estava adormecido e/ou até então desconhecido.

No ano de 2010 assumi a docência no Ensino Superior, no Programa de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, no Departamento de Educação – DEDC Campus XIII, lecionando os Componentes de Arte e Educação e Educação do Campo, além de efetivar as Oficinas Articulares<sup>14</sup> cujas temáticas abordaram as práticas artísticas na educação escolar correspondendo com os seguintes Projetos: “Brincando, Pintando, Modelando e Cantando no Sertão” (2012), “A Sétima Arte na Escola: Valorizando a Linguagem Cinematográfica” (2013), “Arte Daqui, Arte de Lá, Vamos Apreciar?” (2014), “Musicalizando na Educação Infantil” (2015) e “Pedagogia pelo Movimento da Dança” (2016). Concomitantemente, comecei a lecionar na Licenciatura em Educação do Campo<sup>15</sup> os Componentes Processos e Estratégias da Aprendizagem II, Didática II, Pesquisa e Prática em Educação do Campo (Estágio), e aqueles especificamente atrelados ao Ensino das Artes, como: Fundamentos Metodológicos das Artes Plásticas, Fundamentos da Música e Fundamentos das Artes Cênicas assim como as Oficinas de Artes Plásticas, de Artes Cênicas e de Música.

Constata-se, pois, que além da minha formação, todo esse envolvimento docente reitera a arte que pulsa em mim e me instiga a ser pesquisadora e a promover dentro e fora de sala de aula o movimento a favor do Ensino de Artes em todas as modalidades da educação e em todos os espaços, entendendo essa concepção na mesma direção que Soares, quando diz:

[...] busco compreender, refletir e contribuir com a Arte na escola que acredito: significativa, geradora de vivências e experiência, com potencial formativo para a vida; uma Arte na

---

<sup>14</sup> Oficinas Articulares constituem momentos de articulação entre os conteúdos que integram os diferentes núcleos do projeto do curso e as ações práticas desenvolvidas, com interação nas comunidades onde o professor-aluno atua. É, portanto, o articulador entre o saber e o fazer, promovendo oportunidades para o desenvolvimento de potencialidades dos discentes, e para a construção e a reconstrução dos conhecimentos adquiridos no processo de formação, além de facilitar a identificação das necessidades de informação, expressão e comunicação dos professores-alunos, conforme explicação contida no Manual de Orientações Acadêmicas; Plataforma Freire, MEC, 2010.

<sup>15</sup> Curso de Graduação – Licenciatura em Educação do Campo com Habilitação em Docência Multidisciplinar nas Áreas de Linguagens e Códigos e Ciências da Natureza e Matemática. (PPC, 2010, p. 08)

educação que busca a emancipação dos sujeitos. A realidade nos desafia cotidianamente na busca de uma educação estética significativa, onde promova que o aluno se aproprie do conteúdo universal da obra de arte e com ele possa compreender a si e agir no mundo em que está inserido. (SOARES, 2015, p.14).

Essa atuação docente desencadeou uma trajetória de luta, perseverança, teimosia, insistência, alegrias, surpresas, superação de limites, muitas emoções e principalmente compromisso com as causas sociais dos outros/nós, isto é, de estudantes/militantes<sup>16</sup> que compartilharam suas realidades e nos sensibilizaram para o envolvimento na militância.

A propósito, para escrever sobre a temática da Educação do Campo e de como acontecem os modos de expressão artística dos camponeses na militância, na luta de classes e na conquista de direitos, foi necessário recorrer às minhas memórias, às memórias de meus pais e avós maternos que em muito contribuíram para a minha formação humana e profissional. Sendo assim, recordarei de um tempo em que os ouvia e vivenciava de perto essas lembranças, pois:

Quando invocamos a memória, sabemos que ela é algo que não se fixa apenas no campo subjetivo, já que toda vivência, ainda que singular e auto-referente, situa-se também num contexto histórico e cultural. A memória é uma experiência histórica indissociável das experiências peculiares de cada indivíduo e de cada cultura. (SOUZA, 2007, p. 63).

Endosso o entendimento desse autor com relação à relevância das memórias para o processo de desenvolvimento da pesquisa e como instrumento muito eficaz, pois nos situa também num contexto histórico e cultural. Lembro-me de minha mãe sempre apresentando suas queixas por causa das condições sub-humanas de trabalho em que meu avô se encontrava; também de meu pai ter sofrido muito no tempo em que trabalhou como cortador de cana de açúcar e de dizer que o sindicato deveria ajudar os pobres daquela região a mudar a situação deles.

Afirmava que os fazendeiros agiam daquela forma porque os trabalhadores e moradores da região não tinham estudo, fato que acompanha a minha mãe até os dias de hoje e a faz lamentar pela falta de estudo, aliás,

---

<sup>16</sup> “[...] pessoas engajadas que tiram o tempo de seu lazer ou de seu sono para aprofundarem as questões, se organizarem e lutarem por seus direitos negados” (BOFF, 1998, p. 20).

condição muito presente para a maioria de nossos idosos, adultos e jovens em nosso país.

Essas lembranças me fizeram entender a razão pela qual sempre estive imbricada com as questões relacionadas aos direitos dos camponeses, estejam eles morando na cidade ou no campo, pois ao compreender as demandas desses sujeitos através de minha vivência com os/as estudantes durante o curso de Licenciatura em Educação do Campo, me sentia cada vez mais convocada e até mesmo intimada a aprofundar meu compromisso com a militância que tem sua origem com as questões comentadas acima sobre minha família.

O passo mais significativo dessa trajetória foi desvelar que essas demandas sociais não eram tão somente de minha família e sim de uma grande população de nosso país, que durante séculos tiveram seus direitos negados e silenciados por líderes governantes opressores que sentiam e ainda se sentem no direito de continuar oprimindo, conforme teorias do educador Paulo Freire quando diz que:

Para as elites dominadoras, esta rebeldia, que é ameaça a elas, tem o seu remédio em mais dominação – na repressão feita em nome, inclusive, da liberdade e no estabelecimento da ordem e da paz social. Paz social que, no fundo, não é outra senão a paz privada dos dominadores. (FREIRE, 2017, p. 92).

Dessa maneira, pude sair da inércia e me envolver com essa luta. A educação do campo e a arte, juntas, têm promovido movimentos crescentes no âmbito das pesquisas e nos convida “a pensar nas formas de apropriação da arte pelos sujeitos do campo, considerando a diversidade de linguagens e os seus usos nos diversos ambientes educativos” (CARVALHO e MARTINS, 2016, p. 19).

Essa afirmação é provocadora de debate, visto que refletir sobre a arte na dimensão das relações hegemônicas na sociedade é, sobretudo um desafio, uma vez que as concepções sobre o que vem a ser arte ou o que se constitui como arte e a quem é concebido o direito de “fazer arte” evocam uma disputa ideológica e filosófica.

Do ponto de vista teórico é possível constatar o avanço epistemológico na produção do conhecimento concernente a essa “disputa” haja vista as produções literárias acadêmicas na direção de um pensamento de que as



“Práticas Artísticas é um convite a refletirmos sobre as relações construídas entre os sujeitos sociais a partir da Arte” (CARVALHO e MARTINS, 2016, p. 20).

Há algum tempo vem se consolidando as práticas artísticas dos sujeitos do campo, haja vista, por exemplo, a oferta dos Cursos de Licenciatura em Educação do Campo com Habilitação em Artes, na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música, da Universidade Federal de Tocantins – UFT e também a Especialização em Arte no Campo<sup>17</sup>, curso de pós-graduação oferecido pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, visando atender a demanda por uma formação em artes em projetos de assentamentos da Reforma Agrária na Região Sul do Brasil.

Pensar na arte como veículo que promove a emancipação dos sujeitos do campo é o fio condutor dessa pesquisa que tem o objetivo de promover a discussão de **como se deu a arte e os modos de expressão artística desses/as educandos/as durante o curso, sobretudo, como essa prática se revelou no processo formativo e em quê a arte contribuiu para fortalecer essa emancipação.**

A pesquisa é, também, o resultado da experiência vivenciada como docente e articuladora das atividades do tempo escola (tempo universidade) e do tempo comunidade na Licenciatura em Educação do Campo com Habilitação em Docências Multidisciplinar: Ciências da Natureza e Matemática e Códigos e Linguagens com foco nesta última Habilitação.

A perspectiva é deixar notória a imbricação que está implícita e até mesmo explícita com as questões sociais, políticas, econômicas e de formação para a vida num projeto de sociedade onde a classe trabalhadora e seus filhos desvelem o olhar na direção de possibilidades de mudança e conquista de direitos. A arte promove “tudo isso”?!(sic)

Como instrumentos de análise das experiências, recorri aos arquivos fílmico e fotográfico, produzidos de forma amadora durante os módulos de

---

<sup>17</sup> O projeto foi aprovado no edital de Apoio a Projetos de Pesquisa / Chamada CNPq/MDA/-INCRA nº 26/2012.

aulas (tempo universidade<sup>18</sup>) e em visitas às comunidades (tempo comunidade<sup>19</sup>). Também às produções artísticas desenvolvidas durante as aulas dos componentes curriculares, principalmente os de Fundamentos das Artes Plásticas, Fundamentos da Música, Fundamentos das Artes Cênicas e as Oficinas de Artes Plásticas, de Música e de Artes Cênicas, nos Seminários de Articulação do Tempo Escola/Tempo Comunidade que aconteciam, geralmente, próximos ao encerramento do tempo formativo na Universidade.

O objetivo principal dos Seminários de Articulação foi de socializar as atividades do tempo comunidade orientadas pelos professores dos componentes curriculares do módulo anterior, dando ênfase à pesquisa e ao diálogo entre universidade e comunidades. Esses Seminários Articuladores configuraram um dos momentos mais ricos de liberação das expressões e manifestações artísticas e culturais dos educandos/das e a mística que exerceu um papel essencial no processo de formação do/as educandos/das sendo esta conceituada por Bogo<sup>20</sup> como

[...] a “mística é termo compreendido no estudo das religiões como adjetivo de mistério, assimilado por meio da experiência da própria vivência espiritual”. A compreensão aqui disposta é a dos movimentos populares – pela fundamentação filosófica, os movimentos populares compreendem a mística como expressões da cultura, da arte e dos valores como parte constitutiva da experiência edificada na luta pela transformação da realidade social, indo em direção ao topo, a parte realizável da utopia. (BOGO, 2013, p. 473 e 474).

Essa análise me impulsionou a descrever o lugar da arte nesse percurso, tendo o olhar voltado para a exposição das expressões artísticas que se configuram como símbolos da militância que alimentam a luta, relacionando-os com a realidade sócio-política-educacional da vida no campo.

A necessidade, a compreensão e a intencionalidade dos modos de expressão artística no processo de militância desses sujeitos estão

---

<sup>18</sup> Tempo Universidade é o tempo de presença direta do/as educando/as no local das aulas (universidade) para o desenvolvimento do conjunto de atividades do curso e participação no processo pedagógico geral do curso.

<sup>19</sup> Tempo Comunidade é o tempo de retorno ou de presença direta do/as educando/as na sua comunidade de origem, participando das atividades da organização social que o indicou para o curso, realizando tarefas delegadas pelos professores do curso e/ou pela própria comunidade responsável por seu acompanhamento nesse período.

<sup>20</sup> Ademar Bogo é doutor pela Universidade Federal da Bahia, militante, ex-seminarista, atuou no Setor de Formação do MST; poeta e escritor; autor do Hino do MST e de vários livros e músicas sobre a cultura, educação, arte e a mística do Movimento.

evidenciadas em toda a escrita deste Relatório. O desejo de compreender melhor os modos de expressão desses sujeitos através da arte se revelou quando comecei a lecionar nessa turma e fiquei encantada com as práticas artísticas dos/das educandos/as na mística, nos gestos, no canto, no movimento do corpo, nas palavras de ordem<sup>21</sup>, das bandeiras respeitosamente posicionadas durante as atividades e de como cada símbolo, cor e imagem contidos nessas bandeiras demarcavam mais um espaço conquistado (a Universidade), e que se deu mediante muita luta. Sobre essa especificidade Arroyo diz:

Aqui se fala mais com gestos do que com palavras. Isto é uma característica muito forte do movimento social do campo. Vocês falam de mil maneiras, falam com muitas linguagens, com palavras, com rituais e com sua mística maravilhosa. Falam cantando, falam com a presença das crianças, as crianças chorando, brincando, acompanhando as mães e os pais. (ARROYO, 2004, p. 09)

Durante os anos<sup>22</sup> de envolvimento acadêmico como professora e pesquisadora com os/as educandos/as, com os/as docentes, com a coordenadora do curso e os/as funcionários/as do campus, pude apreender sobre o espírito coletivo sempre presente nos militantes/estudantes e de como esse espírito alimentava a luta e os faziam persistir, mesmo quando tudo parecia correr para o lado contrário.

Era muito latente a poesia, a música, as palavras de ordem e a mística que tantas vezes se fizeram presentes no cotidiano do curso, nos ensinando que, ainda que tudo estivesse ruim, existia algo muito maior dentro de cada um que nos impulsionava a continuar, a lutar, a persistir e, sobretudo, a não se conformar com o que nos é imposto.

Em suma, ser Sem Terra<sup>23</sup>, campesino, assentado, filho de assentado, quilombola, todos enfim, vivenciar o cotidiano da vida acadêmica não é algo

---

<sup>21</sup> A palavra de ordem deve representar os desafios enfrentados no período vigente do congresso (**ou outra atividade**). Também deve ser um instrumento de agitação e propaganda das ideias do programa para a militância, nas massas e na sociedade brasileira em geral. O nosso lema precisa sinalizar para o conjunto da base dos movimentos e todos os nossos aliados na sociedade, de que nos mantermos firmes na defesa de nossos objetivos políticos de lutar pela terra, lutar pela reforma agrária e lutar por transformação social (CALDART e ALENTEJANO, 2014, p. 222).

<sup>22</sup> De 2013 a 2018, sendo que em 2018 se deu a colação de grau dessa turma, oportunidade em que tive a honra de ser a madrinha.

<sup>23</sup> Sem Terra, com letras maiúsculas e sem hífen, é o nome próprio que identifica os sem-terra do MST. A expressão "sem-terra" indica a categoria social de trabalhadores e trabalhadoras do

fácil, mas é possível e essa possibilidade é o que nos impulsionam a romper com as contradições, afinal “*Sem Terra*, é também sinal de identidade construída com autonomia” (CALDART, 2004, p. 20).

Trazer o tema da arte, nesta pesquisa, para o Programa de Mestrado em Educação do Campo não é uma tarefa fácil, pois ainda temos poucas referências bibliográficas no universo da Educação do Campo e também da Arte, mas os dois juntos ainda têm poucas, porém compreendemos que é importante para a militância das duas áreas continuarem nesse movimento, conforme Araújo diz:

Pesquisar o ensino de arte na educação do campo é uma forma de contribuir significativamente para a produção do conhecimento nessa área e para outros grupos de pesquisadores que se interessam por essa temática, tendo em vista a escassez de pesquisas no Brasil sobre arte/educação do campo (ARAÚJO, 2016, p. 147).

No tocante aos aspectos da vida pessoal e profissional, esta pesquisa me completa, pois sou artista, sou professora de artes e a arte me permite transcender no campo do conhecimento através da criatividade, do ato de criar e reproduzir, a todos que puder, não só o conhecimento, mas como minha produção artística.

Por fim, sobre a estrutura deste Relatório o mesmo se divide em tópicos que buscam descrever já na **Introdução** a imbricação pessoal da pesquisadora com a arte e a educação do campo; descreve e reflete sobre o percurso metodológico da pesquisa e os teóricos que sustentam as teorias abordadas em **Elementos teóricos e metodológicos da pesquisa**; descreve a trajetória histórica da educação rural e a educação do campo no Brasil, refletindo sobre o campo de disputa, descaso dos governantes e a luta dos movimentos sociais por educação no tópico **Da Educação Rural à Educação do Campo no Brasil: breve histórico**; No tópico **A Educação do Campo no Ensino Superior: trajetória e desafios** convida a refletir sobre a necessidade de formação inicial para os camponeses e como se deu essas conquistas e os desafios postos; em **Arte política nas linguagens artísticas: as produções**

---

campo que não têm terra e que passam a requerê-la como direito. Trata-se de um vocábulo recente nos dicionários de língua portuguesa, uma das conquistas culturais da luta pela terra no Brasil. Mas em seu nome, os Sem Terra, mantêm a grafia original de seu nascimento como sujeitos que criaram o MST ([http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142001000300016](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000300016)).

**artísticas dos/das educandos/das na habilitação de Códigos e Linguagens da LECampo** discute sobre a arte com uma função social e de como os movimentos sociais usam a arte a favor de sua militância descrevendo as práticas artísticas do/as educandos/as durante o curso através dos dados recolhidos nas produções áudio visual, nos relatórios do TE/TC e nos questionários; Por fim, caminhamos para **as Considerações finais**.

## **2. ELEMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: A TRILHA PERCORRIDA**

A pesquisa é de cunho qualitativo, pois trabalha com universo dos significados, dos motivos das aspirações, das crenças dos contextos sociais, de uma realidade vivida e partilhada com outro semelhante. Para Dias, “a pesquisa qualitativa se caracteriza, principalmente, pela ausência de medidas numéricas e análises estatísticas, examinando aspectos mais profundos e subjetivos do tema em estudo” (DIAS, 2000, p. 141). Amplia as possibilidades de reflexão em torno do objeto de estudo, possibilitando análises mais profundas e conseqüentemente descobertas significativas para diversas áreas do conhecimento, pois os estudos qualitativos:

[...] englobam um conjunto heterogêneo de métodos, de técnicas e de análises, que vão desde os estudos antropológicos e etnográficos, as pesquisas participantes, os estudos de caso até a pesquisa-ação e as análises de discurso, de narrativas, de histórias de vida. (ANDRÉ, 2007, p. 121).

O tipo da pesquisa adotado é participante, pois como já foi dito anteriormente a relação com os sujeitos da pesquisa se deu antes de iniciar os estudos no mestrado e essa relação entre sujeito-pesquisador faz de nós coparticipantes no processo de investigação, conforme Brandão orienta que

Deve-se partir da realidade concreta da vida cotidiana dos próprios participantes individuais e coletivos do processo, em suas diferentes dimensões e interações – a vida real, as experiências reais, as interpretações dadas a estas vidas e experiências tais como são vividas e pensadas pelas pessoas com quem inter-atuamos (BRANDÃO, 2007, p. 54).

A compreensão que temos sobre pesquisa está amparada no conceito apresentado por Lakatos e Marconi, onde afirmam ser “um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais” (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 155).

Para que a pesquisa consiga trilhar o caminho de maneira a responder a problemática levantada se faz necessário o estudo metodológico, “em particular técnicas de pesquisa, que ensinam como gerar, manusear e consumir dados, em contato com a realidade” (DEMO, 2014, p.11).

Quanto aos fins, em que pese essa pesquisa ser participante ela também desbrava, rompe trincheiras, pois tem a intenção de visibilizar as expressões artísticas desses sujeitos por entender a relevância da proposta de investigação uma vez que os estudos de arte no contexto do campo ainda são tímidos no âmbito acadêmico e por isso mesmo se faz necessário fortalecer a discussão e ampliá-la através da elaboração do Catálogo Fotográfico<sup>24</sup> intitulado **Arte e Educação do/no Campo: Identidades<sup>25</sup> Reveladas nos Modos de Expressão Artísticas dos/das Licenciados/das da UNEB**, com o objetivo de contar essa trajetória durante o curso.

As categorias centrais da pesquisa buscam o entendimento acerca da materialidade da Educação do Campo, Licenciatura em Educação do Campo e Modos de Expressão Artística dos licenciados em Códigos e Linguagens, que serão desdobramentos advindos do campo empírico presentes nas falas e nas expressões observadas na análise do material recolhido.

Para o campo empírico, os instrumentos para a coleta de dados, foram: análise documental, aplicação de questionário e memória fotográfica e audiovisual a fim de descrever a estrutura pedagógica e de funcionamento do Curso, principalmente em relação aos componentes curriculares da área de artes. Sendo os documentos: Projeto Pedagógico do Curso – PPC; Caderno de Atividades do Tempo Comunidade e Relatórios das Atividades do Tempo Comunidade.

Houve também aplicação de questionário (Apêndice A), “instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 201), foi encaminhado por e-mail em virtude da diversidade geográfica dos sujeitos da pesquisa<sup>26</sup>. Além do questionário, foi

---

<sup>24</sup> Mais à frente, apresentaremos a proposta do Catálogo Fotográfico que será o produto final a ser apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Educação do Campo da UFRB.

<sup>25</sup> O conceito de identidade é compreendido conforme argumento de BOGO (2010, p. 31) quando diz: “Em suma, podemos dizer que, numa sociedade que sobrevive da natureza e ao mesmo tempo é subdividida em classes, a identidade é biológica, histórica, cultural e, quando as perspectivas apontaram na direção das mudanças estratégicas, é também política, articulada em torno de um projeto de poder, em que a classe proletária, organizada nas suas diversas forças, opondo-se à classe burguesa, torna-se o sujeito histórico das transformações, objetivando ocupar, com uma nova ordem, o lugar da velha, colocando-a em um novo patamar de negociações”.

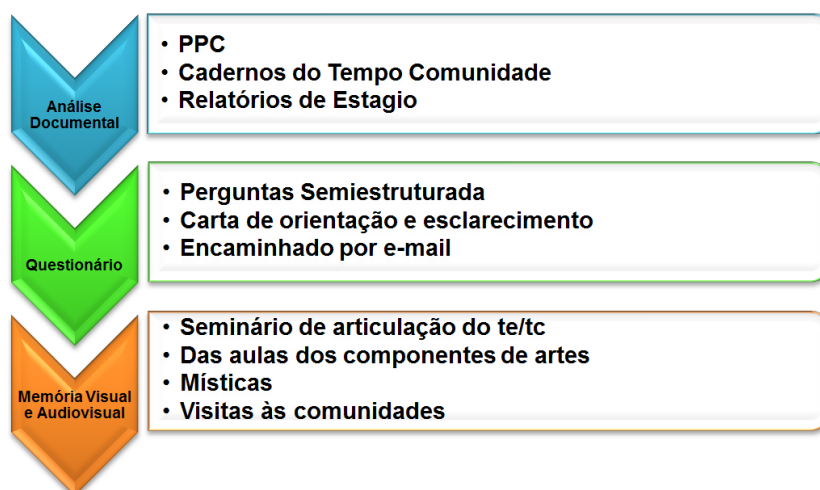
<sup>26</sup> Esse dado está descrito mais detalhadamente no mapa ilustrado localizando o lugar onde os sujeitos da pesquisa moram.

encaminhada uma carta (Apêndice B) com orientações sobre as perguntas e o prazo de devolução dos questionários respondidos. As perguntas elaboradas foram abertas, “também chamadas livres ou não limitadas, são as que permitem ao informante responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões” (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 204).

Por fim, as fotografias e vídeos produzidos no decorrer do curso, com destaque para as aulas das linguagens artísticas, as atividades ligadas aos Seminários de Articulação do tempo escola e tempo comunidade, as visitas às comunidades dos/das cursistas, das místicas e todo o processo de confecção do objeto de arte produzido pelos/as educando/as, sob a minha coordenação, resultando na Colcha de Retalhos que conta, através da imagem, a história do lugar de cada cursista/militante. Destacamos esse instrumento de coleta de dados (registros fílmicos) pela singularidade que foi essa atividade e pela dimensão política, social e didática que se tornou a despeito de ser “reproduzida”<sup>27</sup> em várias comunidades, também em escolas, lugares de cultos (a depender das religiões representadas), e Programas Institucionais e Universidades<sup>28</sup>.

Abaixo uma síntese dos instrumentos e documentos para análise dos dados no campo empírico.

**Figura nº 02:** Síntese os instrumentos de coleta de dados.



<sup>27</sup> Descrevo com riqueza de detalhes sobre a reprodução da colcha de retalhos, assim como sua exposição e representação em vários eventos na área de educação na Educação Básica e no Ensino Superior no tópico 5.1 deste Relatório.

<sup>28</sup> Dedicaremos um tópico desse Relatório para abordar sobre como se deu desde a concepção até a feitura da colcha de retalhos.



Fonte: Figura elaborada a partir dos dados empíricos

As produções artísticas dos/das educandos/as da LECampo/UNEB se constituíram um acervo muito rico para a compreensão de qual o lugar da arte na formação, emancipação e transformação dos/das educandos/as que frequentaram esse curso, pois:

Esse ser sujeito de produções artísticas é também aprendizagem importante da capacidade de inventar as ações e estratégias coletivas mais eficazes para a transformação da realidade. Enquanto cria formas estéticas, o povo está assumindo seu potencial criativo, está se preparando para recuperar integralmente seu papel de sujeito construtor da história (CALDART, 2017, p. 1720).

Considerando a minha implicação nesse estudo, a pesquisa se deu antes mesmo do meu ingresso no Programa de Mestrado em Educação do Campo, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, pois as indagações começaram em 2013 quando da minha inserção no Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo – PROCAMPO, convênio de Nº 742012/2008 – MEC/SECAD/UNEB, no Departamento de Educação - Campus XIII, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, na cidade de Itaberaba - Bahia.

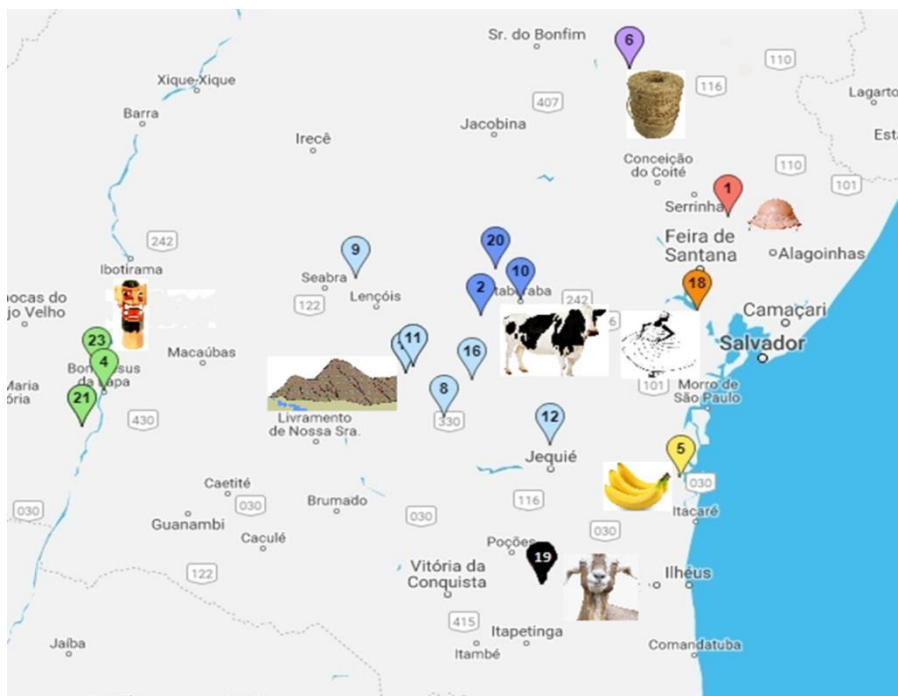
A turma foi batizada como “Turma Paulo Freire”, nome que os/as educando/as escolheram em homenagem ao patrono da educação brasileira e por se constituir a base epistemológica adotada pelo *Movimento Nacional Por Uma Educação do Campo*, sobretudo porque o autor é referência em Educação Popular, que é a raiz da educação do campo. Salientamos que a turma concluiu com quarenta e nove (49) educandos/as, das sessenta (60) vagas ofertadas e preenchidas no processo seletivo vestibular.

Os/as Cursistas se deslocaram de várias partes da Bahia, representando sete (07) movimentos sociais de luta pela terra, escolas e sindicatos, a saber: EFAs - Escolas Famílias Agrícolas; MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra; CETA- Movimento dos/as Trabalhadores/as, Assentados/as, Acampados/as e Quilombola; MLT- Movimento de Luta Pela Terra; FETAG- Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado da Bahia; FETRAF- Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar no Estado da Bahia; FATRES- Fundação de Apoio aos Trabalhadores/as Rurais e Agricultores/as

Famílias da Região do Sisal e Semiárido. Distribuídos em sete (07) Territórios de Identidade, quais sejam: Piemonte do Paraguaçu; Chapada Diamantina; Portal do Sertão; Recôncavo; Costa do Dendê; Sisal; Velho Chico e em vinte e um (21) municípios do Estado da Bahia, sendo eles: Itaberaba, Ruy Barbosa, Boa Vista do Tupim, Marcionílio Souza, Itaetê, Iraquara, Iramaia, Souto Soares, Wagner, Água Fria, Camamu, Muritiba, Ituberá, Cansanção, Nordestina, Pindobaçu, Monte Santo, Bom Jesus da Lapa, Serra Ramalho e Sítio do Mato.

Para melhor entendimento, o mapa a seguir mostra a localização da cidade de Itaberaba, local onde as aulas aconteciam, e os municípios dos/das cursistas. O mapa ilustrado contém a localização dos municípios e figuras que simbolizam a diversidade cultural e de produção de cada lugar representado pelos/as estudantes/militantes. Logo em seguida, o quadro complementa o mapa ilustrado com a localização, o nome das comunidades, municípios e territórios de identidade da Bahia.

**Figura nº 03:** MAPA - Territórios de identidade, comunidades e municípios.



Fonte: Projeto Pedagógico do Curso – 2010. Arquivo: Elaborado por Aline Pimenta Motta<sup>29</sup>

<sup>29</sup> Aline Pimenta Motta é graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, mestre em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social pela Faculdade Visconde de Cairú - FVC, analista universitária na Universidade do Estado da Bahia - UNEB atuando na Pró-Reitoria de Ensino de Graduação - PROGRAD. Colaboradora desta pesquisa na criação do mapa de territórios, comunidades e municípios dos sujeitos da pesquisa.

**Quadro nº 01:** Quadro de representação dos elementos do mapa.

Ícone	Localização	Assentamento/ Comunidade	Município	Território de Identidade
	1	P. A. Menino Jesus	Água Fria	Portal do Sertão
	2		Boa Vista do Tupim	Piemonte do Paraguaçu
	3	P. A. Che Guevara	Boa Vista do Tupim	Piemonte do Paraguaçu
	10		Itaberaba	Piemonte do Paraguaçu
	20		Ruy Barbosa	Piemonte do Paraguaçu
	04	Quilombo Rio das Rãs	Bom Jesus da Lapa	Velho Chico
	21	P.A. Extrativista São Francisco (Comunidade Pambú)	Serra do Ramalho	Velho Chico
	22	P.A. Extrativista São Francisco	Serra do Ramalho	Velho Chico
	23	P.A. Reunidas José Rosa	Sítio do Mato	Velho Chico
	05	Quilombo Dandara dos Palmares	Camamu	Baixo Sul
	06	Fazenda Brito	Cansanção	Sisal
	07	P.A. Nova Vida	Cansanção	Sisal
	08		Iramaia	Chapada Diamantina
	09	P.A. Reunidas F. S	Iraquara	Chapada Diamantina
	11	Colônia	Itaetê	Chapada Diamantina
	12	P. A Baixão	Itaetê	Chapada Diamantina
	13	P.A. Florentina	Itaetê	Chapada Diamantina

	14	P.A. Moçambique	Itaetê	Chapada Diamantina
	15	P.A. Rosely Nunes	Itaetê	Chapada Diamantina
	16	P.A. Caxá	Marcionílio Souza	Chapada Diamantina
	17	P.A. Lafayette	Marcionílio Souza	Chapada Diamantina
	18		Muritiba	Recôncavo
	19	P.A. Nova Canãa	Pindobaçu	Piemonte Norte do Itapicuru

Fonte: Projeto Pedagógico do Curso – 2010. Arquivo: Elaborado por Aline Pimenta Motta

O curso funcionou em regime de alternância, com dois momentos distintos de formação, quais sejam: o tempo escola (tempo universidade) e o tempo comunidade. Esses tempos educativos buscam dialogar entre si através de uma matriz interdisciplinar que articula a tríade de sustentação universitária (pesquisa, ensino e extensão), sobretudo ao considerar a **pesquisa** como princípio educativo, o **ensino** que promove circulação do conhecimento produzido pela humanidade e a **extensão** como elemento que aproxima o aprendido no espaço acadêmico com os saberes advindos das comunidades.

*“Todos os dias é um vai e vem”<sup>30</sup>... A pedagogia da alternância é algo possível e dinâmico na vida dos educandos/as e não só mais uma forma de aprender, mas uma pedagogia fundada na vida dos sujeitos do campo, pois... “a plataforma dessa estação, é a vida desse meu lugar, é a vida desse meu lugar, é a vida”...A música “Encontros e Despedidas” de autoria de Maria Rita, foi usada para nortear a atividade que idealizei, planejei e executei no curso de Licenciatura em Educação do Campo, que resultou na confecção da “colcha de retalhos”<sup>31</sup>, apresentada no I Seminário de Articulação Tempo Escola/Tempo Comunidade, intitulado “Notícias do Mundo de Lá”.*

<sup>30</sup> Composição de Milton Nascimento e Fernando Brant, interpretação de Maria Rita no álbum intitulado Maria Rita, com lançamento no ano de 2003.

<sup>31</sup> No decorrer deste relatório haverá mais detalhes sobre a atividade que resultou na confecção da colcha de retalhos.

Neste seminário, os/as educandos/as socializaram as atividades realizadas durante o tempo comunidade, solicitadas e orientadas pelos professores dos componentes curriculares do Núcleo de Fundamentos – N1 - Bases Filosóficas da Educação do Campo; Estudos Sócio-Culturais e Educação do Campo; Estado, Sociedade, Campesinato e Educação; História e Organização da Educação Brasileira; Educação do Campo I; Educação do Campo II, sob a temática relacionada à cultura, memória e identidade dos sujeitos militantes/aprendentes que frequentavam o curso.

O Projeto Pedagógico do Curso- PPC, de Licenciatura em Educação do Campo com Habilitação em Docência Multidisciplinar: Ciências da Natureza e Matemática e Códigos e Linguagens foi pensado de maneira a “criar alternativas de organização curricular e do trabalho docente que viabilizem uma alternativa significativa no que se refere aos anos finais do ensino fundamental e ao ensino médio” (PPC, 2010, p. 39). Neste sentido, o currículo foi organizado por alternância entre tempo-escola e tempo-comunidade, a proposta curricular do Curso integra a atuação dos sujeitos educandos na construção do conhecimento necessário à formação de educadores, não apenas nos espaços formativos escolares, como também nos tempos de vida culturais e psíquicos das comunidades onde se encontram as escolas do campo.

A matriz curricular propôs uma Base Comum a todos os/as licenciados/as, sejam eles/elas da habilitação em Códigos e Linguagens ou habilitação em Ciências da Natureza e Matemática, distribuída entre cinco Núcleos Formativos: Núcleo de Fundamentos – N 1; Núcleo de Teorias e Práticas das Aprendizagens - N 2; Núcleo de Metodologias de Ensino - N 3; Núcleo de Pesquisa e Prática em Educação – N 4 e Núcleo de Gestão de Processos Educativos – N 5.

As aulas dos componentes curriculares que compunham esses núcleos eram ofertadas a todos/as os/as educandos/as formando uma única turma, e, conforme explícito no PP do Curso, a partir do quinto módulo, “correspondente a dois semestres letivos para cada módulo” (PPC, 2010, p. 38), organizados por áreas do conhecimento, quais sejam: “Núcleo de Ciências da Natureza e

Matemática – N 6 e Núcleo de Códigos Linguagens- N 7” (PPC, 2010,p. 44-46), composto pelos componentes curriculares específicos de cada habilitação.

A centralidade da pesquisa registrada neste Relatório é a área do conhecimento de Códigos e Linguagens e que compõe Língua Portuguesa, Literatura, Língua Estrangeira e Artes, com o olhar voltado para os componentes curriculares de Artes, conforme os elementos que compõem o quadro abaixo:

**Quadro nº 02:** Componentes curriculares das Linguagens Artísticas.

Núcleo	Componentes Curriculares	Carga Horária
Núcleo de Códigos e Linguagens – N 7	Fundamentos de Artes Cênicas	75 h
	Fundamentos da Música	75h
	Fundamentos das Artes Plásticas	75h
	Oficina de Artes Cênicas	60h
	Oficina de Música	60h
	Oficina de Artes Plásticas	60h

Fonte: Projeto Pedagógico do Curso, 2010. Arquivo: Elaborado pela pesquisadora

Os componentes curriculares acima elencados fizeram parte do processo de ensino e de aprendizagens dos/as educandos/as, aproximando cada vez mais a universidade da comunidade e vice-versa, nos seus diversos modos de expressa que traduziam o cotidiano das comunidades de origem desses/as educandos/as, através da interface com o conhecimento científico, conforme mencionado anteriormente. Contudo, há que se registrar a participação/colaboração dos licenciados da habilitação de Ciências da Natureza e Matemática que se envolveram em várias atividades ligadas às linguagens artísticas, mesmo sem ter obrigatoriedade o que os caracteriza, também, como sujeitos da pesquisa em questão.

*“Quem são vocês? Somos PROCAMPO outra vez!”*

**Figura nº 04:** II Seminário de Articulação do Tempo Escola/Tempo Comunidade – “Vivências das Práticas Pedagógicas: sonhos que podemos ter/somos quem podemos ser”



Foto: Lídia Barreto da Silva. Arquivo: da pesquisa

Essas palavras de ordem foram usadas pelos/as educandos/das para iniciar o II Seminário de Articulação do Tempo Escola/Tempo Comunidade – “Vivências das Práticas Pedagógicas: sonhos que podemos ter/somos quem podemos ser”; o uso delas neste relatório permitirá descrever quem são os sujeitos que deram sentido à pesquisa.

Os modos de expressão dos sujeitos do campo são compreendidos na dimensão pedagógica de uma formação que valoriza as várias manifestações artísticas e culturais: as festas populares, a religiosidade, os símbolos, os gestos, as tradições, a mística; enfim, as raízes do povo do campo, cuja dimensão ultrapassa aspectos meramente didáticos.

Por isso, sua importância assenta na capacidade de articular as dimensões política, econômica e social do vivido pelos movimentos do campo, no diálogo constante durante os tempos formativos e nos programas curriculares, como forma de garantir a plena formação do homem e da mulher do campo, que não o separa da utopia, da transformação e onde a *práxis* é considerada como a epistemologia do movimento, conceituada como:

Práxis, entendida como o fazer no qual o sujeito é autor fundamental do desenvolvimento de sua própria autonomia, num processo em que a teoria e a prática são integradas dialeticamente na tessitura da ação educacional. A práxis no contexto da educação é uma forma especial de exercer a viver a docência que se interessa por desvelar os pressupostos,

crenças e representações de fenômenos interligados ao seu exercício como: conhecimento, ciência, poder, ensino, aprendizagem, eu naturalmente orienta suas práticas e relações (SOARES e MIRANDA, 2013, p. 11).

A título de interlocução, esse estudo foi amparado na lógica contra hegemônica e toma a Pedagogia do Movimento, em Caldart, e a Pedagogia do Oprimido, em Freire, para sustentar epistemologicamente a escrita do Relatório Científico.

Essa discussão tem apoio também nas orientações de Brandão (2007, p. 54) sobre a pesquisa participante que parte “da realidade concreta da vida cotidiana dos próprios participantes individuais e coletivos do processo”, pois a pesquisa se deu com o envolvimento de todos, num processo imbricado entre pesquisadora e colaboradores da pesquisa, a saber, educadora e educandos/as como fonte direta de produção do conhecimento, em que a relação entre sujeito e objeto se modifica, conforme Brandão continua orientando:

A relação tradicional de sujeito-objeto, entre investigador-educador e os grupos populares deve ser progressivamente convertida em uma relação do tipo sujeito-sujeito, a partir do suposto de que todas as pessoas e todas as culturas são fontes originais de saber. É através do exercício de uma pesquisa e da interação entre os diferentes conhecimentos que uma forma partilhável de compreensão da realidade social pode ser construída (BRANDÃO, 2007, p. 54)

A discussão continua, trazendo o processo de transformação dos sujeitos da pesquisa como fato real, possível e acima de tudo contagiante. O quadro abaixo relaciona a quantidade dos/das educandos/as, o nome da comunidade a que pertencem e o movimento social no qual militam, o mesmo serve para desenhar o perfil dos sujeitos da pesquisa:

**Quadro nº03:** Perfil do universo dos sujeitos da pesquisa.

<b>Quantidade de Licenciados</b>	<b>Assentamento/Comunidade</b>	<b>Movimento Social</b>
02	P. A. Nova Canaã – Pindobaçu	CETA
01	P. A. Nova Vida – Cansanção	CETA
01	Fazenda Brito - Cansanção	FATRES
05	P.A. Menino Jesus – Água Fria	MST
01	P.A. Reunidas José Rosa- Sítio do Mato	CETA
01	Ruy Barbosa	EFA



01	Quilombo Rio das Rãs –Rio das Rãs	CETA
01	P.A Reunidas F.S. - Iraquara	FETAG
01	P.A. Moçambique - Itaetê	MST
01	P.A. Rosily Nunes - Itaetê	EFA
01	Colônia - Itaetê	EFA
01	P. A.Baixão - Itaetê	EFA
01	P. A. Florentina - Itaetê	MST
01	Extrativista São Francisco (Comunidade Pambú) – Serra do Ramalho	CETA
05	P.A. Extrativista – Serra do Ramalho	CETA
01	Boa Vista do Tupim	MST
01	P.A. Lafaiete – Marcionílio Souza	CETA

Fonte: Projeto Pedagógico do Curso – 2010. Arquivo: Elaborado pela Pesquisadora

Todos/as os/as cursistas pertencem a um movimento social organizado, escola e/ou sindicato, esse destaque se faz necessário por entendermos a importância dos movimentos organizados tecerem diálogos constantes com a universidade a fim de viabilizar a formação de seus militantes, sobretudo por entenderem

[...] a importância da pesquisa como método de aprofundar o conhecimento e como forma de luta política, construindo relações com intelectuais e com universidade, de modo a consolidar na prática de seus militantes a necessidade de estudar, de pesquisar a realidade para transformar o conhecimento científico em instrumento da luta da classe trabalhadora (CALDART e ALENTEJANO, 2014, p. 08).

Os autores destacam a importância que os movimentos sociais dão ao processo de escolarização dos seus militantes, de seu povo e o entendimento que os mesmo têm em relação a esse processo como pauta de luta constante, por isso essa demanda está em todas as pautas de luta, pra que todos tenham acesso ao processo formativo da escola e na universidade porque no cotidiano dos movimentos o processo formativo já acontece. Pesando nessa direção é que elaboramos um gráfico para melhor compreensão visual da vinculação dos/das cursistas e sua vinculação com as entidades sociais.

**Gráfico nº 01:** Vinculação a Entidades



Fonte: Projeto Pedagógico do Curso, 2010. Arquivo: Elaborado pela pesquisadora

As discussões em torno das metodologias de pesquisa na área de artes são recentes, contudo em crescente movimento, a exemplo de vários eventos promovidos pelas associações, organizações e universidades em todo o país. Essa mobilização acerca das metodologias de pesquisa na área de artes revela a preocupação, como também a necessidade de se pensar a metodologia que atenda as especificidades da arte, por vezes tão incompreendida, sobretudo levando em consideração a natureza dinâmica e inconclusa dos/das que fazem e estudam arte; a respeito disso Ribeiro (2010) diz:

Ciência, filosofia e arte, são formas de compreender e expressar a realidade humana. Só a arte, todavia, como lembra Karel Kosik, é capaz de apreender o ser humano nas suas mais diversas dimensões unindo sentimentos, afetos, amor, paixão, razão, cultura e conhecimento. Assim mesmo, no mais das vezes, o artista vive atormentado na busca de traduzir na tela, na música, no texto poético ou literário ou na dramaturgia as questões e sentimentos humanos que se condensam em si mesmo. Poderíamos dizer que cada artista, em realidade, mesmo produzindo muitas obras, sempre está em busca daquela que finalmente sintetiza os enigmas humanos que o atormentam (RIBEIRO, 2010, prefácio).

Uma delas diz respeito à diferença entre uma pesquisa **em** ensino de arte e uma pesquisa **sobre** ensino de arte e os limites entre essas duas linhas de pesquisa. As pesquisas **em** ensino de arte enfatizam o processo de ensino de arte, seus fundamentos e as reflexões sobre eles, sua prática e sua reflexão

é o ensino de arte enquanto processo do ser vinculado ao fazer, aprender e ensinar concomitantes, indissociáveis, interagentes e interativos.

O professor de arte, nesse sentido, precisa ser um pesquisador constante e o ideal é que esteja em atividade na condição de artista, pois a pesquisa do fazer artístico se faz no próprio fazer, refletindo sobre esse fazer do ensinar a arte, se faz no fazer aprender e na sua reflexão, assim atuar como artista é condição importante na pesquisa **em** ensino de arte, assim como atuar como multiplicador de conhecimento. Sobre essa questão BRITES e TESSLER, afirmam:

A parte da prática plástica ou artística, sempre pessoal, deve ter a mesma importância da parte escrita, uma não é indissociável da outra. Debater, examinar, criticar, avaliar seus trabalhos e de outros também é fator de suma importância (CARVALHO, 2009, p.112).

Já a pesquisa **sobre** ensino de arte é o estudo da história e da teoria do ensino de arte assim como as metodologias, sua teoria e sua crítica é bastante recente no Brasil. A arte-educadora Ana Mae Tavares Barbosa foi pioneira nesse estudo, e ainda é com atuação de destaque até os dias de hoje.

O conhecimento da teoria pode contribuir muito para abertura de novos caminhos e possibilidades, uma vez que é crescente o entendimento de que para ensinar arte não basta somente ter habilidades, mas saber arte e conhecer/saber, ensinar/aprender, pois ao saber da história e das teorias que envolvem o ensino de arte pode ajudar a compreender, não só o presente e projetar melhor atuação no futuro, mas também lançar uma luz sobre o próprio fazer/ensinar/aprender arte, conhecer e analisar as diversas metodologias de ensino de arte passa a ser fundamental para contribuir com a melhor adequação e a dinamização do processo de ensino-aprendizagem. Lavelberg reforça:

É necessário que o professor seja um “estudante” fascinado por arte, pois só assim terá entusiasmo para ensinar e transmitir a seus alunos a vontade de aprender. Nesse sentido, um professor mobilizado para a aprendizagem contínua, em sua vida pessoal e profissional, saberá ensinar essa postura a seus estudantes. O professor deve conhecer a natureza dos processos de criação artística, propiciando aos estudantes oportunidades de edificar ideias próprias sobre arte, enriquecidas de informações mediadas pelo professor, conforme o fazem os pensadores que refletem sobre a

produção social e histórica da arte como críticos, historiadores ou apreciadores (IAVELBERG, 2003, p. 12).

Segundo o Dicionário Michaelis a preposição **em** significa a forma como se pratica a ação, já a preposição **sobre** diz algo que está de acordo com, segundo, conforme algo ou alguém. Logo, assim pode-se pensar mais facilmente sobre as diferenças entre as duas formas de pesquisa.

**Em** ensino de arte as formas como se praticam ou praticaram e/ou se desenvolveram o ensino de arte vivenciados e/ou propostos por uma ou mais pessoas. A pesquisa **sobre** ensino de arte refletirá de acordo com os fatos históricos, segundo teóricos, conforme pressupostos desta área de conhecimento e das áreas afins.

Mesmo esclarecendo os conceitos e forma de uma e da outra pesquisa é possível perceber que, algumas vezes, essas duas formas de pesquisa se entrelaçam, uma vez que ao se relatar, pensar uma forma de prática podemos sentir necessidade de nos apoiar também em mais de uma teoria para melhor fundamentá-las e compreendê-las. O que não se deve deixar de compreender é que a “a pesquisa de arte buscará o rigor de análise que lhe permita qualificar-se como pesquisa, ligada à sensibilidade do olhar e fundamentação teórica” (CARVALHO, 2009, p. 113).

A pesquisa ora apresentada está no caminho das **pesquisas em artes** por se tratar de estudo que busca descrever o lugar da arte no percurso formativo dos/das licenciados/das da educação do campo da UNEB, com o olhar voltado para a exposição das expressões artísticas que se configuraram como símbolos da militância que alimentam a luta, relacionando-os com a realidade sociopolítica educacional da vida no/do campo.

As perguntas que norteiam a pesquisa foram propostas da seguinte maneira:

1. Como as práticas artísticas se revelaram nos distintos processos formativos?
2. Em que a arte contribuiu para fortalecer a emancipação dos licenciados e das licenciadas?

A base epistemológica da pesquisa, apresentada aqui, é crítica e nessa linha selecionamos os autores para dialogar com o objeto pesquisado, os

modos de expressão artística dos/das licenciados/as da Educação do Campo, pois o mesmo também define os autores que melhor argumentam a base teórica da pesquisa.

Para dar conta das categorias de análise que atravessam a pesquisa, buscamos autores de relevância nacional no debate da Educação do Campo e teóricos clássicos, destacando: ARROYO (2011), ARAÚJO (2017); CALDART (2002; 2004; 2008; 2013), CALDART e ALENTEJANO (2014); FRIGOTTO (2013); HAJE (2010), MOLINA (2004; 2008) MOLINA e SÁ (2011; 2013); MORISSAWA (2001); ROCHA e MARTINS (2009), SANTOS (2013); SILVA (2014). Ainda, buscou-se respaldo nos verbetes do Dicionário da Educação do Campo que tratam especificamente da Educação Básica do Campo: Educação do Campo, Escola do Campo, Formação de educadores do campo, Licenciatura em Educação do Campo, Mística e Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA, dialogando com autores para quem a concepção de campo é defendida como aquela construída nos últimos anos pelo movimento político formado pelos movimentos sociais e sindicais do campo; por instituições educacionais e religiosas, organizações não-governamentais e entidades.

As categorias que tratam sobre os modos de expressão artística existem diversos estudos, cada um correspondendo a um nível diferente de abordagem. Destacam-se nessa pesquisa os teóricos clássicos da área de arte, tais como: FISCHER (1975); KONDER (2013) e TOLSTOI (2002), além dos autores brasileiros com ampla discussão no campo da arte e do ensino de arte, sendo eles: BARBOSA (2002; 2008; 2009; 2010), BOSI (1995); e IAVELBERG (2003).

Destacamos os autores que tratam da arte na educação do campo: ARAÚJO (2016); BOGO (2002; 2013; 2016); BOFF, BETTO E BOGO (2000); CALDART (2017); CARVALHO e MARTINS (2016); FREDERICO (2013); MARTINS (2009); SILVA, MIRANDA, AIRES e OLIVEIRA (2016) e VILLAS BÔAS e PEREIRA (2015) com propostas teóricas que contemplam o ensino das artes como forma de emancipação dos sujeitos e, como forma de expressão que possa levar o sujeito a uma reflexão mais profunda sobre as questões sociais, políticas, econômicas e de resistência a tudo que o impeça

de ser um ser humano livre e com a capacidade de se expressar de maneira livre.

Apreciar imagens, com um olhar mais atento, enxergar-se em uma produção cênica e musical, na mística, identificar criticamente o contexto social, político das produções artísticas e o fazer/produzir artístico, cada ação desta leva o sujeito a descobrir diferenças e pontos em comum entre os trabalhos, aproximando-o cada vez mais do universo das artes por meio da linguagem visual, da música, da dança, do cênico; e levando-o a entender o contexto em que a obra está inserida, seu momento histórico, a história das técnicas, relatos de experiências de alguns artistas e questões relacionadas com o momento político, social e religioso da época.

Sendo assim, reiteramos a importância de se valer das linguagens artísticas para refletir, discutir e modificar a atual condição do Ensino de Arte nas escolas do campo, pois a arte é fundamental para o desenvolvimento da cognição e das diversas habilidades sociais, além de se constituir

[...] uma forma ancestral de manifestação, e sai apreciação pode ser cultivada por intermédio de oportunidades educativas. Quem conhece arte amplia sua participação como cidadão, pois pode compartilhar de um mundo de interação único no meio cultural. Privar o aluno em formação desse conhecimento é negar-lhe o que lhe é direito. A participação na vida cultural depende da capacidade de desfrutar das criações artísticas e estéticas, cabendo à escola garantir a educação e arte para que seu estudo não fique reduzido apenas à experiência cotidiana. (IAVELBERG, 2003, p. 09).

O curso de Licenciatura em Educação do Campo na UNEB foi um projeto piloto que ofertou apenas uma turma, portanto pesquisar sobre esses sujeitos é também um compromisso com a militância, pois ao tornar mais conhecida a proposta, tem-se a intenção de retomar as discussões a fim de tencionar os setores responsáveis a compreenderem a necessidade de se ofertar outras turmas para que mais sujeitos do campo possam se beneficiar com a formação em nível superior.

O produto final da pesquisa relatada neste documento é um Catálogo Fotográfico que tem como intenção socializar e dar visibilidade ao extenso trabalho de levantamento de dados visuais a partir da pesquisa de mestrado. O Catálogo se constitui em um “instrumento voltado para a localização específica

de unidades documentais” (LOPEZ, 2002, p. 35); a base documental, como já foi dito, será o arquivo de memória visual e audiovisual.

Segundo a professora Yara Aun Hourym (1997), ainda temos um problema muito grande com relação a organização e catalogação de registros da memória social de nosso país. Na linha desse entendimento, o Catálogo é uma ferramenta de grande valor por imprimir o compromisso com o fortalecimento e expansão do Ensino Superior para os sujeitos da classe trabalhadora e cuidar da memória das expressões artísticas e culturais experienciadas durante o curso, pois

Quando, nos dias atuais, atenções se voltam para a compreensão dos meandros do fazer-se da realidade social, quando pensamos essa realidade como forjada por todos os homens em múltiplas dimensões e direções, quando passamos a entender a cultura de forma mais ampla, como expressão e ambiente de viveres e fazeres cotidianos, também a memória se nos apresenta com novos significados, levando-nos a refletir, dentro e fora da Universidade, sobre seus sentidos, suas ações e seus lugares (KHOURY, 1997, p. 15).

O Catálogo Fotográfico consta da descrição e leitura imagética referente aos modos de expressões artísticas através das fotografias, das poesias, cordéis - produzidos pelos/as educandos/das durante o curso, e letras de músicas que dão o tom poético e criativo nas imagens reveladas.

A título de informação técnica, as imagens paradas e em movimento passaram por tratamento de cor, nitidez, luz, brilho e diagramação a fim de estabelecer um padrão aceitável na qualidade das fotografias que compõem o Catálogo. Para tanto, uma equipe composta por fotógrafa<sup>32</sup> e design<sup>33</sup> da área de artes visuais colaboraram para a realização desta tarefa.

O Catálogo Fotográfico está organizado da seguinte forma:

1. Apresentação
2. Introdução
3. Quem somos e de onde viemos

---

<sup>32</sup> Juliana Cardoso Araújo - Bacharel em Administração com ênfase em Marketing pela Fundação Visconde de Cairu com Especialização em Gestão de Materiais e Patrimônio pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Atuou como fotógrafa da Uneb entre os anos de 2012 e 2016, atualmente está como técnica administrativa na Pró Reitoria de Ações Afirmativas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

<sup>33</sup>Maiana Rosali Lima Alcântara – Bacharel em Desenho Industrial pela Universidade do Estado da Bahia. Analista universitária na Pró Reitoria de Extensão da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

4. Retalhos de uma construção coletiva
5. As atividades do tempo comunidade
6. As produções das aulas de Códigos e Linguagens
7. A mística
8. Nós e a comunidade
9. Mensagem final

É importante salientar que esse trabalho não tem a pretensão de englobar a totalidade de registros visuais dos sujeitos da pesquisa, por certo alguns registros escaparam ao trabalho de seleção durante a pesquisa. No entanto, resta a satisfação de poder afirmar que como resultado final reuniu o máximo possível de material visual para compor o Catálogo Fotográfico, um painel rico de informações para os interessados na investigação sobre os dias em que o Departamento de Educação – Campus XIII teve o privilégio de receber, em suas salas, corredores, pátios e jardins o grupo de educandos/militantes da educação do campo.

O presente Relatório tem a função de descrever como se deu o processo de elaboração e consolidação da pesquisa que resultou na produção do citado Catálogo. Esperamos contribuir de maneira significativa nesse processo de articulação entre a Educação do Campo, o Ensino das Artes e as Manifestações Artísticas Populares e todo o movimento de cor, imagem, linhas, música, sons, palavras de ordem e as belas e coloridas marchas que os Movimentos Sociais de Luta pela Terra promovem, sempre dialogando com os mesmos a fim de traduzir seus modos de expressão nos diversos espaços por onde trilham seus militantes.





**Figura nº 05:** Abertura do Seminário de Articulação Tempo Escola/Tempo Comunidade /UNEB.  
2015

*Penso que todos os grupos teatrais verdadeiramente revolucionários devem transferir ao povo os meios de produção teatral, para que o próprio povo os utilize, à sua maneira e para os seus fins.*

*(Augusto Boal*

*Teatro do Oprimido)*

### **3. DA EDUCAÇÃO RURAL À EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL: BREVE HISTÓRICO**

Este tópico trata – ainda que brevemente – dos principais acontecimentos sobre a educação dos povos do campo, ressaltando logo aqui nesta abertura que esta nomenclatura “povos do campo” não existiu desde sempre, por isso começamos falando da “educação rural” e ao longo do histórico vamos esclarecer a diferença.

Historicamente, falar sobre formação de professores no Brasil sempre foi um tema presente em várias discussões, seja no âmbito da Educação Básica e/ou no âmbito do Ensino Superior, não só porque se faz necessário refletir e avaliar sobre as práticas pedagógicas de ensino e aprendizagem, mas como também é de suma importância ter o olhar direcionado para as implicações reais de um fazer pedagógico que atenda a formação e emancipação de todas as pessoas.

Quando pensamos nas práticas pedagógicas nos deparamos também com as fragilidades na formação inicial e continuada de professores, e se formos nos deter ao estudo dos professores do campo essa fragilidade é ainda maior em virtude do descaso do poder público para com a formação dos educadores que atuam nas escolas do campo e também com a situação de precarização de tais escolas. Neste sentido Molina e Rocha dizem:

Quando focalizamos a formação de professores para atuação em escolas do campo a questão se torna mais complexa. Só é possível compreendê-la puxando os fios que se entrelaçam em diferentes espaços e temporalidades e concentrando o olhar em determinados aspectos. (MOLINA e ROCHA, 2014, p. 221).

É preciso se debruçar nos fatos históricos, que estão diretamente ligados a educação no meio rural, para compreendermos a negação de direitos às populações camponesas em nosso país durante vários governos das esferas Federal, Estadual e Municipal.

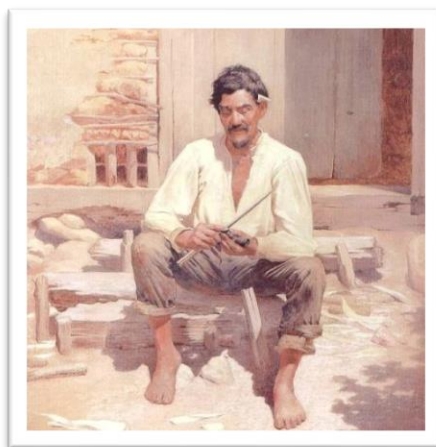
A primeira menção que se tem notícia sobre a educação no meio rural é datada de 1889 durante o primeiro governo republicano do Marechal Deodoro da Fonseca que estava na pasta da Agricultura, Comércio e Indústria e tinha dentre outras atribuições atender estudantes oriundos desse contexto. Nesse período a indústria crescia timidamente e com ela a visão estereotipada de que

as populações camponesas eram preguiçosas e que não faziam nada, visão esta passada por vários pintores ainda da Missão Francesa no Brasil<sup>34</sup> que aqui chegara retratando, em suas pinturas, os donos dessa terra com o olhar de quem não tinha o menor conhecimento sobre os que aqui viviam e trabalhavam.

Essa visão estereotipada também esteve associada durante muito tempo ao personagem de Monteiro Lobato, o *Jeca tatu* que era considerado um parasita e incapaz de evoluir; durante muito tempo essa imagem esteve associada ao homem do campo sendo reproduzida e interpretada de várias formas, mas sempre ligada ao modelo de atraso, incapacidade e preguiça. O pintor Almeida Júnior<sup>35</sup> descaracteriza esse estereótipo apresentando, em suas telas, o regionalismo brasileiro, rompendo com os padrões europeus da época.

Na tela *O caipira picando fumo* o homem de meia idade, com mãos ásperas, com os pés no chão, unhas sujas de barro simboliza a sua relação com a terra. O homem é o centro da tela e nos remete que está desenvolvendo uma atividade muito prazerosa após um longo dia de trabalho na terra. A obra também chama a atenção não só para o estudo dos costumes, mas, sobretudo para a questão natural da existência do caboclo nas terras do interior paulista.

**Figura nº 06:** O caipira picando fumo - 1893



Fonte: [https://www.ebiografia.com/almeida\\_junior/](https://www.ebiografia.com/almeida_junior/)

<sup>34</sup> [...] a primeira institucionalização sistemática do ensino de arte foi a Missão Francesa, e um dos poucos modelos com atualidade no país no momento de sua importação para o Brasil. Quase sempre os modelos estrangeiros foram tomados de empréstimo numa forma já enfraquecida e desgastada. A Missão francesa foi na realidade uma invasão cultural. (REDEFOR, 2011, p.05)

<sup>35</sup> Almeida Júnior (1850-1899) foi um pintor e desenhista brasileiro. O dia do artista plástico é comemorado em 8 de maio, dia do nascimento do pintor. Foi o primeiro pintor a retratar em seu trabalho o tema regionalista. ([https://www.ebiografia.com/almeida\\_junior/](https://www.ebiografia.com/almeida_junior/)).

Depois desse primeiro momento, só se voltou a falar sobre educação e escolas para atender aos camponeses por volta de 1920 com o movimento em defesa da educação dos povos do campo, denominado de *ruralismo pedagógico*, que se deu pelo fato de que muitos camponeses estavam se deslocando para a cidade por causa da industrialização no Brasil, esse movimento migratório causou muito receio nos latifundiários, pois corriam o risco de perder a mão de obra que por sua vez era e ainda é muito barata. Outra preocupação era a da elite urbana que passou a se incomodar com os resultados negativos de uma migração camponesa para a cidade. (SANTOS, 2011).

A proposta educacional chamada de ruralismo pedagógico em nada se preocupava com a educação da população camponesa, muito pelo contrário, o *êxodo rural* que se instalava no país trouxe outra preocupação, o receio do aglomerado de pessoas que resultaria em criação de cortiços, favelas, falta de saneamento básico e conseqüentemente proliferação de doenças. Assim, a formação escolar dessa camada da sociedade estava bem longe de acontecer.

A pintora brasileira Tarsila do Amaral, em sua *fase pau brasil*, retratou com maestria esse período histórico no Brasil com a obra intitulada *o morro da favela* (1924) onde, apesar do colorido atraente, harmonia e tranquilidade da pintura, a artista retratou a época em que a população pobre foi obrigada a ceder lugar na cidade para revitalização dos centros. Essas pessoas foram empurradas para os morros, vivendo ali como marginais, sem direito às benesses da cidade, pois eram *as pobres pessoas da roça*, como chamou Graciliano Ramos.

Tarsila do Amaral abordou e denunciou as questões sociais do Brasil em dois momentos distintos, os quais foram chamados de primeira e segunda fases *pau brasil*. A primeira quando ainda morava no Brasil e a segunda ao retornar da Rússia; nesse período Tarsila se filiou ao partido comunista, no exterior, e ficou por trinta dias presa acusada de subversão.

**Figura nº 07:** Morro da Favela - 1924



Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra2324/morro-da-favela>

Na década de 1930, o Manifesto dos Pioneiros da Educação, inspirado nas ideias da Escola Nova encabeçado por Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Fernando de Azevedo chamava a atenção do Estado para a responsabilidade que o mesmo deveria ter com a Educação. Era um período em que as pessoas enxergavam na Educação uma forma de redenção em virtude da situação econômica do país, o declínio do café e conseqüentemente a diminuição da renda econômica do Brasil.

Nesse período também aconteceu a IV Conferencia Nacional de Educação que teve como pauta discutir as Diretrizes Educacionais para o Brasil, amparadas pelas ideias escolanovista; dois anos depois teve início a campanha de Alfabetização na Zona Rural, posteriormente foi fundada a Sociedade Brasileira de Educação Rural, todas essas ações não foram suficientes para atender às necessidades de educação e escolarização das

populações camponesas, não passando de movimentos pontuais sem grandes efeitos.

Desde o primeiro governo de Getúlio Vargas, conhecido como o “pai dos pobres” que várias ações em prol dos menos favorecidos foram realizadas, porém o que tinha por trás era um interesse de obter cada vez mais o povo a seu lado e assim garantir a sua longa permanência a frente do governo; observemos o que Morissawa diz sobre essa questão:

Getúlio foi chamado de “pai dos pobres”. Apesar da intensa repressão que promoveu contra a oposição, e, foi o primeiro governante do Brasil a tomar medidas que favoreciam a população mais carente. Na verdade, não nos esqueçamos, ao tomá-las, o presidente calou o movimento operário, ao mesmo tempo, conseguiu o apoio da massa de trabalhadores urbanos (MORISSAWA, 2001, p. 81).

Durante o governo de Getúlio Vargas os trabalhadores rurais não tiveram nenhum benefício e muito menos políticas públicas que pudessem beneficiá-los nem no campo do trabalho, sobrevivência digna, nem no campo da educação. O então presidente até que colocou como proposta a elaboração de uma legislação que protegesse os trabalhadores rurais e colonização das terras devolutas, mas não saiu do papel, pois se fossem adotadas o governo iria de encontro aos grandes latifundiários, que também deram seu apoio.

Na contra mão do descaso das autoridades governamentais com relação às populações camponesas os movimentos populares ganham força durante a década que antecedeu a Ditadura Militar tendo como uma das pautas de luta a alfabetização da classe trabalhadora do campo e a partir dessa demanda é que foi organizado o Projeto Educacional intitulado Movimento Eclesial de Base - MEB<sup>36</sup> e suas escolas radiofônicas que exerceram papel fundamental, não só na alfabetização, mas também na formação política dos trabalhadores e trabalhadoras de todo o país.

A iniciativa foi de Dom Eugenio Sales, nos anos de 1958, inspirado por experiências que aconteceram na Colômbia, o mesmo se articulou com o governo federal e com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil resultando num espaço de diálogo e conquistas e atendimento à classe trabalhadora do campo através da radiodifusão educativa. O relato da professora Alda Maria

---

<sup>36</sup>O Movimento foi oficializado em 21 de março de 1961, pelo decreto n. 50.390.

Borges Cunha diz um pouco da importância do rádio e da radiodifusão educativa nesse processo:

*“Atenção, Fazenda Lajeado! Seu Nonô já recebeu alta no Hospital e aguarda alguém da família pra levá-lo pra casa.” “D. Alice avisa que o casamento do Tião e da Divina vai ser agora, no sábado, na Igreja de São Judas: a família toda e amigos aí de Inhumas são esperados”. “Tem que apresentar o documento no cartório”, “nasceu, é menina, a mãe passa bem”, “a cobrança daquela promissória é mesmo dia 12”, “a cirurgia correu bem, mas ele continua em coma”, “os óculos já foram aviados”... É nessa riqueza de expressões sociais, em que a emoção da fala e da escuta se somam, que se insere o MEB-Goiás, em 1962, trazendo a escola como algo inédito nos programas radiofônicos.*

*Nas salas de aula (varanda, galpão, sala de alguma escola rural, sala da casa do monitor) há um lugar de destaque para o rádio. Com frequência, junto ao lampião, ao quadro do Sagrado Coração de Jesus ou de Nossa Senhora, ladeado por vasos de flores coloridas de papel crepom. Protegidos da poeira, umidade, mãos pouco confiáveis de crianças, o pequeno aparelho, em inúmeros lugares ganhava uma capa, geralmente de chita vistosa: flores úmidas, xadrez, ou tecido sem estampa e cor forte. Algumas capas eram de corte reto, costura sóbria. Outras, com babadinhos franzidos na barra. Assim vestidos, os radinhos cumpriam sua tarefa a cada dia, sintonizados em onda cativa na Rádio Difusora de Goiânia, pertencente à Arquidiocese.*

*(trechos do testemunho da Profa. Alda Maria Borges Cunha, In: Programa Saber, Viver e lutar: caderno de alfabetização, MEB Norte/Nordeste - Ceará, Brasília, 2005. 44-47 pp.).*

Mesmo com a Ditadura Militar o MEB consegue atingir seus anos áureos de atuação apesar da perseguição, continuavam atuantes e produzindo cartilhas e distribuindo nas salas de aulas. Dentre essas cartilhas, dois volumes da Cartilha Mutirão tinham os desenhos do cartunista Ziraldo<sup>37</sup> que através de seus desenhos dialogava com os textos de maneira a alcançar o povo com a linguagem imagética a fim de contribuir com a formação social e política além de escolarizar muitos trabalhadores e trabalhadoras rurais neste país. Esse movimento se manteve durante um bom tempo alfabetizando a população campesina, mas contrapondo a essa proposta a Ditadura Militar criou o Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL que já era insatisfatório na

---

<sup>37</sup> Ziraldo é pintor, cartazista, jornalista, teatrólogo, chargista, caricaturista e escritos. Na década de 1980 lançou o Menino Maluquinho, um dos maiores fenômenos editoriais no Brasil de todos os tempos. Fonte: <https://www.ziraldo.com/historia/home.htm>

cidade, se tornou pior no campo, pois o mesmo chegou para os/as campesino/as de forma muito mais precária.

O Brasil e o mundo, nesse período, foram marcados por vários acontecimentos de ordem social, econômica e política, dentre eles a Guerra Fria e inúmeros conflitos armados em dimensões local e regional. BRANDÃO relata um pouco do que foi esse período aqui no Brasil...

Os anos do pós-guerra foram também os de um novo processo de industrialização, acompanhado da justa conquista de direitos trabalhistas, no governo de Getúlio Vargas. Com mais ênfase e melhores resultados do que em governos anteriores, vivemos os anos das arrancadas “desenvolvimentistas” do governo de Juscelino Kubitschek. A “marcha para o Oeste”, a construção de Brasília, o êxodo rural e o crescimento desordenado das cidades. As reformas estruturais de base, a começar pela reforma agrária, até agora nunca plenamente realizadas. Os anos de mudanças, de esperanças e inseguranças dos governos de Jânio Quadros e Jango Goulart. Depois, do meio para o final dos anos sessenta e por mais quase duas décadas, os anos de fogo dos regimes militares (BRANDÃO, 2005, p. 40).

Em outra direção vivemos momentos de transformação social e política muito importante no Brasil onde “as frentes populares de lutas, os movimentos sociais então nascentes e um amplo e fecundo novo movimento de ação pedagógica, que veio a ter o nome de Movimento de Cultura Popular” (BRANDÃO, 2005, p. 41). Paulo Freire teve apoio dos movimentos sociais, sindicais, professores, estudantes, artistas e cristãos. Um dos artistas que contribuiu com esse processo foi o artista plástico Pernambucano Francisco Brennand<sup>38</sup> que ilustrou a discussão do conceito de cultura nos Círculos de Cultura, onde estão representados o homem e a mulher do campo, a produção da terra, dos rios, os animais que convivem com esses camponeses e o livro na mão da mulher dando o tom da troca de saberes adquiridos com a escolarização e os que já fazem parte do cotidiano desses sujeitos.

A reprodução da pintura abaixo permite que analisemos os elementos citados:

---

<sup>38</sup>Francisco de Paula Coimbra de Almeida Brennand (Recife PE 1927). Ceramista, escultor, desenhista, pintor, tapeceiro, ilustrador, gravador.



**Figura nº 08:** Francisco Brennand – Têmpera Guache



Fonte: BRANDÃO, 2005. Projeto Memória “Paulo Freire - educar para transformar”.

Esse Movimento ganhou proporção muito grande no Brasil e no mundo, foi nesse Movimento que seu criador “encontrou o lugar social de realização de suas primeiras experiências de educação popular” (BRANDÃO, 2005, p. 41). Suas ideias passaram a ser propagadas em todo o Brasil e vários países adotaram seu método de alfabetização nas escolas. Com a Ditadura Militar, Freire é exilado e condenado a ficar por longos dezesseis anos fora de sua terra natal, mas suas ideias não sumiram, apesar do esforço dos militares. Quando esteve no exílio escreveu o livro *Pedagogia do Oprimido*; em um trecho o mesmo relata o que era a situação política do Brasil e do mundo na época:

O livro apareceu numa fase histórica cheia de intensa inquietação. Os movimentos sociais na Europa, nos Estados Unidos, na América Latina, em cada tempo-espço com suas características próprias. A luta contra a discriminação sexual, racial, cultural, de classe, a luta em defesa do ambiente, os Verdes, na Europa. Os golpes de Estado com a nova face, na América Latina, e seus governos militares que se alongaram da década anterior. Os golpes de Estado agora ideologicamente fundados, e todos eles ligados de uma ou de outra maneira ao carro-chefe do Norte, na busca de viabilizar o que lhe parecia dever ser o destino capitalista do continente. As guerrilhas na América Latina; as comunidades de base, os movimentos de libertação na África, a independência das ex-colônias portuguesas, a luta na Namíbia, Amílcar Cabral, Julius Nyerere,

sua liderança na África e sua repercussão fora da África. A China. Mao. A Revolução Cultural. A extensão viva do significado de maio de 1968. As lutas político sindicais e pedagógico-sindicais, todas obviamente políticas, sobretudo na Itália. Guevara assassinado na década anterior e sua presença como símbolo não apenas para os movimentos revolucionários latino-americanos, mas também para lideranças e ativistas progressistas do mundo todo. A Guerra do Vietnã e a reação no interior dos Estados Unidos. A luta pelos direitos civis e o transbordamento do clima político-cultural dos anos 60, naquele país, para a década de 70 (BRANDÃO, 2005. p. 42).

A pedagogia libertadora difundida por Paulo Freire é a base pedagógica e epistemológica da Educação do Campo, os círculos de cultura fazem parte da organização pedagógica dos movimentos sociais organizados e coloca o/a professor/a como facilitador, o/a estudante como participante no processo, pois o entendimento é de que todos têm algo a ensinar e também a aprender.

Durante a década de 1980 não tivemos grandes mudanças, por parte do governo, na educação da zona rural, mas com a reorganização de movimentos sociais e sindicais, começaram a surgir os movimentos sociais camponeses que lutavam e ainda continuam lutando e reivindicando terra, o direito a nela viver e produzir e educação para os camponeses. É nessa década que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é instituído oficialmente, no momento das *Diretas-Já* e eleição de Tancredo Neves a presidente da República por um Colégio Eleitoral, mas não veio a tomar posse, morre antes, e um representante do latifúndio do Norte do país é quem assume a presidência da república...Novamente, a esperança de melhorias para a classe trabalhadora do campo estava comprometida.

Antes da instituição oficial do MST muitas ações vinham acontecendo nesse período, que foi marcado por muitas ocupações<sup>39</sup>, protestos, greves rurais e urbanas e grandes manifestações da sociedade civil organizada, a exemplo da ocupação da Fazenda Macali, no Rio Grande do Sul, marcada por muita violência e repressão. Vários artistas se engajaram na luta junto com os Sem Terra, inclusive visitando o acampamento para entender a situação mais de perto.

---

<sup>39</sup>Na maioria das vezes, a imprensa usa a palavra **invasão**, em vez de **ocupação**, para designar a entrada e o acampamento dos sem-terra dentro de uma fazenda. É preciso que fique claro que a área ocupada pelos sem-terra é sempre, por princípio, terra grilada, latifúndio por exploração, fazenda improdutivo ou área devoluta (MORISSAWA, 2005, p. 132).

A Comissão Pastoral da Terra – CPT abriu espaço para o nascedouro do MST, “sem a qual, em anos de ditadura, o Movimento não teria nascido ou talvez demorasse ainda mais tempo para surgir” (MORISSAWA, 2005, p. 122). Salientamos que todos esses eventos acabaram resultando na organização e realização do 1º Encontro Nacional dos Sem-Terra, na cidade de Cascavel, no estado do Paraná, local em que nasceu o MST. Nesse Encontro, a troca de experiência contribuiu para que analisassem as realidades ali representadas e pudessem pautar novas frentes de lutas. Nas palavras de Morissawa podemos saber melhor como foi o nascedouro desse movimento:

Durante o evento foi lida a mensagem de D. José Gomes, bispo de Chapecó e presidente da CPT, de apoio à fundação do Movimento dos Trabalhadores Rurais<sup>40</sup> Sem Terra, o MST. Estava assim, fundado e organizado um movimento de camponeses sem terra de alcance nacional voltado à luta por terra e pela reforma agrária (MORISSAWA, p. 138, 2005).

Abaixo, o cartaz de divulgação que foi usado durante o Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais. Na imagem, a figura da mulher e do homem em primeiro plano simbolizando a importância que o Movimento dá a vida humana, o facão na mão representado o instrumento de trabalho usado para abrir caminhos por todo trabalhador e toda trabalhadora rural e por fim os produtos da terra que foram cultivados pelo/as agricultores/as. Destacamos, ainda a bandeira do Movimento, no canto esquerdo, hoje não é mais a mesma<sup>41</sup>.

---

<sup>40</sup>A inclusão da expressão “trabalhadores rurais” no nome foi feita no sentido de deixar explícito que se trata de um movimento de agricultores, de pessoas que trabalham na agricultura (MORISSAWA, 2005, p. 139).

<sup>41</sup>Mais adiante abordaremos com mais detalhes a bandeira do MST e os outros símbolos da luta.

**Figura nº 09:** Cartaz de divulgação do 1º Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.



Fonte: <http://www.mst.org.br/>

No ano seguinte a esse Encontro o MST realiza o 1º Congresso Nacional do Sem-Terra com a intenção de reunir todos os grupos que estavam lutando por terra nesse país. A Ditadura Militar chegou ao fim, um novo presidente estava eleito e o MST sentia a necessidade de se organizar e manter uma pauta de luta a favor do povo do campo e com interesses que chegassem de fato a essas pessoas. Ao final do Congresso ficou decidido que o MST não se aliaria e nem apoiaria o novo governo e continuaria resistindo e com a certeza de que a reforma agrária só seguiria através das ocupações e das lutas de massas, assim “a nova palavra de ordem **“Ocupação é a única solução”** (MORISSAWA, 2005, p. 141).

Com as ocupações acontecendo em vários estados do Brasil e os acampamentos se instalando, sentiu-se a necessidade de organizar o Setor de Educação do MST e assim foi feito, através da iniciativa de professores que começaram a organizar e planejar ações para a educação das crianças dos acampamentos. Essa trajetória histórica só reforça a preocupação que o MST tem com a escolarização de seus militantes e com a formação política e social dos mesmos, essa iniciativa só cresceu ao longo dos anos a exemplo do que está sendo relatado nesta pesquisa, o processo de formação de vários

militantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo, na Bahia, o Setor de Educação do MST foi criado no estado do Rio Grande do Sul, MST que avança e persiste pelo seu povo.

Com as ações de luta e o entendimento que a maioria da classe trabalhadora do campo era analfabeta ou tinha baixa escolaridade o MST entendeu que precisava avançar e se preocupar com o desenvolvimento humano de seus militantes; neste sentido, a escola seria uma ferramenta poderosa para a continuidade da luta, pois

[...] exigia conhecimentos tanto para lidar com assuntos práticos, como financiamentos bancários e aplicação de tecnologias, quanto para compreender a conjuntura política, econômica e social. Arma de duplo alcance para os sem-terra e os assentados, a educação tornou-se prioridade no Movimento. Nas palavras de uma militante, “foi como a descoberta de uma mina de ouro”, que exigiria muito trabalho para cavar, “uma pedagogia a ser criada, milhares de analfabetos a serem alfabetizados, um número de crianças sem fim pedindo para conhecer as letras, ler o mundo...” (MORISSAWA, 2005, p. 239).

Nesse processo de organizar as ocupações uma das preocupações primordiais do MST é pensar a organização da escola para as crianças e os adultos, essa ação pensada do Movimento tranquiliza os pais, pois sabem que seus filhos terão onde estudar, material escolar, merenda e atenção dos professores. O barraco onde a escola vai funcionar em um acampamento é sempre o primeiro a ser levantado ou construído e o mesmo também serve como centro de encontros para diferentes pautas.

Os anos de 1990 foram marcados por repressão aos movimentos sociais em geral e como o MST se constitui o movimento com grande visibilidade no país se tornou alvo de muitas ações de repressão, mas não se abateram e intensificaram o trabalho de formação e organização internas o que resultou na criação de um Coletivo Nacional de Educação com a tarefa de tecer reflexões mais profundas em torno do trabalho educacional, gerando avanços pedagógicos significativos para o movimento.

Salientamos que dedicamos um espaço significativo para falar sobre o processo de criação do MST e do seu projeto educacional, pois sua trajetória histórica de luta contribuiu e ainda contribui para a construção de um pensamento que fizesse enxergar todas as mazelas postas pelos grandes

latifundiários aos camponeses colocando-os à margem da sociedade e muitas vezes criminalizando-os.

Entendemos que o MST exerceu um papel de protagonista na construção do Movimento *Por uma Educação Básica do Campo*, no final dos anos 90 e com ele uma série de ações que tomaram os quatro cantos do país, conforme está descrito no Manifesto das Educadoras e Educadores da Reforma Agrária ao Povo Brasileiro,

[...] conclamando todas as pessoas e organizações que têm sonhos e projetos de mudanças, para que juntos possamos fazer uma nova educação em nosso país, a educação da nova sociedade que já começamos a construir (1997, p. 19).

Mesmo com toda a repressão do governo de Fernando Collor de Melo os movimentos sociais continuaram se organizando e criando estratégias de resistências e em 1993 é criada a Via Campesina, um movimento internacional que aglutina diversas organizações camponesas de pequenos e médios agricultores, trabalhadores agrícolas, mulheres camponesas e comunidades indígenas dos cinco continentes, esse movimento fortaleceu ainda mais a luta e se constituiu como importante movimento na América Latina e no mundo. Abaixo a bandeira da Via Campesina com representações da diversidade de povos e seus instrumentos de trabalho.

**Figura nº 10:** Bandeira da Via Campesina



Fonte: <https://ocastendo.blogs.sapo.pt/1330910.html>

No mês de abril de 1997 aconteceu na Universidade de Brasília o I Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária - ENERA

com participações marcantes dos movimentos sociais do campo, estados, universidades e outras instituições de ensino que foram convidadas pelos movimentos sociais. Fizeram-se presentes também o Movimento de Atingidos por Barragem - MAB e as pastorais sociais da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB contando com o apoio do Fundo das Nações Unidas para a Infância - Unicef e da Universidade de Brasília - UnB

A centralidade do debate girou em torno dos seguintes temas: Reforma agrária; projeto popular para o Brasil; papel da educação na construção do projeto; formação de educadores e a nova LDB<sup>42</sup> – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional; os temas de estudo foram debatidos nos seguintes grupos de trabalho: Escolas de 1ª a 4ª séries; Escolas de 5ª a 8ª séries; Educação de Jovens e Adultos e Educação Infantil. A presença marcante das delegações, mais de 500 em sua maioria, alfabetizadores de jovens e adultos, enriqueceu o debate e reafirmou o protagonismo dos movimentos sociais na luta por *escola, terra e dignidade*. O MST conduziu de forma autônoma o evento, desde o planejamento até a aprovação de algumas tarefas reafirmando cada vez mais o protagonismo desse movimento, e de outros, no processo de luta por terra e educação.

O ENERA foi marcado por ações que contribuíram muito para a construção e consolidação do *Movimento da Educação do Campo*, como a aprovação do “Manifesto das Educadoras e Educadores da Reforma Agrária ao povo brasileiro<sup>43</sup>” assim como o lema que continua como chamada até hoje: Movimento Sem Terra: com escola, terra e dignidade”, construído no calor da *Marcha Nacional a Brasília*<sup>44</sup>, foi marcado também por parcerias que resultaram em outras ações em prol da alfabetização da classe trabalhadora camponesa como o diálogo entre o MST e as instituições de Ensino Superior convidadas, desencadeando, assim, na criação do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, no ano seguinte.

---

<sup>42</sup> A Lei tinha sido aprovada em 1996.

<sup>43</sup> Esse documento teve sua primeira redação construída no processo de preparação do encontro e sua redação final foi construída durante o ENERA e aprovada pelos presentes. (Boletim da Educação, 2014, p. 07).

<sup>44</sup> Entre abril e junho de 1997, foram realizados 20 encontros estaduais de preparação ao Enera, envolvendo 1.600 educadores. (Boletim da Educação, 2014, p. 07).

Nesse encontro, o grande homenageado foi Paulo Freire que havia falecido há dois meses, mas que pôde deixar gravada uma fala sobre a “Marcha maravilhosa do MST” que marcham por um mundo melhor, pela construção de um mundo melhor, esse vídeo de Freire foi exibido na conferência de abertura, e seus ensinamentos fazem parte da base educativa e formativa do MST até hoje. Ao final do encontro, o MST foi provocado pelas demais instituições de ensino presentes a promover um encontro para todo o meio rural, resultando na I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo.

Antes mesmo de o Encontro começar oficialmente em Brasília, ele já acontecia no fazer artístico, pois milhares de Sem Terra saíram de três pontos distintos do país para se juntarem na *Marcha Nacional por Emprego, Justiça e Reforma Agrária*. O ato de marchar em fila ditando um ritmo, um compasso que como numa tessitura musical segue a composição, portando suas bandeiras vermelhas esvoaçantes, o boné vermelho, que ao mesmo tempo em que protege do sol também demarca o ato de teimosia de se manter na luta. Durante meses os Sem Terra marcharam, colorindo as rodovias do país de vermelho, entoando cantos e gritos de ordem que renovam as forças e fortalece o querer de luta por direitos, conforme Sebastião Salgado diz: “Seja como for, os deserdados da terra alimentam a esperança de melhores dias...”.

**Figura nº 11:** Marcha Nacional por Emprego, Justiça e Reforma Agrária



Fonte: <http://www.mst.org.br/nossa-historia/97-99/>



Figura nº 12: Marcha Popular pelo Brasil



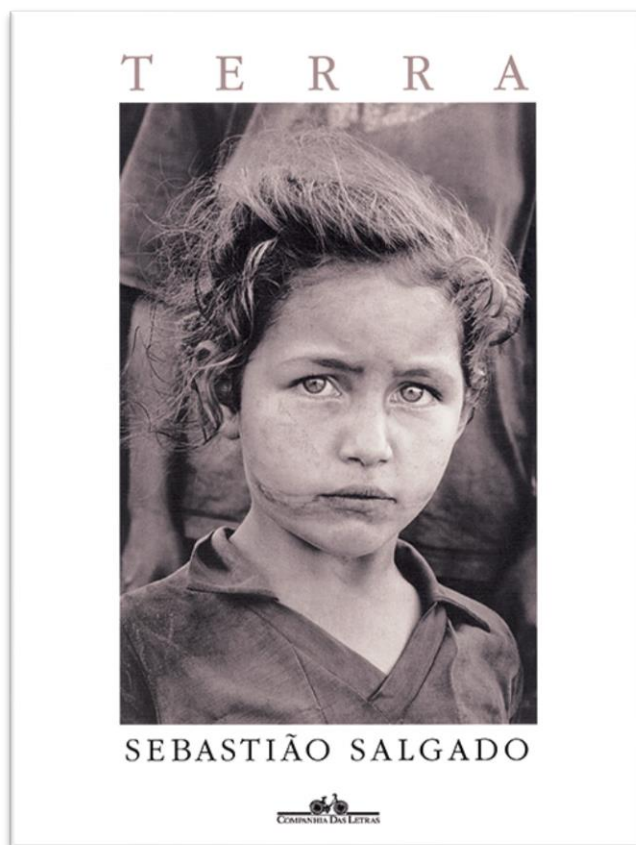
Fonte: <http://www.mst.org.br/nossa-historia/97-99/>

No fazimento da arte que antecedeu o Encontro o fotógrafo Sebastião Salgado fotografou vários momentos da Marcha, a inauguração da exposição fotográfica intitulada *Terra* sobre a luta pela terra aqui no Brasil e em mais de 100 países no mundo aconteceu no ENERA. Chico Buarque lançou o CD que acompanha o livro com as fotos da exposição e tem o prefácio escrito por José Saramago<sup>45</sup>. No movimento de marchar, os Sem Terras sabem exatamente o que é *“afagar a terra, conhecer os desejos da terra, cio da terra, a propícia estação e fecundar o chão”* (BUARQUE, 1997).

---

<sup>45</sup> Os três artistas doaram todos os direitos autorais deste trabalho para o Movimento, que com o dinheiro arrecadado, construiu a Escola Nacional Florestan Fernandes, uma escola de formação política a toda classe trabalhadora, no município de Guararema, em São Paulo. Fonte: [www.mst.org.br](http://www.mst.org.br).

**Figura nº 13:** Capa do livro Terra de Sebastião Salgado



Fonte: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=10721>

A adesão de três artistas tão conceituados e consolidados no mundo das artes como Sebastião Salgado, Chico Buarque e José Saramago, cada um em uma linguagem artística diferente, deixa claro a íntima relação que a classe trabalhadora campesina tem com a arte e de como suas práticas artísticas revelam sua luta e resistência.

A realização da Conferencia Nacional por uma Educação Básica do Campo marcou, oficialmente, o nascimento do Movimento Por uma Educação Básica do Campo no ano de 1998, promovido pelo MST; CNBB; UnB; UNESCO e Unicef. A iniciativa dos movimentos sociais foi determinante para propor e construir um novo modelo de educação onde colocasse a classe trabalhadora na centralidade da discussão, contrapondo ao modelo que até então vigorava no país, a educação rural.

O projeto de educação proposto pelos movimentos sociais, no ENERA, considerava a singularidade histórica dos camponeses e que no contexto do

campo requer uma intencionalidade política e pedagógica específica que contraponem a educação rural em vigor até os anos de 1990. Sobre camponeses entendemos conforme o Decreto nº 7.352/2010, diz:

1 – Para os efeitos deste Decreto, entende-se por:

I – populações do campo: os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outro que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural; (BRASIL, 2010).

A concepção de educação do campo – **contrapondo-se à definição de educação rural** - tem caráter político pedagógico e dialoga com os seres humanos e sua condição de existência social, sua relação com a terra, seus modos de produção da vida sem se dissociar da sua identidade e pertencimento histórico. Entende o campo como lugar produtor de vida, saberes, conhecimento, culturas, formação humana e não um lugar esquecido, desertificado como a concepção hegemônica concebe que é tão somente para atender os ditames econômicos, mas um espaço onde a classe trabalhadora do campo se organiza de maneira a atender as suas necessidades de convivência, política, sociais, educacionais e de existência.

O contexto educacional recente do mundo rural vem sendo transformado por movimentos instituintes que começaram a se articular no final dos anos 1980, quando a sociedade civil brasileira vivenciava o processo de saída do regime militar, participando da organização de espaços públicos e de lutas democráticas em prol de vários direitos, dentre eles, a educação do campo. (CAMPOS e OLIVEIRA, 2013, p. 237).

A retomada de organização dos movimentos sociais e sindicais após a ditadura militar foi fundamental para que a classe trabalhadora camponesa se posicionasse no sentido de mobilizar a quantidade maior de pessoas incentivando-os a lutar pelo direito a terra, a permanência nela e a educação com vistas a conquistas de direitos, como nos revela Campos e Oliveira:

[...] a década de 1990 foi importante para consolidar outros movimentos pela universalização do direito à educação básica e às diversas modalidades de educação (educação de jovens e adultos – EJA, educação especial, educação do campo) que reconfiguram os espaços públicos e privados no quadro das

lutas populares, ampliando o campo de conquistas de direitos. (CAMPOS e OLIVEIRA, 2013, p. 237).

Em meio a tantos desafios enfrentados e tomados como bandeira dos movimentos sociais de luta pela terra e entidades parceiras foi posto como ponto de reivindicação a criação do Programa Nacional de Educação pela Reforma Agrária - PRONERA, com o objetivo de vencer o analfabetismo do campo. A meta era alfabetizar, alfabetizar e escolarizar, formar técnicos e graduar pessoas. O governo federal instituiu no mesmo ano da Conferência Nacional e ainda hoje se encontra em vigência apesar das tensões. A demanda do PRONERA foi colocada, pelo MST, para os docentes de universidades públicas que estavam no I ENERA, convidando-os a pensarem em um desenho de formação que pudesse atender e acelerar o espaço da classe trabalhadora das áreas de reforma agrária a educação.

A luta do MST, por legitimar e fazer valer o direito a educação para os povos do campo, sempre teve como pauta principal de reivindicação nas marchas, quando as crianças têm aula a beira da estrada ou embaixo de árvores, quando na ocupação onde a primeira lona preta levantada é o espaço que se destinará a escola, quando nos encontros as crianças vivem todo o processo de envolvimento nas músicas, na poesia, nas palavras de ordem e também na mística, fazendo-nos entender a essencialidade da educação e do acesso a escola que esse movimento assume como pauta de luta e os coloca na condição de protagonistas de cada conquista alcançada a base de muita teimosia.

O Movimento aos poucos foi entendendo que para se fazer reforma agrária era preciso atender todas as dimensões da vida humana, a dimensão do lazer, da saúde, da educação, da moradia, da cultura, da arte e nesse sentido a educação passa a ser a principal bandeira de luta porque o movimento vai dizer que “é preciso romper a cerca dos latifúndios” e romper as cercas do conhecimento através da criação de escolas, e a oportunidade aos sujeitos do campo de adentrarem os diversos espaços onde acontece a educação.

Acessar o conhecimento se torna ferramenta de luta para os Sem Terra quando o movimento percebe que aquele sujeito que pega na enxada, na foice tem conhecimento da sua concretude, da vida, daquilo que ele vive

objetivamente falando na hora do diálogo no congresso, por exemplo, faltam elementos para que ele qualifique a sua fala, e onde ele vai encontrar esses elementos? Na escola! Por isso ele precisa ir para a escola, ser alfabetizado, ser escolarizado porque o conhecimento da vida eles já têm o suficiente.

A escola pautada pelo MST não é qualquer escola, mas a escola do campo,

[...] que se enraíza no processo histórico da luta da classe trabalhadora pela superação do sistema do capital. O acesso ao conhecimento e a garantia do direito à escolarização para os sujeitos do campo fazem parte dessa luta. A especificidade desta inserção se manifesta nas condições concretas em que ocorre a luta de classe no campo brasileiro, tendo em vista o modo de expansão do AGRONEGÓCIO e suas determinações sobre a luta pela terra e a identidade de classe dos sujeitos coletivos do campo (MOLINA e SÁ, 2013, p. 325).

As autoras continuam colocando a escola do campo como veículo de transformação para os sujeitos coletivos de direitos quando diz que a ela:

[...] se coloca o desafio de conceber e desenvolver uma formação contra-hegemônica, ou seja, de formular e exercer um projeto de educação integrado a um projeto político de transformação social liderado pela classe trabalhadora, o que exige a formação integral dos trabalhadores do campo, para promover simultaneamente a transformação do mundo e a autotransformação humana (MOLINA e SÁ, 2013 p. 325).

A compreensão do MST em relação à necessidade de escola acessível a todos os sujeitos do campo faz do movimento uma mola propulsora da ideologia que os move a continuar mesmo que já tenham conseguido alcançar a escola em alguns espaços, pois não é só um prédio, mas está além das paredes, está na forma do currículo, no enfrentamento ao Estado por políticas públicas que implementem um modelo de educação que atenda as suas necessidades. E foi com esse lema que o movimento seguiu para a II Conferência Nacional, “Educação do Campo: direito nosso dever do Estado!” e

[...] expressou o entendimento comum possível naquele momento: a luta pelo acesso dos trabalhadores do campo à educação é específica, necessária e justa, deve-se dá no âmbito do espaço público, e o Estado deve ser pressionado para formular políticas que a garantam massivamente, levando à universalização real e não apenas princípio abstrato (CALDART, 2013, p. 262).

As demandas relacionadas à educação dos camponeses são reais e requerem de toda a sociedade civil posicionamentos e enfrentamento aos anos de exclusão e negação de direitos. O movimento em direção ao Estado para reivindicar um projeto de educação que atenda, de fato, as necessidades da classe trabalhadora do campo e não dissociado da sua vida e dos seus modos de viver e de produzir a vida.

Continuar lutando pela escolarização dos camponeses passou a fazer parte das pautas de luta dos movimentos sociais organizados, pois após alfabetizar, escolarizar e “tecnificar” seu povo, se fez necessário tencionar o governo por formação no Ensino Superior. No bojo desse tencionamento cada Conferência Nacional Por Educação do Campo exerceu um papel fundamental, pois reuniu muitas pessoas interessadas em avançar na construção de um projeto de formação de professores, inicialmente, que pudesse atender as demandas posta pelos movimentos sociais. Representantes do governo, Professores, trabalhadores, juntos, com objetivo em comum, ensino superior para os povos camponeses.

Cada Conferência Nacional Por uma Educação do Campo tinha pautas específicas a serem debatidas nos eventos e, ao final de cada encontro uma carta ou manifesto era elaborado coletivamente a fim de estabelecer metas e tarefas para o movimento que pudessem continuar cultivando os interesses da classe trabalhadora pela educação.



**Figura nº 14:** Árvore com bandeiras e ferramentas de trabalho, 2014

*E a gente vai, ergue a bandeira vai, ergue a bandeira vai<sup>46</sup>*

*Não podemos desistir*

*E a gente vai, ergue a bandeira vai, ergue a bandeira vai*

*Nossa terra conseguir e a reforma agrária no país*

*Irineu Albernaz*

---

<sup>46</sup>Fragmento da música Terra Esperança de Irineu Albernaz, compondo o CD Canções que abraçam sonhos, do Coletivo Nacional do MST.

#### **4. A EDUCAÇÃO DO CAMPO NO ENSINO SUPERIOR: TRAJETÓRIA E DESAFIOS**

A pauta de lutas dos movimentos sociais do campo se ampliou quando da necessidade de incluir a reivindicação por educação, que vai da Educação Infantil ao Ensino Superior, perpassando pelas instâncias municipais, estaduais e federais. Após a conquista de escolarização de seu povo até o Ensino Médio e Ensino Profissionalizante, os movimentos sociais teceram diálogos com as universidades a fim de firmarem parcerias para a oferta, também, de cursos de Nível Superior, especificamente para formação de professores, se materializando com o curso graduação em Pedagogia da Terra.

Desde quando essa pauta foi colocada pelos movimentos sociais e sindicais do campo, há 20 anos, que várias ações ocorreram a exemplo de políticas públicas implementadas a fim de atender a demanda real de formação de professores para atuarem nas áreas de reforma agrária e no campo de modo amplo.

“[...] Preocupação com formação docente qualificada e pertinente às necessidades do contexto onde irá atuar” (MOLINA e ROCHA, 2014, p. 221) é o ponto central nas reivindicações junto ao governo. Os professores que fossem atuar nas escolas do campo deveriam ter formação que contemplasse aos modos de ser, de produzir e de viver da população campestre sem se descaracterizar com a qualidade que todos e todas têm direito no seu processo formativo, pois ao longo da história da educação em nosso país que se constitui como formação escolar para a classe trabalhadora do campo foi sempre aquele “saberzinho que ajuda, mas não desenvolve” (BRANDÃO, 1997, p. 07).

Se historicamente as populações campestres sofreram com a falta de compromisso do poder público com a escolarização, na Educação Básica, quiçá com o Ensino Superior que é um espaço de mais disputa social, política e econômica e que pode ser visto pela classe dominante como uma ameaça já que, “os movimentos sociais inauguraram e afirmam um capítulo da história da formação pedagógica e docente” (ARROYO, 2013, p. 59) de seu povo. Porém, esse fato nunca foi motivo para paralisá-los, muito pelo contrário, os alimentavam, cerravam os punhos em sinal de resistência e cantavam juntos:



*“vem, lutemos,  
punho erguido.  
Nossa força nos faz a edificar.  
Nossa Pátria  
livre e forte  
construída pelo poder popular”  
Letra: Ademar Bogo  
Música: Willy C. de Oliveira<sup>47</sup>*

Partindo do Movimento da Educação do Campo e nesse movimento de resistência e teimosia é que o MST convoca as Universidades a assumirem, juntos com eles, a tarefa de construir um projeto de formação continuada para a classe trabalhadora que fosse capaz

[...] de forjar um perfil de educador que seja capaz de compreender as contradições sociais e econômicas enfrentadas pelos sujeitos que vivem no território rural, e que seja capaz de construir com eles práticas educativas que os instrumentalizem no enfrentamento e superação dessas contradições (MOLINA e SÁ, 2011, p. 14).

Em atendimento e resposta às mobilizações dos movimentos sociais, “na luta pela garantia do direito a educação, ao conhecimento, somadas à luta pela terra e pela dignidade, conquistaram em 1998 o Programa Nacional na Reforma Agrária – PRONERA (ARAÚJO, 2017, p. 125). Essa conquista foi muito importante para o processo de formação continuada dos sujeitos do campo, pois conseguiu contemplar uma quantidade muito grande de trabalhadores rurais e filhos de trabalhadores rurais em todo o território nacional. Através do PRONERA inúmeras ações foram desenvolvidas, dentre elas:

- Alfabetização de jovens e adultos, cursos de licenciatura e bacharelados, formação profissional, EJA, elevação da escolaridade, graduações, especialização, (residência agrária) algumas pesquisas...trabalhos extensionistas...E outros...
- Além do Pronera, as lutas dos movimentos sociais e sindicais possibilitaram outras conquistas como o PROCAMPO,

---

<sup>47</sup> Hino oficial do MST. Disponível em: <http://www.mst.org.br/nossos-simbolos/>

PROJETO SABERES DA TERRA, e um aparato legal que permitiu aos gestores públicos e movimentos sociais e sindicais instrumentos de consolidação de algumas políticas públicas na Educação do Campo (ARAÚJO, 2011, p. 126).

Vale ressaltar que em 1997, ano em que o PRONERA é conquistado pelos movimentos sociais, um estudo denominado de *Censo da Reforma Agrária* foi encomendado pelo Ministério Extraordinário da Política Fundiária, ao Conselho dos Reitores das Universidades Brasileiras - Crub, nesse estudo, apontava altos índices de analfabetismo nos projetos de assentamento (P.A.) e índices de escolaridades baixíssimos, isso se deveu à “ausência do poder público municipal ou estadual na organização das condições que assegurassem educação para esta parcela da população que aos poucos, pela instalação dos P.A., foi se estabelecendo nestes novos territórios” (SANTOS, 2013, p. 630).

A constituição do PRONERA se reafirmou ainda mais como necessária e fundamental quando os resultados de um estudo censitário, no ano de 2005, foi apresentado com resultados de mudanças significativas em relação a escolarização da população localizada nos assentamentos, 23% da população se declarava alfabetizada, porém a educação fundamental e o ensino médio ainda eram negligenciados, apresentando índices muito baixos. Esses resultados levaram o PRONERA a desenvolver projetos de ensino fundamental completo e ensino médio a fim de atender a essa população e não só até uma etapa da Educação Básica.

Com o atendimento das populações dos P.A. acontecendo, surgiu mais uma demanda para os movimentos sociais, os projetos de curso no ensino superior, pois com a conclusão do nível médio “e a necessidade de formação de professores para as escolas conquistadas para os P.A.” (SANTOS, 2013, p. 630) era necessário que se pensasse em formação continuada, que inicialmente ficou restrito “a área de Pedagogia e licenciaturas, posteriormente ampliadas para outras áreas, como as Ciências Agrárias” (SANTOS, 2013, p. 630).

Com o crescimento das ações do PRONERA e o aumento do atendimento das populações camponesas, no ano de 2004, o Programa passou a fazer parte do Plano Plurianual - PPA do governo federal, assegurando a

inclusão de ação específica no Orçamento Geral da União. Em 2009, outra conquista

[...] por meio da inclusão do artigo nº 33 na lei 11.947, o Congresso Nacional autorizou o Poder Executivo a instruir o Pronera. Em 4 de novembro de 2010, o presidente da República editou o decreto nº 7.352, que institui a Política Nacional de Educação do Campo e o Pronera (BRASIL, 2010b).

Essas conquistas revelam os avanços da Educação do Campo e garantem a continuidade da oferta de cursos na Educação Básica, Técnicos e Ensino Superior, pois esses instrumentos se constituem como política permanente e garante a continuidade da política, independentemente do governo em exercício. Desde que o PRONERA foi criado em várias universidades brasileiras vem sendo desenvolvidos projetos educacionais atendendo a uma quantidade significativa de sujeitos que vivem e produzem no campo; em relação a esse programa entendemos que

O Pronera constitui, assim, uma política pública reconhecida, por um lado, pelo exercício de um papel a ela destinado de complementaridade em relação às políticas educacionais executadas pelo Ministério da Educação, pelos estados e municípios, e, por outro lado, como um dos instrumentos de emancipação e cidadania dos camponeses, pelos princípios e pela forma de implantação de seus projetos, o que dialoga com a estratégia de superação da história condição de subalternidade dos camponeses aos interesses dominantes, o que coloca na condição de um território camponês conquistado, na esfera do Estado (SANTOS, 2013, p. 635).

Seguindo com a pauta das reivindicações ao Estado, o movimento da Educação do Campo continua pautando “uma Política Pública específica pra dar suporte e garantir a formação de educadores do próprio campo” (MOLINA e ROCHA, 2014, p. 237) essa reivindicação já vinha sendo posta desde a I Conferência Nacional Por uma Educação do Campo em 1997, mas é no final da II Conferência Nacional Por uma Educação do Campo, em 2004, com o lema “Por um Sistema Público de Educação do Campo”, que essa demanda é posta como prioridade e

[...] o Ministério da Educação (MEC), por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi), instituiu em 2005, um grupo de trabalho para elaborar subsídios a uma política de formação de educadores do campo. Os resultados produzidos neste grupo de trabalho

transformaram-se no Programa de Apoio às Licenciaturas em Educação do Campo (Procampo) (MOLINA e SÁ, 2013, p. 466).

O Curso de Licenciatura em Educação do Campo, na época em andamento, na Universidade Federal de Minas Gerais, serviu de referência e fonte de pesquisa para o Grupo de Trabalho, constituído pelo MEC, para a elaboração de proposta da organização curricular e habilitação por área do conhecimento, este curso funcionava com o apoio do PRONERA.

A materialização da experiência piloto foi implantada em quatro universidades públicas, a convite do MEC, por terem em suas trajetórias experiências no âmbito da Educação do Campo em suas práticas de ensino, pesquisa e extensão, sendo elas: Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade de Brasília, Universidade Federal da Bahia e a Universidade Federal de Sergipe, segundo Molina e Sá afirmam:

O projeto político-pedagógico que deu início à implantação desta nova modalidade de graduação nas universidades públicas brasileiras teve sua organização efetiva em 2007, a partir das orientações contidas no documento aprovado por aquele grupo de trabalho no âmbito da Secadi (Brasil, 2011).

Salientamos que o grupo de trabalho constituído pelo MEC para elaborar as diretrizes orientadoras da Licenciatura em Educação do Campo em 2005 e 2006 tinha a participação significativa de representantes dos movimentos sociais, o que garantiu a matriz formativa do curso “elementos capazes de incorporar nos processos de formação docente as especificidades da vida no campo” (MOLINA e ROCHA, 2014, p. 237).

Com os cursos ainda em andamento, as demandas para formação de professores não diminuíram o suficiente para apreender as populações camponesas, então, os movimentos sociais continuaram pressionando e o “MEC lançou novos editais em 2008 e 2009 para que outras instituições pudessem ofertar a Licenciatura em Educação do Campo” (MOLINA e ROCHA, 2014, p. 238). Os editais foram de ampla concorrência e 32 universidades passaram a ofertar o curso.

A Universidade do Estado da Bahia concorreu a este edital, sendo contemplada a ofertar o Curso de Licenciatura em Educação do Campo no Departamento de Educação – Campus XIII, situado na cidade de Itaberaba, interior baiano.

A materialidade da Educação do Campo no nível baiano caminhou lado a lado com o Movimento Nacional da Educação do Campo. Nos interessa a trajetória da UNEB por ser o campo empírico dessa pesquisa, sobretudo suas ações que potencializam a Educação do Campo no estado da Bahia.

Antes de abordarmos com mais detalhes, sobre o processo de elaboração da proposta, deste curso na UNEB, gostaríamos de descrever um pouco da trajetória da Educação no Campo na UNEB.

#### *4.1 Fios que entrecruzam a UNEB e a Educação do Campo*

A estrutura da Universidade do Estado da Bahia se caracteriza como *Multicampi*, agrega vinte e nove (29) Departamentos e 01 Campus Avançado de Canudos, sediados em 24 municípios de médio e grande portes, com significativa influência em suas regiões, é “constituída por 123 cursos de graduação de oferta contínua, 46 cursos em programas especiais de formação e 17 cursos de pós-graduação *stricto sensu*” (Anuário UNEB em Dados, 2017), destaque para os cursos de formação de professores o que a coloca na condição de uma Universidade que tem em sua essência a experiência com formação de professores, conseguindo atender uma camada da sociedade civil que sempre teve seus direitos a educação negados, através de programas especiais como Rede UNEB 2000<sup>48</sup>, Programa de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR<sup>49</sup> e o PRONERA, todos envolvendo formação de professores. Através de suas ações, amparada pelo tripé de sustentação da

---

<sup>48</sup>Programa Intensivo de Graduação desenvolvido pela UNEB desde 1998, em parceria com as prefeituras municipais de várias regiões do Estado da Bahia. O desenvolvimento deste Programa se deu através de convênios com as referidas prefeituras, onde foi oferecido o Curso de Pedagogia para professores em exercício da rede municipal de ensino. Com ele, a UNEB cumpriu as exigências legais propostas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996 que prevê a graduação superior para todos os profissionais atuantes na educação, desenvolvendo assim uma qualificação em serviço, e enfatizou também um dos seus objetivos: a interiorização do ensino superior. Fonte: <http://www.uneb.br/prograd/programas-especiais-de-graduacao/>.

<sup>49</sup>Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica, com a oferta dos cursos de Licenciaturas em Artes Visuais, Ciências Biológicas, Ciências da Computação, Educação Física, Física, Geografia, História, Letras, Matemática, Pedagogia, Química e Sociologia. O programa é resultado da ação conjunta do MEC, IPES e das Secretarias de Educação do Estado e Municípios. Na Bahia, a gestão do programa tem a participação efetiva do Instituto Anísio Teixeira – IAT. Convênio MEC/CAPES/UNEB. BRASIL: Manual de Orientações Acadêmicas. Plataforma Freire, MEC/UNEB/CAPES/FNDE. Brasília, DF, mar. 2010, p. 03.

Universidade – ensino, pesquisa e extensão – a UNEB como coparticipante de processo de contra hegemonia se desafia

a socialização do saber socialmente acumulado pela humanidade para as populações interioranas, desenvolvendo ainda ações de extensão e pesquisa atendendo nos limites da institucionalidade, aos apelos dos movimentos sociais do campo e da cidade (ARAÚJO, 2017, p. 126).

Nesses trinta e cinco (35) anos de existência, a UNEB sempre esteve implicada com as questões sociais, a exemplo de ações de extensão e pesquisas na área de educação, também para o meio rural, antes mesmo do Movimento Por Educação do Campo nos finais anos de 1990.

Abaixo um quadro apresenta algumas ações que a Universidade do Estado da Bahia desenvolveu entre os anos de 1994 e 1998. Salientamos que é possível que outros Departamentos tenham desenvolvido outras ações nessa direção, mas em função do modelo *Multicampi* não foi possível catalogar todas essas ações.

**Quadro nº 04** – Ações ligadas a Educação do Campo, na Uneb, entre os anos de 1994 e 1998

<b>Ano</b>	<b>Departamento</b>	<b>Ação ou ações</b>
1994 a 1995	DCH - <i>Campus III</i> /Juazeiro.	Elaboração da Proposta Pedagógica da Escola Rural de Massaroca - ERUM
1997	DCH - <i>Campus III</i> /Juazeiro.	Elaboração da Proposta Pedagógica do Município de Curaçá – BA: Educação com o pé na realidade nordestina.
1997/ 1998	DCH - <i>Campus III</i> /Juazeiro.	Participação nas primeiras reuniões que levariam à fundação do Fórum Estadual de Educação do Campo.
1998	DCH - <i>Campus III</i> / Juazeiro.	Participação na I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo (CNEC)
	DEDC - <i>Campus X</i> / Teixeira de Freitas.	Projeto alfabetização rural capacitação docente – formação de professores leigos nos assentamentos de reforma agrária
	DEDC - <i>Campus X</i> / Teixeira de Freitas.	Projeto criança liberdade-integração entre os estudantes da universidade e a criação dos assentamentos / encontro dos sem terrinha
	DEDC - <i>Campus X</i> / Teixeira de	Projeto Alfabetização ecológica

	Freitas.	
	DEDC - <i>Campus XI</i> Teixeira de Freitas.	Projeto de Alfabetização de jovens e adultos em assentamentos de reforma agrária
	DEDC - <i>Campus XI</i> Teixeira de Freitas.	Projeto de Formação de educadores de EJA
1997	DEDC - <i>Campus XI</i> Teixeira de Freitas.	Participação do I Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (I ENERA)
1998	DEDC - <i>Campus XI</i> Teixeira de Freitas.	Participação da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo.

Fontes: ARAÚJO, 2017 e Plano de Desenvolvimentos Institucional da Uneb, 2017-2022  
Arquivo: Elaborado pela pesquisadora

Essas ações possibilitaram o envolvimento de docentes com as comunidades camponesas e escolas rurais, proporcionando a construção de bases para o movimento de aproximação da Universidade com os movimentos sociais organizados e conseqüentemente com a Educação do Campo. Todas as atividades desenvolvidas tinham caráter extensionistas, o que nos leva ao entendimento de que este foi o fio condutor de “aproximação da UNEB com as populações camponesas, seus dilemas e problemas e possivelmente, construíram as bases para o envolvimento da Universidade com a Educação do Campo a partir do Movimento desencadeado” (ARAÚJO, 2017, p. 128).

Avancemos para os anos de 1998 quando das mobilizações dos sujeitos militantes que resultou na I Conferência Nacional Por uma Educação do Campo; esse encontro mexeu com as esferas sociais e governamentais intencionando “relocar o rural e a educação que a ele se vincula na agenda política do País” (ARAÚJO, 2017, p. 128). A partir da participação da UNEB nessa Conferência, continuou pensando, articulando e efetivando ações ligadas a universalização do direito à educação.

Na continuidade, a UNEB conseguiu, por meio de seus Departamentos, ampliar as ações a lugares que antes não tinham vivenciado experiências de diálogo formativo com os movimentos sociais. O quadro abaixo apresenta essas ações assim como a ampliação das ações em outros Departamentos.

**Quadro nº 05** – Ações desenvolvidas pela UNEB após participação na I Conferência Nacional  
Por uma Educação do Campo

Ano	Departamento	Atividade	Ação/Programa
2010	Diversos Departamentos	Extensão	Formação de professores - PROJOVEM /SABERES DA TERRA
1999	Diversos Departamentos	Extensão	Alfabetização de jovens e adultos no campo
2014	DEDC – Campus VII/ Senhor do Bonfim	Pós graduação e pesquisa	Curso de Especialização em Educação do Campo
2014	DCH–CampusIII/ Juazeiro	Pós graduação e pesquisa	Criação do Mestrado em Educação e Convivência para o Semiárido (PPGH)
2009  2015	Interdepartamental	Pós graduação e pesquisa	Dois grupos de pesquisa: Grupo de Pesquisa em Educação do Campo e Contemporaneidade – PPGEduc e o Grupo de Pesquisa Educação do Campo, Trabalho, Contra hegemonia e Emancipação humana.
	Interdepartamental	Pós graduação e pesquisa	Pesquisas de docentes; trabalhos de conclusão de curso de discentes espalhados pelos departamentos; dissertações e teses além de um seminário anual realizado pelo grupo de pesquisa em Educação do Campo e Contemporaneidade e o Encontro Baiano de Educação do Campo, realizado a cada dois anos pelo Centro de Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial.
	Nos Departamentos que ofertam o curso de Pedagogia	Ensino	Inclusão da Disciplina Educação do Campo no currículo do curso de Pedagogia com oferta obrigatória.



2004 - 2018	DEDC- <i>Campus XIV/Conceição do Coité</i> ; DEDC - <i>Campus X/Teixeira de Freitas</i> ; DCHT- <i>Campus XVII/Bom Jesus da Lapa</i> ; DCH <i>Campus IX/Barreiras</i> ; Assentamento Terra Vista – Arataca e DCH – <i>Campus II Salvador</i>	Ensino	Implantação dos cursos de Letras, Pedagogia, Bacharelado em Direito e Agronomia (financiados pelo Pronera INCRA).
2010 - 2018	DEDC- <i>Campus XIII/Itaberaba</i>	Ensino	Licenciatura em Educação do Campo

Fonte: ARAÚJO, 2017 e Plano de Desenvolvimento Institucional da Uneb, 2017-2022  
Arquivo: Elaborado pela pesquisadora

Durante os anos mencionados no quadro acima a UNEB em parceria com os movimentos sociais, promoveu ações de ensino, pesquisa e extensão voltadas para a educação do campo.

As demandas apresentadas nessa parceria vêm sendo atendidas através do desenvolvimento de seus projetos, colocando-a entre as Universidades do Brasil que mais realizou projetos até o ano de 2010; destacamos que num universo de 24 projetos pertencentes em 05 universidades na Bahia, 10 projetos foram desenvolvidos no âmbito da UNEB, os outros 14 foram desenvolvidos nas 04 universidades, esses dados revelam o compromisso e potencial que a UNEB acumulou durante esses anos junto ao PRONERA.

Esses dados mostram como a trajetória da Educação do Campo na UNEB se materializou e de como esse processo se deu de forma integrada e articulada entre as Pró-Reitorias acadêmicas e os Departamentos situados em várias cidades do interior da Bahia.

A Universidade Pública precisa pautar em suas ações o compromisso com as questões de ordem sócioeducacional, conforme Araújo diz que

Compartilhando ainda da ideia do professor Florestan Fernandes (1980) de que o papel da Universidade pública deverá ser de vincular-se e comprometer-se com a realidade em que ela está inserida, problematizando-a e contribuindo, através das ações de ensino, pesquisa e extensão, para o desenvolvimento social das comunidades que demandam os seus serviços, não apenas condenando o sistema capitalista, mas proporcionando instrumentos aos trabalhadores para que

esses possam construir uma contra-hegemonia e construir uma sociedade livre da exploração, neste sentido, a universidade construir-se um espaço de disputas (ARAÚJO, 2017, p. 133).

Objetivando contribuir para a construção de uma *sociedade livre de exploração*, a Universidade do Estado da Bahia avançou ofertando, em caráter especial, a turma de Licenciatura em Educação do Campo no Departamento de Educação, Campus XIII, na cidade de Itaberaba – Bahia.

A LECampo “é uma modalidade de graduação nas universidades públicas brasileiras que busca formar e habilitar profissionais para atuarem nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, visando o estudo e práticas nas escolas de educação básica” (MOLINA e SÁ, 2013, p. 466) garantido assim a formação daqueles que possam atuar nas escolas da zona rural objetivando a ampliação de atendimento a crianças e jovens na educação básica sem que seja preciso sair de suas comunidades para estudar.

O curso de formação para a docência multidisciplinar compreende três dimensões: *preparar para a habilitação da docência por área do conhecimento; para a gestão de processos educativos escolares e para a gestão de processos educativos comunitários, de forma inter-relacionada e em conformidade com a concepção da educação do campo.*

Pensar numa proposta pedagógica dessa natureza e a inter-relação na formação dos graduandos foi um dos desafios posto à execução desta Licenciatura, sendo necessário

[...] promover processos, metodologias e posturas docentes que permitam a necessária dialética entre educação e experiência, garantindo um equilíbrio entre rigor intelectual e valorização dos conhecimentos já produzidos pelos educandos em suas práticas educativas e em suas vivências socioculturais (MOLINA e SÁ, 2013, p. 468).

Para que esse formato fosse possível ser posto em prática foi necessário romper com as tradicionais visões fragmentadas do processo de produção de conhecimento, como a disciplinarização e daí uma das inovações da matriz curricular ser organizada em componentes curriculares em duas áreas do conhecimento: Códigos e Linguagens (Língua Portuguesa, Estrangeira, Literatura e Artes,) e Ciências da Natureza e Matemática. Sobre essa questão Molina e Sá, afirmam que

As áreas podem ser pensadas como forma de organização curricular e como método de trabalho pedagógico. Organizar o currículo por áreas (em vez de por disciplinas) não implica necessariamente negar o trabalho pedagógico disciplinar. Por parte, podemos ter um currículo organizado por meio de disciplinas e realizar um trabalho pedagógico desde as áreas do conhecimento e a partir de práticas interdisciplinares (MOLINA e SÁ, 2013, p. 470).

As habilitações visam aprofundamento específico à docência nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, buscando desenvolver habilidades e competências necessárias para a compreensão de um ensino voltado para as questões da educação do campo, para os processos específicos de produção coletiva na diversidade de gênero, de geração étnico-racial e de ecossistemas; na história, nos valores, na cultura, nos saberes e nos sujeitos coletivos; articulando os diversos saberes construídos a partir da prática pedagógica buscando no cotidiano da sala de aula o rompimento com a fragmentação dos diferentes componentes curriculares.

Essas habilitações são referendadas pelo reconhecimento do direito à igualdade, à educação e à diferença perpassando, primeiramente, pela concepção de campo como sendo um espaço de vida e resistência dos camponeses que lutam para terem acesso e para permanecerem na terra, além de ser um espaço de produção material e simbólica das condições de existência, de construção de identidades.

Decorrem também pelo reconhecimento das especificidades em relação à concepção de educação sendo um espaço construído pelos e com os sujeitos do campo, um espaço de formação humana, como direito, pensada a partir da especificidade e do contexto do campo e de seus sujeitos.

No curso da LECampo oferecido pela UNEB os/as educandos/as ao entrarem para esta Graduação estabeleceram conexões com componentes curriculares que deram suporte para uma formação básica/comum e obrigatória nos quatro primeiros módulos do curso com o intuito de desenvolver estratégias de formação para a docência. Nos quatro módulos subsequentes os discentes optaram por uma das habilitações oferecidas pelo referido curso que mais correspondeu ao seu perfil, ou seja, às suas identidades, fossem elas voltadas para a área de Códigos e Linguagens ou para a área de Ciências da Natureza e Matemática.

As discussões que permeiam essa pesquisa se destinam a estudar os componentes curriculares da área de Artes que compõem a habilitação de Códigos e Linguagens, já sinalizado nas sessões anteriores e de como essa prática se revelou durante o curso, sobretudo em que medida os mesmos contribuíram para o processo formativo do/as educando/as considerando a negação histórica de educação para os sujeitos do campo e todo processo de militância de arte educadores para que o ensino de Arte fosse valorizado e legitimado nas escolas de Educação Básica situadas na zona urbana e também na zona rural.

Pensar numa proposta de formação de professores do campo que contemplasse as linguagens artísticas não foi fácil e ainda é um desafio, mas sobretudo, pensar de maneira a atender uma “formação estética e política de educadores para que eles sejam capazes de desmistificar os sentidos hegemônicos das obras e dos programas, por meio da compreensão da relação dialética entre a forma estética e a forma social” (CORRÊA; HESS; COSTA; BASTOS; BÔAS e BORGES, 2011, p. 188). Pois a luta se faz também nas esferas da cultura e da arte e não apenas no âmbito da conquista da terra, mas também educação, saúde, cultura, comunicação e direitos humanos na perspectiva de um projeto de sociedade que garanta à população todos esses direitos.

A demanda se ampliou para formação e capacitação de militantes que pudessem atuar nas escolas do campo com as linguagens artística e estética voltadas para a construção da leitura crítica do mundo através da arte nas mais diversas formas: plástica, música, teatro, dança, poesia e etc., considerando a produção cultural e artística popular que é tão rica e cheia de símbolos, significados, cores. Outrossim, os movimentos sociais prezam por uma formação na área de artes que contemplem essa riqueza cultural.

A desvalorização das linguagens artísticas na escola é algo que acompanha a educação em nosso país, priorizando projetos pontuais e reformas pedagógicas com ausência de discussões, portanto resultando no não reconhecimento da arte como imprescindível para a vida, e Bogo (2016) acrescenta que a arte é fundamental, não só para a vida, mas também para a luta.

Os componentes curriculares que compõem a matriz de Códigos e Linguagens foram pensados de maneira a capacitar os/as educandos/as a atuarem nas escolas do campo com a teoria e a prática dos movimentos artísticos com ênfase nas questões de ordem econômica e social uma vez que não é possível discutir uma obra de arte ou um objeto de arte fora de um contexto social, político e religioso; na verdade, pode até ser discutido, porém não terá completude uma vez que todas as relações do processo criativo do artista estão intimamente ligados ao que acontece a sua volta e em determinado tempo.

Historicamente as aulas de arte sempre foram usadas como “passa tempo” ou como suporte para outras disciplinas como, por exemplo, explicar determinado fenômeno através de um “teatrinho” ou para comemorar datas em que a escola promove alguma festividade e precisa de uma “coreografia” ou recital de poemas e ainda para decorar murais, mas nada disso é feito de maneira a promover reflexão sobre o que está encenando, declamando, dançando, reproduzindo plasticamente.

Outra situação é a leitura de imagens em livros didáticos, muitas vezes passada a página pelos professores por não entender como se faz a leitura imagética ou a interpretação da letra de uma música, dessa maneira a especificidade formativa é sem caráter crítico e ideológico, seguindo na contramão é que a proposta da área de linguagens e códigos na LECampo foi

Organizada a partir da dimensão da formação por área de conhecimento, em lugar do elenco de disciplinas relativamente autônomas compondo uma grade curricular, do regime de Alternância, articulando o Tempo Escola ao tempo de atuação e pesquisa na comunidade, como alternativa ao período regular do ensino formal em que a produção do conhecimento fica mais estreitamente ligada ao tempo de alternância no espaço da sala de aula; e ainda da relação entre Tempo Trabalho e Tempo Escola, que se constituem de forma integrativa e não opositiva conforme predomina no âmbito escolar convencional, a lógica estruturante da Licenciatura em Educação do Campo é, em muito, responsável pela possibilidade de uma práxis efetiva na produção do conhecimento. O aspecto integrador, sempre vivido como um desafio, uma vez que a integração proposta só se traduz em práxis na medida em que é uma experiência de enfrentamento de contradições, é, portanto, um elemento central do processo formativo que nos impulsiona a uma radicalidade, nem sempre disponível (CORRÊA; HESS; COSTA; BASTOS; BÔAS e BORGES, 2011, p. 189).

O formato proposto viabiliza a capacitação específica e assim promover a expansão da oferta de professores para atuarem na Educação Básica situadas nas comunidades de forma crítica, levando em consideração as práticas artísticas do homem do campo numa perceptiva da alfabetização artística, que é a capacidade de entender o que está a ser visto numa imagem, o que as mesmas querem dizer, o que está contido de informação nessas imagens que pode se estender para as poesias, as músicas, as danças e toda forma de expressar através do teatro, das palavras de ordem, do movimento do corpo nas marchas, nas místicas e em todo o movimento de luta.



**Figura nº 15 – Aulas de Teatro<sup>50</sup>**

*A gente não quer só comida<sup>51</sup>*

*A gente quer comida*

*Diversão e arte*

*A gente não quer só comida*

*A gente quer saída*

*Para qualquer parte...*

*Diversão e arte*

*Para qualquer parte*

*Diversão balé*

*Como a vida quer*

*Desejo, necessidade, vontade*

*Arnaldo Antunes/Sérgio Brito/Marcelo Fromer*

---

<sup>50</sup> Apresentação de atividade na aula de Fundamentos do Teatro. Educandas e filha de educanda da LECampo/UNEB - 2014.

<sup>51</sup> Fragmentos da música "Comida" que faz parte do álbum "Jesus não tem dentes no país dos banguelas", banda Titãs no ano de 1987.

## 5. ARTE POLÍTICA NAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS: AS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS DOS/DAS EDUCANDOS/DAS NA HABILITAÇÃO DE CÓDIGOS E LINGUAGENS DA LECAMPO

Ressaltar a existência, a relevância, a necessidade e a função social da arte ao longo da história para a humanidade é um debate promovido por muitos teóricos que discutem a arte, mas mesmo tendo muitos debates construídos, entendemos que ainda se faz necessário continuar abordando o assunto pela natureza mutável das pessoas que habitam o mundo.

Do latim *ars*, a arte é o “talento de saber fazer” (BOGO, 2016) e se caracteriza como atividade vinculada a habilidades humanas, conforme Bogo afirma que “a arte acompanha a produção da existência; foi e é parte da cultura. Ajuda a compor a consciência estética dos indivíduos e dos grupos sociais” (BOGO, 2002, p. 136).

Ao longo da história da humanidade a arte vem exercendo papel fundamental para construção do conhecimento humano. Não por acaso, pois o exercício do fazer criativo é inerente a natureza humana. Desde os tempos mais remotos que se têm indícios e conhecimento da produção artística humana seja nas pinturas rupestres, seja na construção de ferramentas, seja nos utensílios domésticos, seja nas obras de artes que compõem museus em todo mundo e ainda também nos reisados, congadas, cordéis e tantas manifestações artísticas populares espalhadas por todo o mundo. Essa afirmação tem amparo nos estudos de Araújo, quando diz que:

Ao longo dos anos a arte assumiu diferentes funções e se manifestou por uma diversidade de linguagens e procedimentos técnicos, devido às transformações sociais, políticas, tecnológicas e culturais que ocorreram na sociedade. Cada vez mais o homem sentiu necessidade de dialogar com o mundo à sua volta e de demonstrar seus anseios, ideias, emoções e conhecimentos (ARAÚJO, 2016, p. 148).

A arte é uma área do conhecimento humano que dialoga com todas as outras áreas, pois, em quase tudo, a arte está presente, desde o desenho de uma cadeira até a sua fabricação o que revela o caráter utilitário da arte, passando pelas criações têxteis, moda, design tecnológicos até as pinturas, espetáculos de dança e teatro, música e toda produção artística que circula



pela humanidade. Para termos conhecimento de toda essa produção artística é necessário educarmos o “olhar”, apreciar a arte presente, para que seja possível compreender as intenções do artista e produzir interpretações significativas da obra (ARAÚJO, 2016, p. 148) e para que o olhar seja educado de maneira a compreender as relações da arte com o homem é fundamental o movimento de arte/educação.

O movimento de arte/educação no Brasil surgiu em meados dos anos de 1980 com os estudos da professora Ana Mae Barbosa com a abordagem triangular, que nos leva a compreender e construir conhecimento através contextualização, da leitura e do fazer artístico (PILLAR, 2008). A militância dos arte educadores para que o ensino da arte seja, de fato, reconhecido como área do conhecimento essencial para a formação humana ainda é pauta presente nas escolas, universidades, eventos e em todos os espaços que discutem a educação.

Nessa direção a Educação do Campo e o Ensino da Arte se aproximam conforme Barbosa (2012, p. 06), defende

Se pretendermos uma educação não apenas intelectual, mas principalmente humanizadora, a necessidade da arte é ainda mais crucial para desenvolver a percepção e a imaginação, para captar a realidade circundante e desenvolver a capacidade criadora necessária à modificação desta realidade.

Tanto a arte quanto a Educação do Campo se preocupam com uma formação que valorize o processo de emancipação do ser humano, buscando abordar conteúdos, por exemplo, que realmente contribuam para o processo de ensino e aprendizagem dos sujeitos envolvidos.

Sendo assim, caminharemos para a análise dos dados recolhidos durante a pesquisa, onde buscaremos responder as perguntas levantadas durante a pesquisa a saber:

1. Como as práticas artísticas se revelaram nos distintos processos formativos?
2. Em que a arte contribuiu para fortalecer a emancipação dos licenciados e das licenciadas?

“*Tudo aconteceu num certo dia*”, em que fui convidada para assumir a função de articuladora<sup>52</sup> das atividades do tempo escola e do tempo comunidade na LECampo. A partir de então as atividades desenvolvidas no curso sempre teriam ligação com as linguagens artística. Esse tópico irá abordar como as atividades com as linguagens artísticas aconteceram durante as aulas nos espaços de aula; aulas de campo; no pátio da Universidade; nas comunidades; a relação interdisciplinar e a socialização dessas atividades nos Seminários de Articulação do TE/TC.

Para tanto, selecionamos quatro atividades que se destacaram sobremaneira durante o curso. Um dos critérios de escolha usado tem como base a parceria com docentes do curso que ministraram aulas em componentes que não eram da área específica de artes; outro aspecto foi o caráter inovador das atividades propostas, a exemplo da produção teatral com base no livro *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, onde os/as estudantes deveriam reproduzir o livro todo sem cortes, mas dividido em equipes, essa ação só foi possível com a ajuda dos/das educandos/as da habilitação de Ciências da Natureza e Matemática; também observamos e selecionamos a prática da mística durante o curso, com destaque para as que aconteceram durante os Seminários de Articulação TE/TC.

As atividades descritas a seguir foram atividades desenvolvidas em módulos diferentes e não seguem uma sequência de módulos, também nem todas foram atividades de componentes curriculares que tinham o tempo comunidade previstos no Projeto Pedagógico do Curso. Algumas foram solicitadas em um módulo e os resultados socializados no módulo seguinte, nesse caso dialogaremos com as ações dos Seminários de Articulação Tempo Escola/Tempo Comunidade.

Alguns dados sobre essas atividades, o nome dos componentes, carga horária, módulo e ementa de cada componente estão descritos no quadro localizado como Apêndice C, neste Relatório. O detalhamento de cada uma delas e as considerações teóricas serão abordadas nos tópicos seguintes:

---

<sup>52</sup>Esta função não estava prevista no Projeto Pedagógico de Implantação do Curso. Com o andamento do curso a então coordenadora percebeu que seria necessário ter um/a docente que pudesse fazer a articulação entre os/as docentes do módulo e os/as educando/as a fim de coordenar a socialização das atividades do TC no Seminário de Articulação do TE/TC.

### 5.1 Retalhos de uma construção coletiva: identidade e território no fazer do pano pedagógico

Durante as aulas do segundo módulo surgiu a necessidade de pensarmos como seria a socialização das atividades do TC que foram solicitadas pelos professores do primeiro módulo e o primeiro desafio foi organizar a forma de apresentação de cada educando/a uma vez que tínhamos vinte um municípios da Bahia representados no curso, e foi ai que surgiu a ideia de fazer um Seminário com o tema Seminário de Articulação TE/TC: *Notícias do Mundo de Lá*, como esse tema os/as educando/as não só iriam expor como se deram as atividades do TC como também falariam ou nos dariam notícias do lugar de onde cada um veio com todas as suas idiossincrasias. Para acompanhar o tema, a autora desta pesquisa teve a inspiração de confeccionar um pano pedagógico coletivo onde cada grupo deveria, através da imagem, dar notícias do lugar onde viviam e produziam seu lugar de vida.

O fragmento da música de Pedro Munhoz - *tudo aconteceu num certo dia* – (Canção da Terra) porque foi a principal fonte de inspiração para a elaboração dessa atividade, a qual veio ao ouvir essa canção e até hoje nos acompanha quando o pano ou colcha de retalhos, como é chamada, é apresentada pelos muitos lugares que já passou. Outra música foi Encontros e Despedidas de Milton Nascimento e Fernando Brant reproduzida na voz de Maria Rita e dizendo que a *plataforma dessa estação é a vida desse meu lugar, é a vida desse meu lugar, é a vida...*;o vídeo clip dessa música foi reproduzido em sala de aula para que servisse de inspiração para a confecção da colcha de retalhos ou pano pedagógico.

Ao pensar nessa atividade<sup>53</sup> pensamos em como direcionar e/ou motivar um olhar diferenciado sobre as imagens que buscam traduzir de modo direto e indireto o cotidiano das localidades e experiências do/as jovens que vivem no/do campo relacionando a arte e a Educação do Campo retratando imagens do campo através de retalhos de tecido tendo como base artística a

---

<sup>53</sup>Nesse tópico são usados fragmentos do texto em pareceria com as professoras Gilsélia Freitas e Nanci Orrico (UFRB). O texto **Concepções e Princípios da Educação do Campo: Um Diálogo com a Arte – Educação na UFRB**, foi apresentado no Seminário de Educação e Contemporaneidade na Universidade do Estado da Bahia, em 2014.

Arte Naif<sup>54</sup> pois entendemos que a atividade de ler e refletir sobre as imagens e músicas, neste caso aquelas relacionadas com o campo, amplia o arcabouço cultural do/a educador/a, ao tempo em que auxilia a articulação que deve ser estabelecida entre a teoria e a prática no seu exercício docente junto às classes de educando/as das escolas do campo.

A atividade se deu nos encontros de planejamento para o Seminário TE/TC para cumprimento de carga horária destinada a esse fim em cada módulo, contando com a participação de todos/as os/as educandos/as do curso e não só os de Códigos e Linguagens. A atividade realizada no formato de oficina enfatizou a leitura de imagens do cotidiano dos povos do campo através da música e das obras artísticas selecionadas, possibilitando que os/as educandos/as refletissem sobre os vários conceitos e concepções de campo, assim como adentrassem no mundo da arte através da contemplação/análise, da contextualização e produção artística.

Quando pensávamos sobre a realização da oficina com retalhos nos perguntamos muito sobre quais artistas plásticos escolheríamos para fundamentar imagetivamente o trabalho e foi justamente partindo dessa inquietação que surgiu a ideia de usarmos artistas regionais como Antônio Poteiro.

Esse artista é homem simples que destaca a brasilidade em suas pinturas e esculturas e sua trajetória como filho de poteiro<sup>55</sup>, além de enfatizar as festas regionais como as cavalhadas e os capuchinhos. O artista se considera um homem livre para criar da maneira que entende ser correta. Dito de outra forma, Antônio Poteiro primeiro gosta do que faz, depois são os outros que gostam, ou seja, é um artista sem amarras, prescindindo das opiniões alheias. Na pintura, os mesmos elementos utilizados em suas peças cerâmicas priorizam uma temática nascida do sonho e do pesadelo, apropriada

---

<sup>54</sup>A pintura *naif* é produzida por artistas não eruditos, ou seja, sem formação culta no campo da arte. Muitos são considerados autodidatas, pois aprenderam sozinhos sua técnica e não seguem regras nem tendências artísticas. *Naif* é uma palavra francesa que significa “natural”, “ingênuo” ou “primitivo”. O termo foi adotado na França, na década de 1880. O Brasil está entre os cinco países onde mais se encontra essa forma de expressão popular. Em geral a pintura não é a única ocupação dos artistas *naifs*. Muitos são sapateiros, carteiros, donas de casa, advogados, médicos, jornalistas, diplomatas etc. Os temas podem ser urbanos ou rurais e são retratados com muitos detalhes coloridos.

Fonte: A arte de fazer Arte, 2009, p. 44.

<sup>55</sup>“*Seu pai faz potes, portanto é um poteiro*”. As Fábulas de Antônio Poteiro, 2006, p. 03.

diretamente da realidade concreta, das festas e tradições populares, do imaginário fantástico. O crítico Frederico Morais (1983) afirma:

O mundo que Poteiro constrói em seus quadros e cerâmicas é rigorosamente lógico, a começar pela sua simetria. Nele temos o céu e a terra, o alto e o baixo, a esquerda e a direita, o dentro e o fora, Deus e o diabo, o bem e o mal, o leve e o pesado. São vários níveis, planos, andares. Há o mundo de dentro (Poteiro põe presépio dentro de um chapéu de couro nordestino, imagem que lembra uma nave ou gruta) e o fora.

A criação de Poteiro o faz reverenciar as coisas e as pessoas que valoriza, como São Francisco, que é para ele uma figura especial. Poteiro identifica-se com ele e com todos os personagens que, de certa forma, cultivam a sua irreverência, deixando suas marcas na história, na arte e na vida. O artista retrata em suas obras com muita precisão a vida rica em cultura, crença, religião, mitos, folgedos e toda sorte de manifestações artística dos povos do campo.

A reprodução de duas pinturas de Antônio Poteiro demonstra, na imagem o que foi dito acima em relação a forma como esse artista consegue levar pra tela a cultura popular, o cotidiano de um povo e o protesto, em certa medida.

**Figura nº 16:** A ceia dos descamisados - Antônio Poteiro



Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9718/antonio-poteiro>

**Figura nº 17:** A ciranda - Antônio Poteiro



Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9718/antonio-poteiro>

Também trabalhamos as obras do principal artista da corrente e precursor da Arte Naïf, Henri Rousseau, um especialista em cores, mas que não possuía educação geral, nem conhecimentos de arte ou de pintura. O artista soube retratar em suas telas a paisagem pura e simples, as festas de cunho popular e os sujeitos simples, repletos de saberes que compõem esses espaços.

**Figura nº 18:** Carnaval – Henri Rousseau



Fonte: [https://www.suapesquisa.com/artesliteratura/henri\\_rousseau.htm](https://www.suapesquisa.com/artesliteratura/henri_rousseau.htm)

Também levamos para a essa atividade as obras do artista baiano Sílvio Jessé. Esse artista plástico é muito sensível para fazer refletir sobre as situações de sofrimento que passam os povos que vivem nas regiões assoladas pela seca, os personagens emblemáticos desses espaços como a mãe que amamenta o filho mesmo sem forças, os animais que resistem à falta de água, assim como a vegetação e a crença que torna o homem do campo mais forte pra resistir às mazelas e sofrimentos do cotidiano.

As telas são recheadas de símbolos e muita cor, o que eleva a obra do artista a um patamar de criação incontestável com o uso de textura e cores fortes e primárias. As obras de Jessé deram vazão para que os educandos e educandas pudessem criar com mais liberdade, sem se preocuparem com o uso de perspectiva, com linhas muito precisas, com combinação de cores e sim com a importância evidenciada em retratar a realidade exatamente como ela é.

**Figura nº 19:** A velhinha e o carro de boi



Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa443522/silvio-jesse>

O que vimos foi um processo de produção artística muito criativo e também possível de perceber as concepções de campo que cada um/uma foi capaz de apreender, além de inovar no que se refere a uma proposta

pedagógica num curso de Licenciatura, pois o teórico, o artístico e o prático trilharam lado a lado.

A produção da colcha de retalhos proporcionou aos/as educando/as terem contato com a História da Arte, assim como com a história de vida dos artistas selecionados, sua inserção nos movimentos artísticos e, logicamente, articular o conhecimento popular com o conhecimento científico. Ainda direcionou o grupo a um olhar diferenciado sobre a produção artística e as concepções de Educação do Campo.

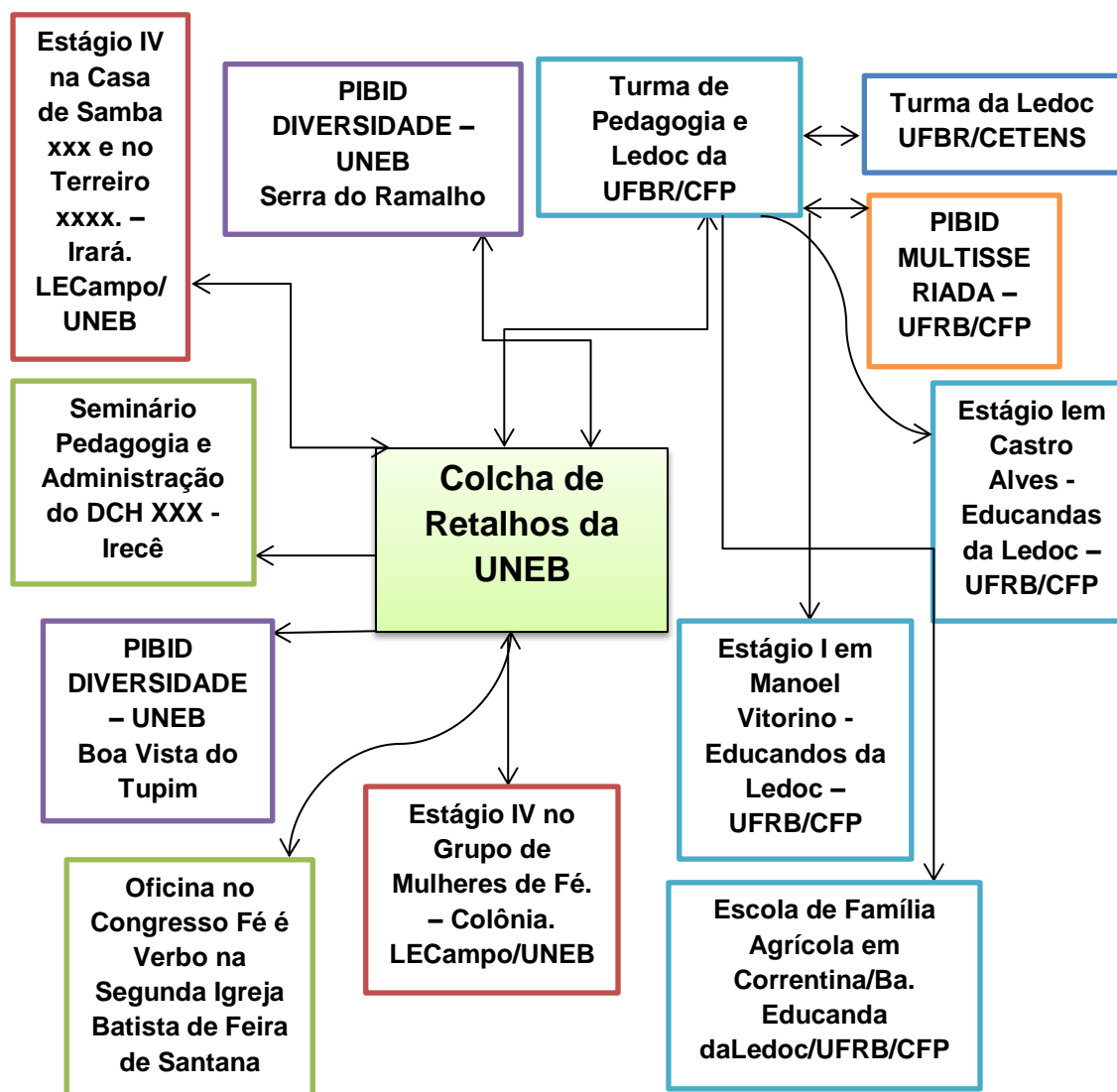
O grande painel da vida simples e singular e cheia de saberes dos povos do campo nos ensinou e ainda ensina que em “cada saber tem um jeito de ser”, ou seja, simbolicamente temos os modos de expressão do camponês, como: marcha de luta pela reforma agrária, escolas de família agrícola, assentamentos e acampamentos da reforma agrária, festejos, escolas do campo, paisagens do campo, produção agrícola, comunidades rurais, movimentos sociais e sindicais do campo todos com seus respectivos fundamentos sócio-políticos.

Essa colcha tornou-se para o grupo um símbolo que representa a turma de Licenciatura em Educação do Campo na UNEB, nas dimensões política, cultural, econômica, social e de luta pela Educação do Campo. Passou a ser usada como símbolo quase que obrigatório nos eventos acadêmicos dos licenciando/as, usada nas místicas de abertura e várias atividades em comunidades. Salientamos que após a confecção dessa colcha de retalhos outras foram confeccionadas em outras Universidades, a exemplo da Universidade Federal do Recôncavo Baiano no Centro de Formação de Professores - UFRB/CFP e no Centro de Ciência e Tecnologia em Energia UFRB/CETENS, nas escolas de Educação Básica, em programas e projetos que os/as educandos são bolsistas ou não, assim como nos movimento sociais de luta pela terra, em atividades religiosas e etc.

Abaixo apresentamos um organograma com os dados de algumas colchas que foram confeccionadas a partir da colcha de retalhos– o protótipo - do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UNEB sob a coordenação da professora Lídia Barreto da Silva, autora desta pesquisa.



Figura nº 20 – Colchas que foram confeccionadas a partir da colcha da LECampo da UNEB



A continuidade no fazer do pano pedagógico ou colcha de retalhos nos leva a entender como foi e ainda é significativo para os sujeitos do campo retratar o lugar de produção da vida de cada um deles. Cabe salientar que as colchas ganharam visibilidade e identidade demarcando o sentido estético das práticas artísticas dos camponeses se constituindo como símbolo marcante das turmas das Licenciaturas em Educação do Campo que seguem a declamar:

*Tece, tece, que tecendo  
Cresce, cresce a fiação*

*Urde as formas das estampas,  
Firma as cores do padrão,  
Roda a roda, tece, tece,  
Bem tecida essa canção.  
Noite e noite, sempre e sempre,  
Nunca inútil, nunca em vão  
Marcus Acioly*

O detalhamento dessa atividade é necessário, pois foi a partir dela que as indagações que resultaram nesta pesquisa começaram, pois os/as educando/as se envolveram com a atividade e se empenharam muito para que a mesma ficasse pronta em tempo hábil para ser apresentada no Seminário do TE/TC e servisse de painel para o evento.

Outro aspecto que merece de nós destaque foi o fazer no coletivo, para que a colcha fosse confeccionada, todos deveriam costurar juntos e ao mesmo tempo o que exigiu agrupamento e cumplicidade para dar conta de uma tarefa com dia e hora para ficar pronta. E por fim, a inspiração que causou em várias pessoas a ponto de ser reproduzida, conforme já dissemos, e ponto inicial para a realização de várias atividades artísticas durante o curso, pois

*[...] uma vez que tivemos contato com esse tipo de arte e descobrimos que podemos fazer e sabemos fazer, não queremos deixar de fazer arte nunca mais e principalmente durante as aulas aqui na UNEB (Margarida Alves).*

Declarações como essa foram proferidas por quase todos da turma que se apropriaram de uma atividade que historicamente sempre esteve acessível apenas a uma pequena camada da sociedade, alguns privilegiados que tiveram oportunidade de estudar, entender e fazer arte, mas a proposta ser pautada na Arte Naif foi intencional para fazê-los entender, na prática, que arte pode ser feita por todas as pessoas sejam elas como formação acadêmica ou não, com domínio da técnica ou não, que pode ser de maneira a não ficar presa ao rigor da técnica e dos padrões estabelecidos pela academia clássica erudita, pois compreendemos que a arte é:

A arte é a atividade humana que consiste em um homem comunicar conscientemente a outros, por certos sinais exteriores, os sentimentos que vivenciou, e os outros serem

contaminados desses sentimentos e também os experimentar (TOLSTOI, 2002, p. 15).

Corroboramos com a afirmação do autor, pois entendemos que o fazer artístico faz parte da natureza humana e não deve ser posto como algo inalcançável ou próprio de determinados grupos de pessoas ou lugares. A arte para os Sem Terra significa

Eis o conceito que formulamos pela experiência do caminhar político que deu rumo a nosso destino. A arte é a interpretação do mundo em que vivemos e a projeção do mundo que queremos.

É uma mistura de realidade com a intuição, de um futuro que almeja vir a ser. Artistas são aqueles que sempre estão à frente na interpretação e aceitação dos desafios eu, enfrentados, movem a história. Desta maneira, sem terra, ultrapassa a condição social para tornar-se realidade sócio-artística, que cava na consciência de cada um, o aterro para edificar a nova história cheia de belezas. Sem ela a luta não vinga, pois não atrai energia para alimentar-se e fortalecer-se (BOGO, 2002, p. 138-139).

Os Sem Terra têm consciência de que todos os símbolos que envolvem a luta tem relação com a arte, ainda que alguns tenham pensado durante as aulas que não sabiam produzir arte ou que não entendiam nada sobre o assunto, buscávamos refletir de forma a retomar a consciência do fazer artístico tendo como base artística teórica as produções dos próprios campesinos. Ao longo do curso fomos trabalhando para sanar essa ideia e fazê-los compreender que a fruição da arte faz parte de todo ser humano.

Finalmente, as etapas de confecção da colcha de retalhos estão descritos no quadro abaixo:

**Quadro nº 06 – Etapas de fazimento da Colcha de Retalhos**

1. Exibição do vídeo clip Encontros e Despedidas, interpretada por Maria Rita; Discussão sobre a letra da música;
2. Exposição e análise das obras de arte de Antônio Poteiro, Sílvio Jessé e Henri Rousseau;
3. Apropriação de conceitos sobre a Arte Naif: artistas, suas obras e características;
4. Orientação do fazer artístico (educadora e educadores) no TU (tempo universidade), norteadas pela discussão teórica e metodológica para a produção do pano pedagógico;
5. Formação de equipes, escolha do que seria ilustrado de cada comunidade, no pano;

6. Organização e distribuição do material (tecidos, cola, linhas, tesouras, botões e aviamentos diversos de costura) para a confecção do pano pedagógico;
7. Conclusão da colcha de retalhos, no coletivo, na residência estudantil;
8. Socialização da colcha pronta na mística de abertura do Seminário de Articulação TE/TC Notícias no Mundo de Lá.

Fonte: Arquivo da pesquisa

## 5.2 “A escola dos meus sonhos sob meu ponto de vista”

Abordar pessoas<sup>56</sup> nos corredores de uma Universidade para entrevistas, fotografias e para conversas sobre um assunto específico e coisas atreladas a esse assunto podem ser ações comuns para quem já está acostumado com a rotina de projetos educacionais que são realizados no âmbito acadêmico de Escolas e Faculdades. Entretanto, é possível inovar de modo bem criativo até mesmo atividades já desenvolvidas por outrem em períodos e lugares diferentes, como é o caso da atividade que será descrita neste ponto. A mesma diz muita coisa para quem já se envolveu com o debate desencadeado por uma pergunta sempre presente na cabeça de educadores e da sociedade em geral: pra que serve a escola?

A aula inicial foi uma combinação de parceria entre as docentes, em conformidade com as ementas<sup>57</sup> dos Componentes Curriculares e estando as duas docentes juntas para apresentar, em princípio, conteúdos sobre a(s) razão (razões) da existência da escola.

Para realização de uma atividade que abordasse esse tema, foi utilizado o instrumento de pesquisa e de criação, a saber: leitura de vários textos teóricos abordando o tema geral, a perspectiva de filmar e entrevistar pessoas em diferentes lugares com roteiro pré-definido<sup>58</sup>, seguindo o intento de

<sup>56</sup> Nesse tópico continuaremos usando fragmentos do texto **Jovens Estudantes Inovam com “Uma Aventura na Cabeça e uma Câmera na Mão”**, elaborado em parceria com as professoras Gilsélia Macedo Cardoso Freitas (UFRB) e Maria das Neves Enéas da Silva Santos (UNEB). O texto foi apresentado como comunicação oral no Encontro Baiano de Educação do Campo na UNEB, em 2018.

<sup>57</sup> Informações sobre os componentes curriculares estão descritas no Apêndice C, desta pesquisa.

<sup>58</sup> O plano da atividade pode ser conferido no Apêndice D, desta pesquisa.

desdobrar “uma aventura na cabeça e uma câmera na mão”<sup>59</sup>. Para as equipes foi proposta a ideia de um documentário ou reportagem, considerando-as como formas estimulantes de inserir a discussão acadêmico-científica de modo mais criativo no espaço da Universidade.

Ainda do ponto de vista teórico metodológico, a pesquisa militante é central nessa atividade e articulou as dimensões do ensino, da pesquisa e da extensão, além do desdobramento da formação política forjada na práxis pedagógica, nos diferentes tempos formativos. Entende-se por pesquisa militante a pesquisa participativa num processo de construção de possibilidades, sobretudo comprometida com a transformação social radical.

O desenvolvimento dessa atividade teve como base duas etapas estruturantes, tais como: A primeira com um sorteio dos textos para as equipes; sorteio do público que seria entrevistado pelas equipes; leitura e estudo do(s) texto(s); elaboração das entrevistas e breve socialização das ideias centrais dos textos e a segunda foi a sistematização das entrevistas; planejamento da apresentação dos resultados; apresentação das equipes e avaliação geral.

A primeira fase de alternância aconteceu pelo Tempo Escola, segundo a qual uma estruturação se efetivou conforme este roteiro:

- Apresentação das ideias centrais do texto estudado;
- Socialização das entrevistas realizadas e apresentação da análise da equipe.
- Diálogo com as professoras dos componentes (Fundamentos da Didática II e Metodologia do Ensino II), conforme considerações e questionamentos feitos por elas.

Para a fase do Tempo Comunidade as equipes realizaram este passo a passo:

- Entrevistas com as pessoas da comunidade local (diferentes lugares, conforme Movimentos Sociais representados pelos estudantes);
- Estruturação de um quadro comparativo para analisar as opiniões dos diferentes contextos;

---

<sup>59</sup>Com base no filme “Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça: Glauber Rocha e a invenção do cinema brasileiro moderno”, produzido na década de 1960. Lançamos a ideia para os estudantes, porém apresentamos uma substituição ao título para que não ficasse com proposta idêntica a do filme, o que não seria tão possível assim, considerando as limitações de tempo e lugares, bem como especificidades de uma atividade propriamente acadêmica.

- Apresentação da análise geral da equipe.

Para todas as etapas os critérios norteadores foram estes: maturidade acadêmica na apresentação dos conteúdos dos textos; inventividade na elaboração da comprovação das entrevistas realizadas; criatividade na elaboração do quadro comparativo; criticidade e autonomia nas considerações pessoais de cada componente da equipe (escrita individual). Além destes critérios, uma consideração inicial e que foi comum para todas as equipes foi a leitura do texto “Pra que serve a escola?”. Ponderamos que esta pergunta está sempre presente na cabeça do/as educadores e da sociedade como um todo, levando em conta que este é um dos poucos temas que têm maior consenso concernente à crítica à escola.

Dessa forma, considerando a contextualização da pergunta que serviu como *mote detonador* para as atividades, inserimos como proposta de avaliação dos dois Componentes Curriculares a relevância de contribuir para um debate frutífero, tendo em vista que os Movimentos Sociais representados pelo/as estudantes dessa turma formulam críticas à escola – principalmente à escola urbanocêntrica e excludente – e indicam que a saída para o desenvolvimento do país é a educação de qualidade para seu povo.

“A escola dos meus sonhos sob meu ponto de vista” consistiu, então, num tema que mobilizou toda a turma para, principalmente, tornar mais caloroso um debate que norteia o objetivo pessoal de cada estudante, assim como os princípios e valores sociais, históricos, políticos, educacionais, econômicos, entre outros, de cada comunidade onde estão inseridos. Corroborava com esta ideia dois dos argumentos de Gómez em seu texto “Outros tempos para outra escola”:

O tempo escolar, em todas as suas manifestações, não pode continuar sendo uma estrutura rígida e uniforme, mas deve atender às características singulares de cada contexto. [...] Transmitir conhecimentos e qualificar resultados requer um tipo de tempo escolar bem distinto do que se requer para acompanhar o desenvolvimento da personalidade do aprendiz. (GÓMEZ, 2004, p, 47-48).

A chamada escola diferente – tão propalada e desejada por muitos – chama a atenção por que almeja que a aprendizagem de cada estudante aconteça em tempo e modo próprios para cada um, portanto se lança na

tentativa de que os estudantes ocupem espaços distintos e horários diferentes para seus processos de aprendizagem. Não somente os estudantes precisam de tempo e espaço diferenciados, os docentes também.

Em consonância com essas ideias, está a discussão contida no texto “por uma escola do nosso tempo”, no qual Didonet destaca:

É nessa “aldeia global tensa e excludente” que a escola se situa: na tensão entre o universal e o local, entre a tradição e a modernidade, entre as perspectivas de longo prazo e as necessidades imediatas, entre a economia globalizada e a valorização da microprodução, entre o social e o individual, entre a competição e a igualdade de oportunidades, entre o acesso aberto a todas as fontes de informação e do conhecimento e a absoluta falta de condições primárias de estudo numa periferia pobre. (DIDONET, 1998, p. 45)

A turma considerou, assim, que será sempre necessário caracterizar o cenário multiforme (devido a diferentes concepções sociais, políticas, econômicas, religiosas, culturais, artísticas, etc.) onde se situa a escola, sob pena de dar continuidade a uma concepção tradicional e obsoleta de que a escola pode ficar numa redoma distanciada de um contexto real. O argumento precípuo é de que se trata de uma “via de mão dupla”: o contexto pode modular/influenciar a escola e esta modifica e apresenta inovação no tocante a transformações para o contexto, conforme pesquisas e propostas educacionais.

Uma ressalva se faz necessária: os/as estudantes promoveram um salutar rebuliço nos espaços do Departamento de Educação – Campus XIII da UNEB, quando saíram em busca de entrevistar diferentes segmentos de pessoas nesse contexto; servidores técnicos, pessoal de serviços gerais, estudantes e docentes foram abordados com diferentes perguntas que buscavam enfatizar a questão principal estabelecida previamente: para que serve a escola?

A “aventura na cabeça” diz respeito a promover essa novidade no âmbito da Universidade, visto que as entrevistas eram semi-estruturadas/roteirizadas e no decorrer das mesmas, outras perguntas poderiam surgir tornando mais interessante o se aventurar na busca de opiniões e posicionamentos diversos, os quais corresponderam ao contexto do Tempo Escola. Tal contexto está geográfica e culturalmente diferente do

contexto das escolas nas comunidades dos Movimentos Sociais, evidenciando a relevante e séria tarefa de elaboração de um quadro comparativo com o registro das opiniões nos diferentes contextos.

Diante do exposto, vimos claramente os pressupostos básicos de nossa atividade fazendo consonância com os elementos fundamentais nas Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo: a identidade da escola do campo, a organização curricular, responsabilidades do poder público com relação à oferta educacional e a regulamentação das diretrizes, organização das escolas, gestão a escola, formação docente e financiamento da educação nas escolas do campo. Ou seja, a partir das entrevistas realizadas, em ambos os contextos, elementos como estes foram trazidos à tona, sendo que cada equipe conseguiu elaborar perguntas e conduzi-las junto aos entrevistados de forma a dialogar com as comunidades em direção as questões relacionadas à educação, de modo geral, e à educação do campo, de modo particular.

Vale ressaltar que durante as entrevistas no Tempo Escola (Tempo Universidade) os/as estudantes tiveram a oportunidade de socializar os conhecimentos sobre a educação do campo, pois conforme os entrevistados eram convidados a responder as perguntas, os mesmos queriam saber qual era o curso que os/as estudantes faziam. Ao se identificarem, ficavam surpresos por saber que muitas pessoas da comunidade acadêmica não sabiam que nesse Departamento de Educação estava sendo oferecido um curso de Licenciatura em Educação do Campo e ainda mais em regime de alternância; a maioria não conhecia nada ou quase nada sobre educação do campo e muito menos sobre a Pedagogia da Alternância, gerando oportunidade de socializar os conhecimentos produzidos historicamente nos Movimentos Sociais e aprimorados/ampliados no processo de formação na Universidade.

Os/as estudantes/militantes, ao retornarem para a sala de aula, compartilharam o quanto foi empolgante e desafiador desenvolver essa atividade, já que nunca tinham vivenciado algo parecido e também por ter que responder às perguntas dos entrevistados em relação ao curso e aos Movimentos Sociais de luta pela terra. Foi *“uma experiência que não vou*



*esquecer jamais, me senti tão importante quando as pessoas pararam pra eu responder e mais ainda quando pude falar da minha gente e de onde eu vim”,* (Antônia Feliciano).

Após realizar as entrevistas no Tempo Universidade, os/as educandos/as levaram as mesmas questões para entrevistar as pessoas das suas comunidades, lembrando que representam vinte e um municípios da Bahia, algo que deu um caráter muito diversificado para as atividades deixando-a ainda mais rica e diversa. O resultado das entrevistas e o quadro comparativo das respostas foram socializados no **Seminário de Articulação Tempo Escola/Tempo Comunidade “Caminhos da Pesquisa: Indagações e Possibilidades”**, para cumprimento de 15h de carga horária destinada para a socialização das atividades que foram realizadas no Tempo Comunidade.

Abaixo, estão as fotos do momento de socialização das entrevistas, em diálogo com os textos estudados. A árvore, que estou nominando de **Árvore Pedagógica**, que segura as peneiras e as pessoas representadas em cada galho simboliza a escola que queremos, que sonhamos... Não sendo um sonho impossível, mas um sonho que se sonha no coletivo onde cada um sabe o que fazer para construir um novo projeto de educação, com a classe trabalhadora protagonista. Destaque para as bandeiras dos movimentos sociais, sindicais e instituições de ensino penduradas na Árvore Pedagógica, a bandeira que é para os movimentos um símbolo da luta, identidade representativa dos militantes. As bandeiras sempre tiveram lugar de destaque em todos os eventos e aulas durante o curso.

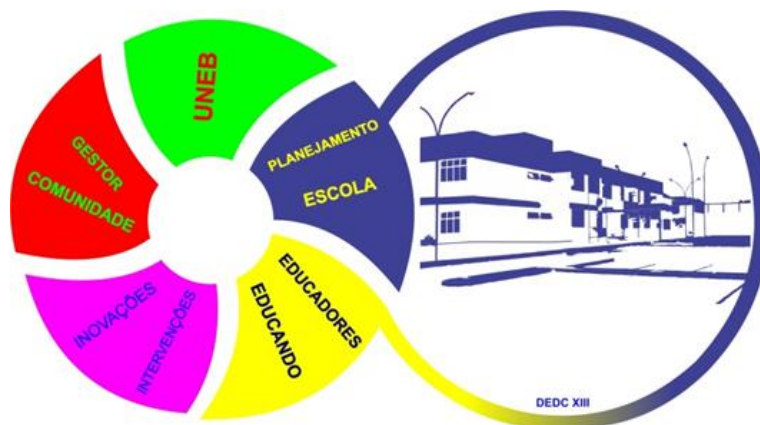
**Figura nº 21:** Árvore pedagógica da militância



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Também socializamos a logo do Seminário que nos provoca a refletir sobre as relações estreitadas cada vez mais entre Universidade e as comunidades.

**Figura nº 22:** Logo do Seminário de Articulação TE/TC



Criação da logo: Lídia Barreto da Silva  
Fonte: arquivo da pesquisa

Por fim, a atividade proposta responde a perspectiva da práxis pedagógica num exercício permanente da ação, reflexão, ação. Embora a docência do ensino superior se limite a uma carga horária específica para cada componente curricular, a dimensão interdisciplinar favoreceu o aprofundamento teórico, possibilitou a inserção da pesquisa militante, além de mobilizar diferentes sujeitos em torno da problematização posta. Dito isso, a atividade se moveu no sentido da sua função social em promover debates e reflexões oriundas da indagação para que serve a escola, e conseqüentemente mobilizar os participantes no movimento militante de transformação da realidade.

### *5.3 A expressão corporal que milita: a experiência com o teatro e a literatura brasileira na LECampo*

Outra atividade que selecionamos como dados que compõem essa pesquisa, na perspectiva de responder as perguntas e atender os objetivos levantados, aconteceu em parceria entre as docentes dos componentes curriculares Literatura Brasileira<sup>60</sup> e Fundamentos das Artes Cênicas<sup>61</sup>, ambas compõem a habilitação de Códigos e Linguagens.

As docentes desses componentes solicitaram uma atividade de dramatização do livro *Vidas Secas* de Graciliano Ramos com o seguinte roteiro:

- Cada capítulo deveria ser representado por uma equipe;
- Estudo dos aspectos regionais e sociais presentes no texto;
- Planejamento do cenário e figurino;
- Divulgação da apresentação teatral.

Esse roteiro foi seguido a rigor pela turma, mas para que fosse possível a montagem da peça e apresentação, novamente a turma se tornou uma só, pois os/as educando/as da habilitação de Ciências da Natureza e Matemática participaram ativamente da atividade como um todo o que reforça o caráter de coletividade tão preservado pelo/as educandos/as militantes deste Curso.

---

<sup>60</sup> Maiores informações sobre os Componentes Curriculares estão descritas em um quadro localizado no Apêndice C desta pesquisa.

<sup>61</sup> Idem.

Durante as aulas de Fundamentos do Teatro vários jogos teatrais ajudaram a trabalhar a dicção, expressão facial e corporal e posicionamento em cena. Conforme as imagens apresentadas abaixo:

**Figura nº: 23 – Jogos teatrais1**



Fonte: Arquivo da pesquisa

**Figura nº: 24 – Jogos teatrais 2**



Fonte: Arquivo da pesquisa

O teatro como linguagem artística tem a capacidade de “proporcionar às populações a possibilidade de expressarem o mundo de acordo com seus valores, dando voz às suas múltiplas identidades” (MIRANDA e FRANZONI, p. 199, 2016), denúncias, protestos e toda forma de luta. O artista se posiciona através de sua arte e se coloca como veículo crítico a toda forma de opressão e desigualdade, sobre essa questão Canda apresenta o pensamento de Boal, quando diz:

Boal acreditava que o teatro, enquanto ação humana, é um tipo de atividade carregada de cunho político, não sendo neutra, por isso, os artistas que assumem sua discordância com o mundo que conhecemos não devem desenvolver um processo artístico que confirme ou reforce a desigualdade social (CANDA, 2010, p. 42).

Vivenciar, juntos com os estudantes, essa atividade nos fez perceber a importância da produção artística no processo formativo de futuros professores e de como a linguagem artística do teatro pode proporcionar reflexões no campo político, críticas as condições sociais e econômicas de um país e de um povo, assim como posicionamentos de enfrentamento frente ao sofrimento principalmente da classe trabalhadora rural.

#### *5.4 Mística: O fazer artístico que alimenta a luta*

Durante os anos de duração do curso, a mística esteve sempre presente (já há comentários sobre a mística na citação da página 23 deste Relatório). Ela sempre esteve presente em todas as atividades: nas aulas, nos Seminários, na ocupação do Departamento de Educação, nas atividades fora da sala de aula; enfim, no cotidiano formativo do/as educando/as militantes, porque a mística para o militante deve exercer

[...] um papel fundamental, em termos individuais e coletivo, nas lutas de massa, nas comemorações e celebrações, nas alegrias, nas derrotas e nas vitórias. Tem o papel de nos animar, de nos revigorar para novas e maiores lutas. De nos unir e fortalecer. Tem o papel de nos dá consistência ideológica em nosso trabalho do dia-a-dia.

Queremos que essa prática contagie todos os militantes do MST. Queremos que ela seja exercida em todos os setores, instâncias, escolas, cooperativas, acampamentos, assentamentos. Da mesma forma, queremos que ela seja exercitada por outras organizações que têm os mesmos ideais e propósito de construir uma sociedade socialista (Cadernos de Formação do MST nº 27, 1998, p. 05).

A mística sempre teve um lugar de destaque, era planejada com compromisso e a partir de uma motivação para os que frequentaram o curso. “Pensar a mística”, como a equipe responsável se referia ao processo de fazimento da mesma, era a primeira tarefa a ser realizada, pois exigia de todos os envolvidos um compromisso com o que iriam vivenciar durante esse “ato cultural”, como é chamada por alguns militantes.

O nascedouro desta pesquisa se deu quando vi pela primeira vez a mística dos militantes e comecei a me questionar do que se tratava: como faziam, porque faziam, pra que faziam e o que queriam dizer quando pronunciavam as palavras de ordem que ecoavam feito gritos. Foi com todas essas indagações que comecei a observar com mais cuidado, a pesquisar sobre o tema e a construir meu acervo fílmico e fotográfico<sup>62</sup> que resultará no Catálogo Fotográfico.

Neste tópico nos ocuparemos em descrever e analisar, sucintamente, algumas místicas que marcaram a trajetória formativa dos/as educando/as que frequentaram o curso. Escolhemos algumas místicas que fizeram parte dos Seminários de Articulação do TE/TC e durante a ocupação do Departamento de Educação – Campus XIII. Cada uma, em certa medida, exerceu sua função política, de protesto, de denúncia, de ânimo, de esperança...”No contexto dos sem-terra, é um ato cultural em que suas lutas e esperança são representadas” (MORISSAWA, 2001, p. 209).

Vários elementos compõem esse “ato cultural”, é a bandeira do movimento “que aparece com grande destaque em todas as manifestações do Movimento”, O Hino do Movimento dos Sem Terra e as músicas e poesias que dão o tom e ditam o compasso de cada militante. A letra do hino foi resultado de um concurso realizado em vários estados e o ganhador foi Ademar Bogo e música Willy Correia de Oliveira<sup>63</sup>; a primeira apresentação foi feita pelo Coralusp. Outros símbolos “como o facão, a foice, a enxada e os frutos do trabalho tornaram-se presente no cotidiano da luta, representando a resistência

---

<sup>62</sup>Quase todas as fotos que compõem esse Relatório e o Catálogo Fotográfico foram sendo arquivadas durante as aulas do curso, a partir das indagações sobre a mística.

<sup>63</sup> Willy Correia de Oliveira é professor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

e a identidade dos sem-terra” (MORISSAWA, 2001, p. 210), todos esses elementos com seus significados e ainda:

Os pés descalços ou em sandálias, o chapéu de palha do camponês, a panela de do fogo são também representações presentes em esculturas e pinturas de grandes artistas apoiadores do Movimento (MORISSAWA, 2001, p. 210).

No fazer da mística, há uma diversidade de símbolos muito significativa. Durante o processo de fazer e apresentar a mística tudo pode se tornar símbolo, vai depender do contexto, do que se quer abordar, do que se quer alcançar com os presentes, sejam docentes, estudantes, trabalhadores, todos que estiverem no movimento de construção de uma sociedade igualitária.

A imagem abaixo corresponde a uma mística apresentada durante o I Seminário de Articulação TE/TC: Notícias do Mundo de Lá, realizado nos dias 18 e 19 de junho de 2013, no Departamento de Educação – Campus XIII, na cidade de Itaberaba - BA. Esse Seminário foi o primeiro encontro de articulação e integrador que aconteceu desde o início das aulas em 2011. Objetivando socializar as atividades do TE/TC; discutir a importância da Pedagogia da Alternância como proposta de ensino/aprendizagem cada vez mais possível; expor a produção de painéis que retratavam a vida do/no campo através da Arte Naif usando retalhos de tecido e mostrar, através de diversas manifestações culturais as identidades e relações de pertencimento dos povos do campo como valor imaterial<sup>64</sup> (folder completo no ANEXO D deste Relatório). Logo nesse primeiro Seminário se constitui a comissão que preparou a mística e passaria a preparar todas que viriam daquele momento em diante.

O tema central foi apresentar “notícias” sobre o lugar de vida de cada educando/da, ou seja, deveriam apresentar suas comunidades, assentamentos, quilombos, municípios socializando algo marcante de cada lugar.

---

<sup>64</sup> Esses objetivos estão descritos no folder contendo a programação do Seminário. Fonte: Arquivo da pesquisadora.



Fonte: Arquivo da pesquisa

Como podemos ver, a imagem traz nove educando/as, cada um com um símbolo que identifica o campo; os elementos da natureza – terra, água, fogo e o ar – ainda os frutos da terra e do trabalho de cada agricultor que mantém esse país se alimentando todos os dias representados também pela enxada, rastelo e facão. O timbau simboliza a arte e cultura popular tão presentes nas comunidades camponesas e que muitas vezes não são valorizadas. O livro quer dizer que toda educação é direito de todos, não importa se está no campo ou na cidade e por fim o cartaz “Esse é o nosso campo”, esse é o nosso lugar de viver e de produção da vida, lugar permeado por conflitos e disputa, mas também cheio de arte, cultura, produção agrícola e gente que luta pela preservação e bem estar da natureza e das pessoas.



**Figura nº: 26** – Entrada das bandeiras



Fonte: Arquivo da pesquisa

Na imagem acima podemos ver as educandas e educandos entrando com as bandeiras dos movimentos sociais. Com a diversidade de movimentos e sindicatos representados no curso, cada militante sempre tinha sua bandeira a mão, a bandeira que se configura como símbolo da luta, sempre colocada em lugar de destaque nos eventos e nesse Seminário não foi diferente.

Ainda na mística desse Seminário, a Colcha de Retalhos<sup>65</sup> foi apresentada pela primeira vez a todas as pessoas presentes. Salientamos que a confecção começou na sala de aula sob minha coordenação, mas em função do tempo não conseguimos terminar e os/as educando/as assumiram o compromisso de terminar na residência estudantil e assim fizeram, mas só mostraram no momento da mística o que tornou o momento muito especial, pois ao ver o objeto de arte, que até então só estava no campo do imaginário,

---

<sup>65</sup> O processo do fazer artístico da Colcha de Retalhos está descrito no tópico 5.1 deste Relatório.

pronto e materializado a história e a cultura de cada comunidade, foi muito especial.

**Figura nº 27:** Primeira aparição da Colcha de Retalho na mística



Fonte: Arquivo da pesquisa

A Colcha entrou pelas mãos de duas educandas que dançavam ao som da música de Pedro Munhoz, Canção da Terra, que diz:

### **Canção da Terra**

Tudo aconteceu num certo dia  
Hora da Ave Maria  
O Universo viu gerar  
No princípio, o verbo se fez fogo  
Nem Atlas tinha o Globo  
Mas tinha nome o lugar  
Era Terra [...]

Mas, apesar de tudo isso  
O latifúndio é feito um inço  
Que precisa acabar  
Romper as cercas da ignorância  
Que produz a intolerância  
Terra é de quem plantar  
A Terra, Terra,  
Terra, Terra...  
(Pedro Munhoz)

Após a mística, a Colcha foi colocada em um lugar de destaque no auditório e desde então sempre tem presença marcante nos eventos nos quais é possível levá-la, sendo considerada por alguns como uma “bandeira” que representa a arte produzida pelo/as educandos/as que frequentaram o curso e inspirou muitos a confeccionarem as suas “bandeiras” também. Composta por oito partes que formam um todo que não está fragmentado e sim alinhavada com uma linha de duas voltas pra representar a força que une um povo a lutar pelos direitos negados durante anos, a gritar bem alto por **“Educação do Campo! Direito Nosso, Dever do Estado!”**

Nesse Seminário uma palavra de ordem foi construída pela turma e os acompanhou até o dia da formatura:

“Paulo Freire!  
Um Educador Competente!  
Que Defende  
Uma Educação Diferente”

Conforme o curso acontecia, a prática da mística foi tomando força, organização e estética também, foi se revelando no fazer artístico, na reflexão e no conhecimento histórico e teórico da arte. Ao preparar a mística os/as educandos/as precisavam se debruçar sobre poemas, músicas, pensar no

figurino ou vestimenta que melhor representaria o que queriam passar para os que estivessem no evento, composição do cenário que se formaria; conforme os elementos simbólicos da luta iam entrando e compassadamente eram colocados no devido lugar. Considerando todos esses aspectos é que entendemos que a arte faz parte do processo formativo de cada militante desde a mais tenra idade até os mais idosos nos espaços formativos da militância e que os estudos sobre a arte durante o curso só fez potencializar o que já era comum entre os cursistas/militantes.

No III Seminário de Articulação Tempo Escola/Tempo Comunidade “Caminhos da Pesquisa: Indagações e Possibilidades, que aconteceu nos dias 02 e 03 de junho de 2014, teve como ponto central a discussão em torno da prática pedagógica com base nos seguintes componentes curriculares: Fundamentos da Didática II, Metodologia do Ensino e Pesquisa e Prática em Educação IV. Teve o objetivo de despertar nos/as educandos/das o senso reflexivo sobre a prática da pesquisa em educação como fonte inesgotável para o conhecimento e para o exercício do magistério.

Na imagem abaixo, a assentada e o quilombola, educandos do curso, entram segurando, juntos, a peneira com livros e o chapéu de palha completa a cena. É possível ver o cuidado com que eles seguram a peneira com os livros dando sinal de compromisso com o que está contido em cada livro, simbolizando o caráter libertador e formativo que um livro possui. Outro aspecto a ser considerado está na peneira e no chapéu, ambos feitos de palha com técnica antiga, passada de geração a geração, chamando atenção para os saberes dos artesões camponeses. Também a educanda/agricultora entrando cantando (figura nº 29) nos revela, novamente, a presença da música e do teatro na mística.

Em diálogo com o tema central do Seminário é possível refletir sobre os saberes e identidade dos povos camponeses que precisam estar inseridos no contexto da escola para que seja uma educação contextualizada, com sentido e com proximidade dos saberes da classe trabalhadora do meio rural.

**Figura nº: 28** – Assentada e Quilombola com livros na peneira



Fonte: Arquivo da pesquisa

**Figura nº: 29**–Educanda agricultora cantando



Fonte: Arquivo da pesquisa

Na imagem que segue, os corpos estão cobertos de lama simbolizando a terra; é que do pó viemos e ao pó voltaremos, mas representa também o anseio do povo que luta por terra para todos e luta pelo direito a nela permanecer e por isso se juntam, se organizam e avançam militando. As

árvores representam a esperança enraizada no coração de cada militante, os desenhos de pessoas representam cada militante espalhado por onde houver necessidade de lutar e ao pé da árvore as bandeiras enterradas representando as raízes de sustentação da esperança, pois a utopia é um sonho que sonha no coletivo e no caso as bandeiras representam cada movimento de luta pela terra.

**Figura nº: 30** - Nascidos da terra para por ela lutar



Fonte: Arquivo da pesquisa

Após descobrirem as bandeiras por entre as folhas e a terra, cada militante levantou bem alto e começaram a dançar juntos, no mesmo ritmo simbolizando o encontro daqueles que estão em busca dos mesmos ideais, que comungam das mesmas ideias descobrindo que não estão sozinhos na luta. Nesse Seminário, o curso estava passando por algumas dificuldades orçamentárias, o que refletiu diretamente nas aulas e no processo formativo dos/das educando/das; essa mística serviu para reanimar, para retomar a esperança coletiva que nos impulsionam a continuar, mesmo quando tudo parece ser contrário.

**Figura nº: 31** – A dança da que alimenta a luta



Fonte: Arquivo da pesquisa

No V Seminário de Articulação Tempo Escola/Tempo Comunidade “Currículo da Educação do Campo: ressignificando práticas educativas”, que aconteceu no dia 20 de maio de 2016, teve como ponto central o encontro da teoria e da prática ocorridas durante o estágio nos espaços não formais. Para tanto foi proposto que cada dupla, trio ou quarteto socializasse o resultado das atividades que mais marcaram o estágio nas comunidades. Saliento que os resultados foram muito ricos, apesar de não conseguirmos abordar nessa pesquisa por não ser a centralidade dela e também pelo tempo, mas mesmo os/as educandos/das da área de Ciências da Natureza e Matemática desenvolveram atividades tendo a arte como eixo principal para abordar conteúdos pertinentes da área da habilitação deles.

Voltamos a discutir a mística nesse Seminário. A imagem abaixo tem vários estandartes coloridos formando um círculo, cada estandarte tem o nome de uma comunidade representando os/as cursistas, pois como o curso já estava chegando ao fim, a ideia foi chamar a atenção para os laços que se formaram durante os anos que passaram juntos na universidade, laços de amizade, aprendizado, sociabilidade, afetividade, empatia, No meio tem os elementos que representam a identidade camponesa como a moringa, o





**Figura nº: 33** – Colcha de Retalhos “Mulheres de Fé”



Fonte: Arquivo da pesquisa

Iniciamos esse tópico falando da Colcha de Retalhos e terminamos falando de uma das colchas que foi confeccionada a partir da primeira. A continuidade do pano pedagógico é um dos legados mais significativos, no campo da arte, que ficou para a turma Paulo Freire.

O objetivo de utilizar estas imagens foi para demonstrar a riqueza de elementos que se pode encontrar numa mística. Pelo menos nos Encontros, Congressos e Seminários considerados mais importantes, os ambientes em que se desenvolve a mística são muito bem ornamentados. Nesses casos, a beleza se torna fundamental. Todos os elementos que faziam parte do local foram estrategicamente pensados e cada um tem uma simbologia que representa a luta.

A mística é arte de dizer, gritar através dos gestos e da composição estética. Os/as sujeitos dessa pesquisa se revelaram cantores, atores, dançarinos, poetas, músicos, figurinistas, tudo fruto de uma prática que começou antes mesmo de adentrarem ao curso e que se aperfeiçoou e potencializou o gosto pela arte. Arte de um lutador do povo. Esta constatação nos remete a Frederico, que assim escreveu:

Liberta das “impurezas” do cotidiano, a arte revela uma realidade mais profunda e verdadeira. Como manifestação sensível do Espírito, ela exerce uma função mediadora unindo o meramente sensível e o inteligível, o finito e o infinito, o subjetivo e objetivo, a natureza prisioneira de si mesma e a liberdade do pensamento (FREDERICO, 2013, p. 29).

Fazer este registro com certa riqueza de detalhes a respeito das atividades supracitadas representa uma revisitação às vivências educacionais e artísticas protagonizadas por esses/essas estudantes da LECampo. Embora já tenha considerado que há um detalhamento amiúde, certamente a memória pode ter deixado escapar outras tantas experiências relevantes, além do espaço deste Relatório não ter uma extensão ampliada para tantas minúcias.

Considero significativo registrar, fazendo uso das palavras de Eduardo Galeano, que “***a memória guardará o que vale a pena. A memória sabe de mim mais que eu; e ela não perde o que merece ser salvo***”.



**Figura nº 34:** Seminário de Articulação TE/TC: Notícias do Mundo de Lá –2013

*Eu quero uma escola do campo  
Que não tenha cercas que não tenha muros  
Onde iremos aprender  
A sermos construtores do futuro  
Eu quero uma escola do campo  
Onde o saber não seja limitado  
Que agente possa ver o todo  
E possa compreender os lados*

*Gilvan Santos<sup>66</sup>*

---

<sup>66</sup>Fragmentos da música Construtores do Futuro de Gilvan Santos. Fonte: <http://www.mst.org.br/>

## **6. O QUE PENSAM OS ESTUDANTES DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO NA HABILITAÇÃO DE CÓDIGOS E LINGUAGENS SOBRE OS COMPONENTES CURRICULARES DE ARTES?**

Prosseguindo com o tratamento dos dados recolhidos durante a pesquisa, apresentaremos a análise das respostas dos questionários aplicados junto aos/às educandos/as da Licenciatura em Educação do Campo na habilitação de Códigos e Linguagens.

O questionário (Apêndice B) foi enviado por e-mail para os/as licenciados/as, pois em virtude da diversidade geográfica não seria possível aplicar entrevistas com o universo de sujeitos que compõem a pesquisa em questão. Junto com o questionário foi encaminhada uma carta contendo informações sobre a pesquisa e orientações de como deveriam responder as questões e os prazos para a devolutiva. Foram enviados vinte (20) questionários e desses obtivemos resposta, em tempo hábil, de oito (08) licenciados/as. Ainda sobre o questionário, o mesmo foi dividido em três (03) blocos, sendo:

- Bloco 1 – Dados de Identificação;
- Bloco 2 – Pertencimento;
- Bloco 3 – Formação docente (com oito 06) perguntas.

A faixa etária dos que responderam o questionário variou entre 27 e 45 anos de idade, sendo dois (02) homens e quatro (06) mulheres. Nenhum dos/as licenciados/as está cursando uma pós-graduação; em contra partida, todos estão atuando como educadores em suas comunidades, o que nos faz entender que um dos objetivos da formação desses sujeitos em nível superior foi alcançado: se formar e retornar para contribuir nas comunidades de origem, como Molina e Sá apontam:

Além do impacto causado na relação com estudantes de outras origens sociais e na reorganização do sistema docente e acadêmico da universidade, os estudantes de origem rural carregam o desafio que a eles é colocado pelos seus movimentos sociais e comunidade de origem, no sentido de responder ao esforço coletivo que os trouxe até a universidade como protagonistas de uma luta histórica por direitos (MOLINA e SÁ, 2013, p. 471).

Os/as educandos/as sinalizam as dificuldades que enfrentam para serem contratados e a falta de concurso público na área de formação, além da grande quantidade de escolas da zona rural fechadas nos últimos anos.

Os gráficos abaixo apresentam os dados da vinculação dos/as licenciados/as com os movimentos sociais e/ou educacionais e também sobre o pertencimento de cada um em relação a sua identidade camponesa.

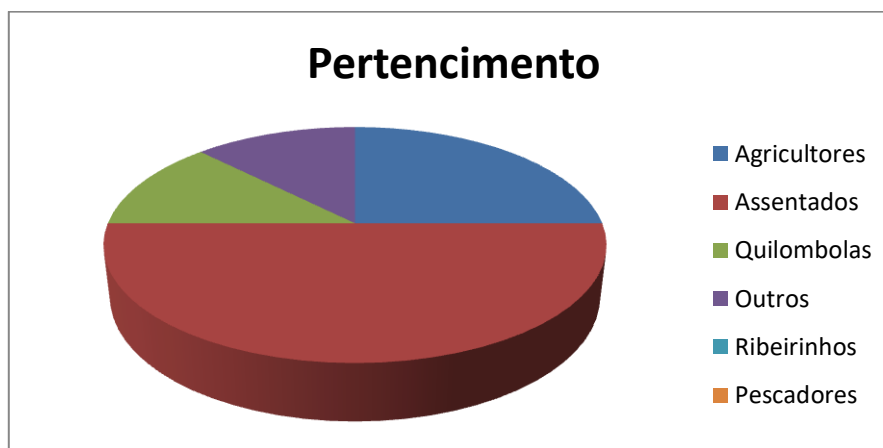
**GRÁFICO nº 02 – Vinculação com as Entidades**



Elaborado pela pesquisadora. Fonte: Arquivo da pesquisa

O gráfico acima apresenta dados relacionados vinculação dos/as educando/as com os movimentos sociais e sindicais de luta pela terra. No caso temos o Movimento CETA com a maioria de sua representação, dos que responderam ao questionário, logo em seguida está as Escolas de Família Agrícola. Ressalto que no curso tínhamos no MST e no CETA u número maior de representante.

GRÁFICO nº 03 – Pertencimento

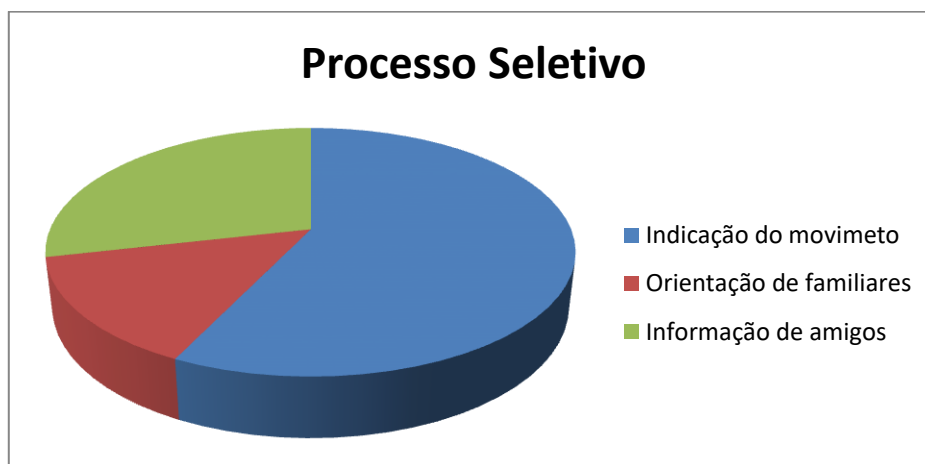


Elaborado pela pesquisadora. Fonte: Arquivo da pesquisa

No gráfico acima, observamos que metade dos que responderam ao questionário são assentados de reforma agrária, seguidos de agricultores. Mais uma vez demarcando o espaço dos camponeses neste curso, reforçando a articulação dos movimentos sociais de luta pela terra pela oferta de formação para os sujeitos do campo.

Considerando o processo seletivo para este curso, que não teve edital para ampla concorrência e sim para um grupo específico de pessoas com a intenção de atender a demanda posta pelos movimentos sociais do campo de oferta cursos de graduação para a população camponesa, a universidade elaborou um processo seletivo especial simplificado. No gráfico abaixo, apontamos como os/as candidatos souberam do processo seletivo e qual a participação dos movimentos nesse processo de submissão das provas para esse vestibular, como resposta à pergunta de nº 01, Bloco 3 do questionário *“Como foi sua inserção na Licenciatura em Educação do Campo na Uneb? Como ficou sabendo sobre o vestibular?”*

**GRÁFICO nº 04 – Processo Seletivo**



Elaborado pela pesquisadora. Fonte: Arquivo da pesquisa

É possível perceber que a maioria dos/as candidatos/as foi indicada pelo movimento, mas especificamente pelo setor/coordenação de educação de seus movimentos sociais. Mais uma vez destacamos o protagonismo desses movimentos no processo de consolidação das políticas públicas para a formação de professores para os povos campesinos.

Conforme dito acima, do universo de vinte (20) questionários enviados, apenas oito (08), responderam em tempo hábil para a continuidade da pesquisa. Lembrando que o questionário foi um dos instrumentos de recolha dos dados, os outros foram os arquivos audiovisuais e os relatórios das atividades do tempo comunidade, descritos e analisados no tópico 7.0 deste Relatório.

Para informar quais foram os/as educandos/as que responderam ao questionário, usei como estratégia uma homenagem às mulheres e homens que tiveram suas vidas ceifadas por causa da luta pela terra e por uma sociedade mais igualitária, substituindo os nomes dos sujeitos da pesquisa pelos nomes desses lutadores do povo. O quadro abaixo apresenta esses nomes e descreve, um pouco, cada um deles:

**QUADRO nº 07: Lutadores do povo**

Nome	Quem foi
Antônia Feliciano	Trabalhadora rural sem terra; recebeu, em nome do MST, a Medalha da Inconfidência em Ouro Preto, MG, em 21/04/98.
	Camponesa, morreu quando o caminhão se jogou em meio aos

Roseli Nunes (Rose)	militantes quando da ocupação da Fazenda Annoni. Rose sonhava com um pedaço de chão para plantar. Morreu antes. Os filmes “Terra para Rose” <sup>67</sup> e O sonho de Rose” <sup>68</sup> contam essa história.
Elisabete Teixeira	Viúva de João Pedro Teixeira, da Liga Camponesa do Sapé, Paraíba, morto em 1962. Viveu escondida e teve que mudar de nome para não ser assassinada também.
Dilma Ferreira da Silva	Liderança do MAB, foi assassinada a mando de grileiros, no dia 22 de maio de 2019. Assentada no assentamento Salvador Allende, no Pará. Em 2011 participou de audiência com a então Presidente República, Dilma Rousseff, pedindo política nacional de direitos para os atingidos por barragens e atenção especial às mulheres atingidas.
Margarida Alves	Margarida Maria Alves foi assassinada com um tiro no rosto em 1983. A mando de fazendeiros da região, atiraram no rosto da presidenta do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lagoa Grande, na Paraíba, na frente de seu filho e de seu marido, na porta de casa. Depois de sua morte, ela se transformou num símbolo da luta das mulheres camponesas por terra, justiça e igualdade.
Francisco Julião	Advogado e deputado do Partido Socialista Brasileiro – PSB. Foi um dos fundadores das Ligas Camponesas.
Padre Jósimo Tavares	Negro, nascido em Marabá, no Pará, membro da CPT, foi assassinado com um tiro nas costas (10/05/1886) pelo pistoleiro da União Democrática Ruralista - UDR. Os fazendeiros o chamavam de “macaco comunista”. Sua morte repercutiu internacionalmente obrigando o governo a tomar medidas para diminuir a violência na região e a dar títulos de propriedades para parte dos posseiros da região.
Marlene Ferreira Martins	Essa militante do MST recebeu o <i>Homenagem às Mulheres Lutadoras</i> pela Câmara Municipal de Valadares (MG), representando todas as mulheres pela participação na luta em defesa da reforma agrária. 08/08/96.

Fontes: MORISSAWA, 2011 e [www.causaoperaria.org.br](http://www.causaoperaria.org.br)

As perguntas abertas para os/as licenciados/as estão descritas a seguir, para as quais foram destacadas e/ou comentadas as respostas que mais chamaram a atenção e demonstrou relevância perante essa pesquisa.

**Pergunta nº 02** - *Como você avalia a condução dos componentes curriculares da área de conhecimento de artes e em que os mesmos contribuíram para a sua formação por área do conhecimento? Comente.*

<sup>67</sup> Direção de Tetê Moraes, 1985.

<sup>68</sup> Direção de Tetê Moraes, 1995, 106 minutos.



QUADRO nº: 08 – Respostas da questão 02

	Respostas
Antônia Feliciano	<i>“Foram aulas maravilhosas com uma professora preparadíssima que nos cativou a cada dia. Mostrou que a arte deve está na sala de aula, numa dinâmica de um ensinar aprendendo e de aprender enquanto se ensina. Eu aprendi como devo atuar na vida... Como sair da rotina quando os alunos estiverem cansadas de conteúdos e fazer com que sintam o prazer nas aulas, pois estudar brincando é bem mais prazeroso do que brincar de ensinar”.</i>
Roseli Nunes (Rose)	<i>“Sendo bem sincera o meu desejo de aprender sobre esses componentes não foi saciado foram poucas aulas alguns apenas oficinas então a ideia de aprender para repassar não foi possível. Mas, as poucas horas de cada componente foram cruciais para ter a certeza de que era isso que eu queria para minha profissão, como educadora popular. Carrego comigo toda arte desses componentes para minha sala de aula e para minha militância”.</i>
Elisabete Teixeira	<i>“Destes componentes curriculares tivemos o mínimo de sua carga horária, outros não tivemos. Os que tivemos foi conduzido com muita criatividade e compromisso da parte da professora”.</i>
Dilma Ferreira da Silva	<i>“Esses componentes curriculares foram bem conduzidos, creio que a universidade não poderia ter feito uma escolha melhor do que Lídia. Ela com seu carinho e amor pela profissão nos transmitiu os seus conhecimentos de forma dinâmica que nos levava a aprender divertindo. Sempre costumo dizer que quando eu estiver em sala de aula será minha inspiração. O conhecimento adquirido por meio do ensino dela e podemos usar não apenas em espaço formal e sim também espaço não formal”.</i>
Margarida Alves	<i>“Todos os componentes curriculares referente a arte, foram imprescindível em minha formação acadêmica, eles me disseram que Artes se faz a partir da nossa realidade da nossa vivência, do nosso dia a dia, que o gosto e o prazer de fazer Arte nasce do mais profundo amor e do sentimento que temos de viver do jeito que somos”.</i>
Francisco Julião	<i>“Esses componentes curriculares foram conduzidos de forma bem dinâmica, sempre intercalando a teoria e a prática. Com essa práxis, proporcionou-me uma nova concepção sobre Artes... Também, contribuiu para a minha vida intelectual”.</i>
Padre Josimo	<i>“Os componentes das Artes, ministrado pela educadora Lídia Barreto foram positivos mesmo que por conta de curto tempo. Eu senti falta demais fundamentação teórica, porém as experiências e os conhecimentos que saíram dos componentes foram</i>

Tavares	<i>momentos especiais na minha formação, compreender como se dá a dimensão artística”.</i>
Marlene Ferreira Martins	<i>Pra mim os componentes curriculares ligados a artes foram conduzidos de forma bastante lúdicas, dinâmicas que nos permitiu conhecer nossas habilidades nessas áreas, contribuindo muito para uma formação mais completa, menos conteudista e engessada que estamos acostumados, abrindo vários caminhos de criatividade que podemos trilhar nas nossas práticas de docência.</i>

Sobre a **questão 02**, é importante destacar o não cumprimento da carga horária total dos componentes; isso que gerou insatisfação, pois a parte teórica ficou comprometida. Já estávamos no final do curso e sem recursos financeiros, os/as educandos/as ficaram prejudicados/as sem o cumprimento devido da carga horária dos componentes da área de artes. Porém, declararam sobre a docente que ministrou os componentes como bem preparada, fato que contribuiu para a formação deles. Saliento a importância do ensino de Arte ser ministrado por professores com formação na área específica e não em outras áreas. É preciso dar o real valor para arte na educação e na formação de professores.

Os/as educandos/as declararam também que as experiências com a arte contribuíram para a prática deles no cotidiano da vida, entenderam que está além da sala de aula e que é um conjunto entre a experiência, a atuação do professor, o espaço de aula e a comunidade, conforme Iavelberg aponta:

A arte, por si só, não opera transformações na educação, mas a experiência com os processos de criação pode reorientar o sentido de ensinar, o papel do professor, a imagem da escola, bem como o valor das práticas culturais nas comunidades e na vida pessoal e profissional dos professores e nas relações entre as escolas e as instituições que promovem ações sociais (IAVELBERG, 2003, p. 23).

**Pergunta nº 03** - *Durante as atividades do tempo comunidade e do estágio você usou a arte para desenvolver ou ajudar nos conteúdos, avaliações, projetos e outros? Comente.*

QUADRO nº: 09 – Respostas da questão 03

	Respostas
Antônia Feliciana	<i>“Sim, a música e o teatro me acompanharam em todos os espaços, contribuiu também na produção de materiais didáticos e na confecção de jogos com materiais reutilizáveis que estimulavam os alunos a aprenderem brincando. Lembro-me ainda que durante os estágios foram apresentadas algumas místicas, ganhando destaque a que retratava a música Educação do Campo de Gilvan Santos. Na culminância do estágio em espaço não formal foi realizado uma quadrilha junina retratando a cultura, os dançarinos estavam vestidos com uniformes de futebol, a barraca estava ornamentada, tinha poemas e frases espalhados, todo o espaço que transbordava arte”.</i>
Roseli Nunes (Rose)	<i>“Sim, melhorei a nossa mística na comunidade, no estágio trabalhei a pintura em tecido, recitamos poesias, todos os conteúdos foram crucial para esses momentos na comunidade”.</i>
Elisabete Teixeira	<i>“Sim, considerando que meu tempo comunidade e estágio foram realizados por conta própria sem qualquer supervisão. Fui me valendo da Pedagogia da Alternância da Escola Família Agrícola de Itiúba, que na sua prática pedagógica tem a arte como elemento transversal potencializei a música, a poesia, a literatura de cordel, e busquei fortalecer com as noções básicas de teatro e arte com tecidos, que foram os componentes que tivemos melhor evidência no tempo escola, para dinamizar as aulas sobretudo de leitura e escrita”.</i>
Dilma Ferreira da Silva	<i>“A partir do momento em que os componentes fundamentos das artes plásticas, música, teatro e oficina das artes plásticas foram aplicados a arte passou a existir dentro de nós mesmos, pois o conhecimento com os componentes foram necessários para descobrir que dependendo até como você se mexer é uma arte, assim em alguns momentos no desenvolvimento de atividades usamos a arte”.</i>
Margarida Alves	<i>“Nas atividades na comunidade usamos a arte como instrumento de aprendizagem. Levamos a ideia de construção de uma colcha de retalhos a um grupo de mulheres que já se reuniam para rezar o terço, trazendo nesses retalhos símbolos que retratassem a Mística do grupo e foi uma experiência inesquecível”.</i>
Francisco Julião	<i>“Sim. Os dois últimos projetos de estágio foram aplicados com música e teatro. As experiências foram satisfatórias, pois, os educandos se envolveram de forma prazerosa”.</i>
	<i>“Posso afirmar que o processo de aprendizado no tempo</i>

Padre Josimo Tavares	<i>comunidade, no estágio a arte foi um dos métodos cruciais para que desenvolvesse meus trabalhos, tanto dentro como fora da sala de aula sendo muito lúdico e dinâmico; utilizei com grande frequência em meus planos de aula por estarem desenvolvendo o interesse dos educandos”.</i>
Marlene Ferreira Martins	<i>Sim, utilizamos muito da músicas, cordéis, teatro, declamações, místicas, colcha de retalhos, entre outras. A arte foi um mecanismo muito utilizado nas apresentações dos nossos trabalhos.</i>

Com relação à **questão 03**, é pertinente destacar a presença da arte em todas as ações no período do estágio, com mais evidência para o teatro e a música, a poesia também teve seu lugar de destaque. Os/as licenciados/as declararam que usar a arte durante o estágio foi muito favorável para despertar o interesse pelas aulas. A mística também passou a fazer parte do cotidiano de aulas durante o estágio, além da proposta de confecção da colcha de retalhos durante o estágio no espaço não formal fortalecendo o uso da arte e sua diversas linguagens no cotidiano da prática docente assim como em outros espaços. Sobre esse entendimento, Konder diz:

No curso da história, à medida que se desenvolve a dominação da natureza pelo homem, a arte vem tendo as suas funções multiplicadas e diversificadas. Sem perder de todo a sua serventia mágica original, ela amplia o seu poder de proporcionar ao homem um melhor conhecimento de si mesmo e do mundo em que vive. Sendo um meio de conhecimento, por outro lado, e em virtude da natureza especial que possui, não deixa de funcionar, também, como veículo de recreação, como fator de equilíbrio, como terapêutica psicológica, como “jogo sério”, como fator de equilíbrio, como superação simbólica do isolamento individual, a até como arma de luta política (KONDER, 2013, p. 185 e 189).

Embora o acompanhamento de estágio tenha sido um ponto frágil durante o curso, os/as educandos/as se saíram muito bem nos estágios, haja vista a socialização dos resultados nos Seminários de Articulação.

**Pergunta nº 04** - *Qual o lugar da arte durante as atividades do tempo escola, inclusive nos seminários de articulação tempo escola/tempo comunidade no curso de Licenciatura em Educação do Campo na Uneb?*

QUADRO nº: 10 – Respostas da questão 04

	Respostas
Antônia Feliciana	<i>“A arte está presente em todo lugar, e no tempo escola nos seminários principalmente, ela ocupava o espaço desde a ornamentação, montagem dos slides, nas apresentações onde cada grupo utilizava ferramentas diferentes, porém todos fazendo o uso da arte”.</i>
Roseli Nunes (Rose)	<i>“A arte tinha seu lugar especial no nosso seminário, na verdade a arte estava em todos os momentos desde a organização do espaço com lindas artes dos trabalhos da professora Lídia, a abertura com lindas místicas e as apresentações com os relatos das comunidades que volta e meia nos arrepiávamos e umas lágrimas nos olhos, era a arte da mística nos emocionando, nossas belas canções, coisas que falava de nós da nossa luta, isso sem falar nas performances da professora (Lídia) às vezes dançando outras encenando lindamente! Tudo era arte nos nossos seminários. Que saudades!”.</i>
Elisabete Teixeira	<i>“Não houve um lugar. A arte ficou transversalizada em todos os seminários de articulação do tempo escola/tempo comunidade. Era único espaço que tínhamos dentro da universidade para demarcar território com nossas identidades através da Mística, da música, símbolos, declamações...”</i>
Dilma Ferreira da Silva	<i>“Eu não diria qual lugar, mas quais lugares. O nosso curso principalmente nos módulos iniciantes a arte estava dentro da sala, pois lá tínhamos as nossas músicas, as nossas apresentações, a Mística em segundo no auditório e também por volta do campus quando utilizamos as entrevistas com pessoas do Campus, quando fizemos a apresentação do livro de Graciliano Ramos arte sempre esteve com o PROCAMPO”.</i>
Margarida Alves	<i>“A arte esteve sempre presente em tudo e em todos da turma: em nossos espaços em forma de ornamentação, nas místicas, nas músicas, em nossas apresentações”.</i>
Francisco Julião	<i>“A arte aconteceu de acordo com a necessidade, tanto no tempo escola, como no tempo comunidade, ambos ocorreram na sala de aula e extraclasse”.</i>
Padre Josimo Tavares	<i>“Em todos os lugares se é necessário ter a arte presente ela se faz mover e desenvolve no ser humano o gosto pela criatividade e o modo de pensar atuando assim a liberdade de expressão no tempo escola e seminário a arte foi os meus pés no chão me incentivando a participar pela satisfação causada em aprender e ter a capacidade criadora”.</i>
Marlene	<i>Pra mim a arte ocupou o principal lugar nas nossas apresentações</i>

Ferreira Martins	<i>de seminários e atividades, pois mesmo nos componentes mais técnicos de algum modo envolvíamos a arte e o resultado era sempre bom.</i>
---------------------	--

De acordo com as respostas direcionadas para a **questão 04**, os /as educandos/as responderam que a arte se fez presente em todas as atividades durante o curso, além de continuarem usando as linguagens artísticas nas atividades desenvolvidas na comunidade. Não que as pessoas da comunidade não tivessem contato com a arte ou que não experienciavam a arte, muito pelo contrário, foi possível constatar como os/as cursistas/militantes tinham a prática da arte nas marchas, na mística, na música e na universidade eles puderam aprimorar e ampliar o conhecimento mais científico e acadêmico. Destaque para a mística que em quase todos os momentos foi usada para demarcar o território da Educação do Campo na UNEB, protestando, denunciando, lembrando seus mártires e a luta da classe trabalhadora por seus direitos. Bogo, nessa direção, diz:

A arte, ao mesmo tempo em que retrata esta combinação entre o real e o ideal, reflete a ideologia de classe; se o artista tiver esta preparação e percepção. Um artista que ignora a realidade social reproduz apenas sentimentos distorcidos (BOGO, 2002, p. 140).

Todos os eventos organizados pelos/as educandos/as foram muito bem ornamentados, decoração própria com elementos da identidade camponesa, muitas cores, música, poesia, teatro e a mística faziam toda a diferença da Universidade. Geralmente, os Seminários do PROCAMPO, mobilizavam os estudantes dos outros cursos, corpo docente e funcionários pela beleza, diversidade cultural e pela arte.

**Pergunta nº 05** - *Durante o curso várias atividades foram realizadas tendo como foco a arte, em sua opinião qual ou quais tiveram significado marcante em sua formação? Explique por quê?*

QUADRO nº: 11 – Respostas da questão 05

	Respostas
Antônia Feliciana	<i>“A construção da colcha de retalhos retratando as nossas regiões sem dúvidas ficou marcado, ao olhar cada foto, lembrar como foi o processo de confecção da mesma, ver por onde ela já andou e nem saber por onde anda dá muito orgulho. Um momento marcante foi a viagem à Feira de Santana, quando tivemos a oportunidade de visitar (conhecer) o museu, o teatro... e o momento mágico que conheci o cinema”.</i>
Roseli Nunes (Rose)	<i>“O teatro e a música por que já trabalho com a mística então é muito presente na minha vida”.</i>
Elisabete Teixeira	<i>“A confecção da colcha de Retalhos. Porque sistematizamos a identidade da turma com ênfase nos diversos aspectos: identidade, terra, território, cultura, religiosidade, crenças, e geração de renda, ideologia, convivências, o que nos situava num contexto histórico vivenciado”.</i>
Dilma Ferreira da Silva	<i>“Todos os componentes de artes plásticas teatro oficina de artes e fundamentos da música tiveram significados importantes, mas para mim o que ficou marcado foi fundamentos da música, com ela pude fazer junto com uma colega um projeto que o resultado foi maravilhoso com os adolescentes. Assim como nós ficamos contentes e exploramos o nosso projeto com várias metodologias diferentes”.</i>
Margarida Alves	<i>“Certamente ao dizer várias atividades foram realizadas que até parece ser difícil apontar entre uma ou algumas. Porém, faço referência às nossas místicas que me fez, muitas vezes, ter um sentimento de imensa liberdade, sentir forte e capaz de romper os obstáculos da realidade vivenciada, por fim a construção da nossa obra de arte A COLCHA DE RETALHOS, colcha essa que ficará para sempre nas nossas marcas e sentimentos, decepções, mas também muita esperança de dias melhores para todos os menos favorecidos e excluídos”.</i>
Francisco Julião	<i>“A confecção da cocha de retalhos. Por que foi uma construção coletiva onde expressa, a identidade, a cultura e o sentimento de pertença da turma”.</i>
Padre Josimo Tavares	<i>“Todas elas me marcaram positivamente inclusive as aulas da professora Lídia Barreto com o seu jeito carinhoso de ser mãe e amiga ao mesmo tempo, mas tem um momento marcante, inesquecível no curso que foi quando a turma apresentou em forma de peça teatral O livro Vidas Secas conduzido pela</i>

	<i>professora Geovania um trabalho prazeroso onde me sentir dentro da personagem algo Libertador”.</i>
Marlene Ferreira Martins	<i>A colcha de retalhos foi pra me a que mais ficou marcada pelo fato de todo o processo de construção, significado das histórias contatadas através dos elementos que foram colocados nela. As entrevistas feitas envolvendo todo o público da UNEB também foi muito marcante pelo envolvimento e aceitação das pessoas entrevistadas. E ainda as apresentações dos livros “Vidas Secas de Graciliano Ramos” em forma de teatro e “Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire” apresentado em forma de mística. E todos os seminários de tempo/comunidade tiveram desde místicas as várias outras apresentações envolvendo arte.</i>

E, por fim, sobre a **questão 05**, onde discorremos sobre o significado da atividade, ligada à arte, que mais marcou durante o curso, a maioria destacou a confecção da Colcha de Retalhos como sendo a produção artística que proporcionou muito prazer e orgulho, também citaram a peça teatral com base no livro de Graciliano Ramos, Vidas Secas e a mística, como a expressão maior de suas práticas artísticas.

Vale destacar o uso da palavra “libertador” que usaram ao se referir sobre o fazer artístico, e da necessidade da arte na vida de todo ser humano, pois “a arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente” (FISCHER, 1875, p. 29). A viagem de campo para a cidade de Feira de Santana foi muito marcante, principalmente porque a maioria nunca tinha ida ao cinema e nem ao museu; assim, aquele momento foi “mágico” e enriquecedor; nesse sentido, corroboramos com Araújo, quando diz:

O professor de artes deve ser mediador no processo de construção de conhecimento do aluno ao abordar conteúdos que realmente contribuam para o processo de ensino e aprendizagem. Além das teorias, o professor deve aproveitar práticas artísticas e leituras de diferentes obras de artes, aliando a teoria ao fazer artístico de diferentes linguagens. Contextualizar teoria e práticas, por exemplo, promover visitas a museus, possibilitar ao aluno um conhecimento mais amplo, elevado e significativo da arte a partir do contato direto com ela (ARAÚJO, 2016, p. 152).

Sendo assim, constatamos que a arte teve um papel fundamental no processo formativo dos/as educandos/as que frequentaram o curso de Licenciatura em Educação do Campo na UNEB na habilitação de Códigos e



Linguagens, propiciando diversidade de experiências na área de artes, ampliação do conhecimento científico relacionando-os com os saberes populares através das práticas artísticas. Sobre isso, Araújo reforça nosso pensamento, afirmando que

É possível afirmar, portanto, que a arte tem papel fundamental na educação do campo ao produzir novas ideias e saberes que visam à construção de conhecimento. Entendida como fenômeno expressivo e estético, produto da criação humana, e como mercadoria pelo sistema capitalista, a arte possibilita ao estudante jovem e adulto do campo ampliar seu conhecimento cultural e produzir arte popular. Isso se dá por meio de teorias da arte e práticas artísticas desenvolvidas em sala de aula e nas comunidades onde o estudante reside. Esse processo tem o professor como importante mediador. Além disso, a arte possibilita ao estudante desenvolver criticamente sua experiência estética e enriquecedora seu processo criativo ao longo da vida (ARAÚJO, 2016, p. 165).

Considerando o que foi exposto e analisado nas respostas dos/as licenciado/as, adicionado ao diálogo com alguns escritores/teóricos, é possível constatar que a centralidade da arte no curso e de como o exercício do fazer artístico se revelou no cotidiano formativo desses/dessas licenciados/as, evidenciou os modos de expressão artísticas dos/as campesinos/as/cursistas.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

### 7.1 Produções artísticas: possibilidades para a educação do/no campo

Considerando as reflexões que foram construídas durante o processo de consolidação da pesquisa que está descrita neste Relatório, a qual teve como objetivo principal ***descrever o lugar da arte no percurso formativo dos/das licenciados/das da educação do campo da UNEB, com o olhar voltado para a exposição das expressões artísticas que se configuraram como símbolos da militância que alimentam a luta, relacionando-os com a realidade sociopolítica educacional da vida no/do campo.*** As perguntas norteadoras foram: ***Como as práticas artísticas se revelaram nos distintos processos formativos? E em que a arte contribuiu para fortalecer a emancipação dos licenciados e das licenciadas?***

Tanto o objetivo principal foi alcançado, como as perguntas foram respondidas no transcurso das leituras e na revisitação do trabalho realizado junto à turma da LECampo. Dessa maneira, eis aqui algumas considerações finais.

A partir do subtítulo deste tópico, já é possível constatar que nesta parte há uma síntese da pesquisa levando em consideração os registros áudio visuais que foram recolhidos e que retratam os modos de expressão artística dos/das educandos/as que frequentaram o curso. Ao analisar as fotografias fui, em certa medida, constatando e apontando o significado da arte na formação dos/das licenciados/das, pois conforme apresentado no tópico e subtópico cinco (5), quase todas as atividades propostas pelos docentes, deste curso, tinham a arte como potencializadora do conhecimento, compreendendo assim que “a experiência estética do professor pode definir a experiência estética do aluno, pois o discente pode achar interessante ou não, significativa ou não a escolha feita pelo professor ao trabalhar com objetos artísticos (ARAÚJO, 2016, p. 149).

A experiência de investigar sobre os modos de expressão artística desses/as educandos/as proporcionou uma ampliação do pensamento em relação ao uso da arte como ferramenta de luta, como forma de protesto, como veículo para que as organizações sociais, com suas diversas pautas de

reivindicação, mas nesse caso os movimentos sociais de luta pela terra, expressam, através da sua arte, todas as inconformidades que circulam numa sociedade capitalista como a nossa. Sobretudo, também, pude presenciar momentos de beleza, estética, sincronia com o movimento dos corpos na mística, com as bandeiras colorindo o ambiente, com cada elemento estrategicamente colocado e compondo o “espaço identitário” dos camponeses/cursistas.

Sabemos que a prática educativa que ora se evidencia nas nossas escolas, no tocante ao ensino de arte, repercute de forma negativa no destino de nossos estudantes, pois nem mesmos os/as educadores demonstram *boa performance* artística no âmbito escolar, muitas vezes até negando a si mesmos a oportunidade de revelar seu potencial para as várias facetas vinculadas à arte. Inclusive, os/as educandos/as se colocaram dizendo que arte não tinha sido presente na formação básica deles, o que revela a dificuldade que algumas escolas têm em fazer da arte uma prática nas escolas. Pensando nesse contexto, é que buscamos uma formação docente que colocasse a arte na centralidade do curso, pois teoricamente “a arte é vista como possuidora de um caráter histórico e social e, por isso, capaz de ser estudada racionalmente” (FREDERICO, 2013, p. 27), e ainda mais também na prática.

Constatamos também como foi importante trabalhar imagens na sala de aula, sempre cuidando pra não deixar de contextualizá-las nos aspectos histórico, político e social; esse exercício foi reproduzido pelos/as educandos/as nas comunidades, durante o estágio e durante as ações da militância, assumindo o caráter de professores multiplicadores dos saberes adquiridos no tempo universidade e associado aos saberes dos/as camponeses/as.

Nessa direção, lembramos as sábias palavras de Paulo Freire: “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, por isso reiteramos que a leitura de imagens pode prescindir da leitura convencional, visto que quando lemos as muitas imagens que encontramos à nossa volta, acabamos por tomar emprestadas as lentes que olham o mundo e suas diversificadas representações.

O contato com imagens sensibiliza e educa o nosso olhar. Por isso, essa prática no contexto escolar e no ensino de arte propriamente deve ser explorada em um diálogo de imagem e leitor sem precedentes, oferecendo uma visão integral e simultânea de um tema e ainda possibilitando outras maneiras de compreendê-lo. Lembrando que as outras maneiras de compreender um tema incluem a possibilidade de nos *revelarmos* e modificarmos a prática educativa que realizamos ou recebemos de outrem.

Os estudos no campo da Educação do Campo e da Arte são reveladoras de debates, visto que ainda é muito recente os estudos com essas duas áreas do conhecimento. Assim, vale a ressalva de que essa pesquisa revelou um campo muito rico para esse debate, me motivando a continuar pesquisando sobre a temática, por compreender que as práticas artísticas podem ser muito úteis nos espaços escolares e não escolares para o processo de ensino e aprendizagem dos/as educandos/as e como o curso está focado na formação de professores, nada mais propício do que continuar debatendo a temática a fim de que cada vez mais escolas possam colocar a arte como centralidade em sua prática, principalmente as escolas do campo.

Ter um curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Códigos e Linguagens potencializa a luta por formação de professores que abordem as questões relacionadas à formação humana em todas as áreas, inclusive na área de artes, que durante muito tempo foi vista como conhecimento para a burguesia e não para a classe trabalhadora. Quando a universidade assume esse compromisso, junto aos movimentos sociais, e oferta um curso com essas características. rompe com o modelo de exclusão que ainda prevalece em nosso país.

Feita a análise das fotografias e as respostas dos questionários, percebi como os componentes de arte contribuíram para a formação dos/as estudantes/militantes que frequentaram o curso a ponto de multiplicarem as atividades vivenciadas durante o tempo formativo na universidade, a exemplo da arte de fazer a colcha de retalhos, que se multiplicou e ganhou espaço de destaque e apreciação de outros militantes, comunidades e espaço acadêmico. Outro exemplo foi a presença da música e do teatro que nas aulas e também utilizada por eles nos estágios e em reuniões da associação e da comunidade;

essa postura do/as educandos/as só reforça o quanto esses componentes foram importantes para a emancipação desses sujeitos. A arte foi libertadora, promotora de pensamentos ilimitados, capaz de empoderar e incentivar a romper com os medos, com a opressão, dando força pra continuar.

Sendo assim, na tentativa de concluir este Relatório, reitero um entendimento que aponta a arte como meio de comunicação e, “portanto, também de progresso – isto é, da caminhada da humanidade rumo à perfeição” (TOLSTOI, 2002, p. 207). Talvez ainda não tenhamos chegado à perfeição (não chegamos!), mas tenho certeza que já começamos a caminhada rumo à consolidação da Arte no contexto da Educação do Campo como área do conhecimento da maior importância para o processo de emancipação de todos/as os/as camponeses.

Exatamente por entender, acreditar e constatar que a nossa caminhada está *pegando* ritmo e que não podemos deixa-la desandar, encerro, por enquanto, com um dos vários cordéis, elaborados pela educanda/quilombola do Quilombo Água Fria em Serra do Ramalho, Célia Batista Lima:

*Somos nós*

**Rio das Rãs** é um Quilombo marcado pela história.

*Lugar de muita gente que luta pela vitória.*

**Reunida José Rosa** é um Assentamento.

*Organização do CETA povo de movimento.*

**Pambú Extrativista** povo de tradição. Riqueza do

*Velho Chico que se encontra no sertão.*

**Florentina** nome artístico mais aqui é um lugar.

*Identidade de um povo que aqui irá falar.*

**P.A Nova Canaã**, um pedacinho do céu. Terra prometida por Deus ao povo que lhe é fiel. Junto ao movimento CETA conquistaram esse troféu.

**Nova Vida** é um sonho de um povo trabalhador.

*Passo dos militantes sua luta conquistou.*

Entre morros e cachoeiras **Baixão** é uma diversidade. Turismo de base comunitária ali encontra a felicidade.

**Água Fria** tem muita coisa para todos apreciar. Lá se encontra a cultura um destaque popular.

**Menino Jesus** é um Assentamento que tem pessoas de muito lugar. Para luta coletiva e seu espaço conquistar.

**Colônia** é um Assentamento de Reforma Agrária. Divisão de muitos lotes para classe operária.

**Che Guevara** nome, falo aqui de um lugar.

Assentamento em Boa Vista para o povo ali morar.

**Dandara dos Palmares.** Assentamento do MLT.

Organização de classes para seus merecimentos  
Ter.

**Assentamentos Reunidos** compram de pequenas propriedades. O dono de Feira de Santana mais não sabe se é verdade.

**Assentamento Brito** Pessoas de lá aqui tem.

Socializando conhecimento e aprendendo com os outros também.

**Mato Preto** aqui hoje seu trabalho vai apresentar.

Contando experiências adquiridas em seu lugar.

**Rui Barbosa** Cidade baiana gente de lá aqui tem.

Uma troca de saberes sempre em cada módulo tem.

**Itaberaba** é o espaço onde fica a Instituição.

Apresentamos os trabalhos para nossa formação

**Boa Vista do Tupim** uma coisa em comum.

Acolhendo muita gente nessa luta é mais um.

**Gameleira** também vem, trazendo sua história.

Contando as colegas para ficar na memória.

**P.A Lafaiete** é um Assentamento. Construído pela Reforma Agrária para o nosso crescimento.

**São José** nome Santo e de grande devoção. Onde  
mora povo humilde e na luta é irmão.

**Caxá** comunidade de povo trabalhador.

Popularizado pelo povo agricultor.

**P.A Moçambique** é outro Assentamento. Onde tem  
um povo forte para fazer movimento.

**Belo Monte** em seminário aqui vai apresentar. O  
seu tempo comunidade para todos apreciar.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez e FERNANDES, Bernardo Mançano. **A educação básica e o movimento social do campo – por uma educação básica do campo**. Brasília: MST - Coordenação da Articulação Nacional Por uma Educação Básica do Campo, 2011. Disponível em: <http://educampoparaense.eform.net.br/site/media/biblioteca/pdf/Coleca.2.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2018.

ARROYO, Miguel Gonzalez, CALDART, Roseli Salete e MOLINA, Mônica Castagna (organizadores). **Por Uma Educação do Campo**. 5 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ANDRÉ, Marli. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 1, n. 1, set. 2007. Artigos. ISSN 1982-7199. Programa de Pós-Graduação em Educação.

ANTONIO Poteiro. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9718/antonio-poteiro>. Acesso em: 24 de Mar. 2019. Verbete da Enciclopédia.

ISBN: 978-85-7979-060-7

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BOAL, Augusto. **No palco, soluções para a vida real. Entrevista concedida a Nestor Cozetti**. São Paulo: Jornal Brasil de Fato, ano 3, nº 141, novembro de 2005.

BOGO, Ademar. **Identidade e Luta de Classes**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

BOGO, Ademar. Mística. In CALDART, R. S; PEREIRA, I. B; ALENTEJANO, P e FRIGOTTO, G. (org.) **Dicionário da Educação do Campo**. 3. Ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2013, p. 473 – 477.

BOGO, Ademar. **O Vigor da Mística**. Caderno de Cultura n 02 – MST, 2002.

BOGO, Ademar; BOFF, Leonardo e PELLOSO, Ranulfo. **Mística: uma necessidade no trabalho popular e organizativo**. Caderno de Formação nº 27. 1998, MST.

BOGO, Maria Nalva Rodrigues de Araújo. **Reflexões sobre o Percorso Histórico da Educação do Campo na UNEB: desafios e perspectivas**. In TRINDADE, D.S; SODRÉ, M. D. B. (org.) Educação do Campo e Formação Contra-Hegemônica: Estruturas de relações/interações das práticas educativas e demandas educacionais. Curitiba: CVR, 2017, p. 12 – 137.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org). **A questão política da educação popular**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 7 – 10.



BRANDÃO, Carlos Rodrigues e BORGES, Maristela Correa. **A pesquisa participante: um momento da educação popular**. Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 6, p.51-62. jan./dez. 2007.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010**. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato20072010/2010/decreto/d7352.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2010/decreto/d7352.htm)> Acesso em: 21 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. **Resolução CNE/CEB nº 1, de 03 de abril de 2002**. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 9 abr. 2002. Seção 1, p.32. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/internacional/pisa/>. Acesso em: 21 de abril. 2018.

\_\_\_\_\_: **Manual de Orientações Acadêmicas**. Plataforma Freire, MEC/UNEB/CAPES/FNDE. Brasília, DF, mar. 2010.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CALDART, Roseli Salete e ALETEJANO, Paulo (orgs.). **MST – Universidade e Pesquisa**. 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2104.

CALDART, Roseli Salete, PEREIRA, Isabel Brasil, ALENTEJANO, Paulo e FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. 3. Ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2013.

CARVALHO, Cristiene Adriana da Silva e MARTINS, Aracy Alves *org*. **Práticas Artísticas do Campo**. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. (Coleção Caminhos da Educação do Campo; 8).

CARVALHO, Sílvia. **Revista Nupeart**, v.7, n.7, set. 2009

CORRÊA, Ana L. dos R; HESS, Bernard H; COSTA, Deane M. F. de C.; BASTOS, Manoel D.; BÔAS, Rafael L. V. e BORGES, Rayssa A. **Estética e Educação do Campo: movimentos formativos na área de habilitação em linguagens da LEdoC**. In MOLINA, M.C; SÁ, L. M. (org.) Licenciatura em Educação do Campo: Registros e reflexões a partir das experiências-piloto (UFMG; UnB; UFBA e UFS) Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 179 – 209.

CRUZ, Heloisa de Faria (organizadora). **São Paulo em revista: catálogo de publicação da imprensa cultural e de variedade paulistana 1870 – 1930**. Coleção memória, documentação e pesquisa, São Paulo: Arquivo do Estado, 1997.

DIAS, Claudia A. **Grupo Focal: técnica de coleta de dados em pesquisa qualitativa**. Revista Informação e Sociedade, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 141 – 158, jul/dez 2000.

DIDONET, Vital. **Por uma escola do nosso tempo.** Pátio: Revista Pedagógica. Ano II, nº 5, mai/jul 19; p. 44-47.

DUARTE, Jorge. BARROS, Antônio. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005.

FABRIS, Annateresa e FABRIS, Mariarosaria. **A função social da arte: Cândido Portinari e Graciliano Ramos.** 1995. <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/71350/74351>, acessado em 05/05/2018.

FRANCISCO Brennand. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras.** São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3999/francisco-brennand>>. Acesso em: 16 de Mar. 2019. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

FREDERICO, Celso. **A arte no mundo dos homens: o itinerário de Lukács.** 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 63 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2009.

**Hinário para o Culto Cristão.** 1 ed. Rio de Janeiro: H659h, editora JUERP, 1992.

IABELBERG, Rosa. **Para Gostar de Aprender Arte: sala de aula e formação de professores.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

KONDER, Leonardo. **Os marxistas e a arte: um breve estudo histórico-crítico de algumas tendências da estética marxista.** 2.ed – São Paulo: Expressão Popular, 2013.

LAKATOS, MARCONI. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 2003. p. 201)

LOPEZ, André Porto Ancona. **Como Descrever Documentos de Arquivo: elaboração de instrumentos de pesquisa.** Projeto como fazer, 6 São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2002.

MELLO, Ana Claudia C. **Metodologia de Pesquisa; livro didático.** Palhoça (SC):Unisul Virtual, 2006.

MICHAELIS, **Dicionário da Língua Portuguesa.** Editora Melhoramentos, 2019.

MOLINA, Mônica C. e ROCHA, Maria Isabel Antunes. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.22, n.2, p.220-253, jul./dez.2014 <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index>.

MOLINA, Mônica C. e SÁ, Laís M. **Licenciatura em Educação do Campo: Registros e reflexões a partir das experiências-piloto (UFMG; UnB; UFBA e UFS)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011 (Coleção Caminhos da Educação do Campo; 5).

MOLINA, Mônica C. e SÁ, Laís M. **Licenciatura em Educação do Campo**. In CALDART, R. S; PEREIRA, I. B; ALENTEJANO, P e FRIGOTTO, G. (org.) **Dicionário da Educação do Campo**. 3. Ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2013, p. 466 – 472.

MORISSAWA, M. **A história da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

MORRO da Favela. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra2324/morro-da-favela>>. Acesso em: 16 de Mar. 2019. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

MST, Boletim da Educação – **II Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária – II ENERA**. Edição Especial n 12. São Paulo. 2014.

NEVES, José L. **Pesquisa Qualitativa, usos e possibilidades**. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/CO33-art06.pdf>>

OLIVEIRA, Lia Maria Teixeira de. e CAMPOS, Marília. Educação Básica do Campo. In CALDART, R. S; PEREIRA, I. B; ALENTEJANO, P e FRIGOTTO, G. (org.) **Dicionário da Educação do Campo**. 3. Ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2013, p. 237 – 244.

**Projeto Político Pedagógico da Licenciatura em Educação do Campo – UFBA**. <https://faced.ufba.br/educacao-do-campo/licenciatura-em-educacao-do-campo> Acesso em 30 de abril de 2018.

**Projeto Pedagógico do Curso de Graduação - Licenciatura em Educação do Campo – UNEB**, 2010. (documento não publicado).

RAFFA, Ivete. **Fazendo Arte com os Mestres**. Vol 2º. São Paulo: Editora Escolar, 2008.

SANTOS, C. E. F. **Relativismo e Escolanovismo na formação do educador: [recurso eletrônico] uma análise histórico-crítica da licenciatura em**

**educação do campo.** 2011. 268 f. (TESE) Doutorado – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação.

**Revista da Formação por Alternância.** V.1. Brasília: União Nacional das Escolas Familiares Agrícolas do Brasil, 2005.

RIBEIRO, Marlene. **Movimento camponês, trabalho e educação: liberdade, autonomia, emancipação: princípios/fins da formação humana.** São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SANTOS, Clarice Aparecida. Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). In CALDART, R. S; PEREIRA, I. B; ALENTEJANO, P e FRIGOTTO, G. (org.) **Dicionário da Educação do Campo.** 3. Ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2013, p. 629 – 637.

SILVA, Cícero da; MIRANDA, C. F.; AIRES, H. Q. Porto e OLIVEIRA, U. F de. (orgs). **Educação do Campo, Artes e Formação Docente.** Palmas – TO: EDUFT, 2016.

SILVIO Jessé. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras.** São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa443522/silvio-jesse>>. Acesso em: 24 de Mar. 2019. Verbete da Enciclopédia.

ISBN: 978-85-7979-060-

SOARES, Rosana. **A Educação Estética como Possibilidade de Emancipação dos Sujeitos no Ensino da Arte: Desdobramentos e Implicações.** 355 f. il. 2015. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

SOARES, Sandra R. e MIRANDA, Dayse Lago de. **Série Práxis e Docência Universitária - Ensino e Aprendizagem: análise de práticas,** v. 1, ed. Eduneb, Salvador, 2013.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **(Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação** *in*:<http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-04.pdf>

## ANEXOS

### ANEXO A - MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

#### BASE COMUM A TODOS OS/AS LICENCIADOS/AS

Núcleo	Componentes Curriculares	Carga Horária
Núcleo de Fundamentos – N 1: Conjunto de conhecimentos e de saberes que discutem a vida no campo sua especificidade e consequentemente a educação do campo: avanços, recuos e respaldos legais.	Bases Filosóficas da Educação do Campo.	60 h
	Estudos Sócio-Culturais e Educação do Campo.	60h
	Estado, Sociedade, Campesinato e Educação.	45 h
	História e Organização da Educação Brasileira.	45 h
	Educação do Campo I.	60 h
	Educação do Campo II.	60 h
	História e cultura afro-brasileira e indígena.	45 h
Total		375 h
Núcleo	Componentes Curriculares	Carga Horária
Núcleo de Teorias e Práticas das Aprendizagens – N 2: Saberes que discutem as especificidades da educação do campo, e portanto requer abordagens diferenciadas, voltadas para a construção de uma escola do campo, aberta às experiências dos Movimentos Sociais.	Bases Epistemológicas da Aprendizagem	45 h
	Processos e Estratégias de Aprendizagem I	45 h
	Processos e Estratégias de Aprendizagem III	45 h
Total		135 h
Núcleo	Componentes Curriculares	Carga Horária
Núcleo de Metodologias de Ensino – N 3: Refuta-se a separação entre o manual e o intelectual fragmentado o trabalho pedagógico, compreendendo a docência como um espaço de articulação de conhecimentos, do campo da didática, do currículo, das Ciências da educação, ou seja, é	Fundamentos da Didática I	45 h
	Fundamentos da Didática II	45 h
	Metodologia do Ensino I	45 h
	Metodologia do Ensino II	45 h

o espaço da práxis pedagógica.			
Total		180 h	
Núcleo	Componentes Curriculares	Carga Horária	
Núcleo de Pesquisa e Prática em Educação – N 4: Objetiva a elaboração e coordenação de Projetos Educacionais oferecendo conhecimentos sobre os fundamentos e práticas dos fenômenos educativos e trabalham a produção e avaliação de projetos, o ensino, a coordenação e a gestão pedagógica nos espaços escolares e não escolares para se pensar e intervir no ato pedagógico, assim como orientam a delimitação temática da monografia e conclusão de curso, inserindo os discentes nas práticas de iniciação científica, nas quais a pesquisa se constituiu como elemento fundante no processo de formação do educador/a	Epistemologia e Educação I	45 h	
	Epistemologia e Educação II	45 h	
	Pesquisa e Prática em Educação I	75 h	
	Pesquisa e Prática em Educação II	75 h	
	Pesquisa e Prática em Educação III	75 h	
	Pesquisa e Prática em Educação IV	75 h	
	Abordagens Metodológicas de Pesquisa em Educação	45 h	
	Pesquisa e Prática em Educação V	120 h	
	Pesquisa e Prática em Educação VI	120 h	
	Pesquisa e Prática em Educação VII	120 h	
	Pesquisa e Prática em Educação VIII	120 h	
	Trabalho de Conclusão de Curso – TCC I	45 h	
	Trabalho de Conclusão de Curso – TCC II	45 h	
Seminário de Pesquisa	45 h		
Total		1020 h	
Núcleo	Componentes Curriculares	Carga Horária	
Núcleo de Gestão dos Processos Educativos – N 5: Tenciona o conhecimento e a vivência de formas de gestão democráticas entendidas como conhecimentos administrativos enquanto técnica, apreensão do significado social das relações de poder do cotidiano na escola, nas relações, na concepção e na elaboração dos conteúdos. Concepção da gestão da escola e do currículo numa perspectiva de participação e construção	Políticas Públicas e Educação do Campo	45 h	
	Políticas Públicas e Inclusão Social	45 h	
	Gestão de Processos Educativos	45 h	
	Gestão e Organização das Escolas do Campo	30 h	
	Informática na Educação	45 h	

coletiva, compreendida como ações reativas à administração escolar, dos recursos financeiros, do coletivo de professores e alunos, dos órgãos colegiados, além das reflexões relativas às Políticas Públicas Educacionais.		
	Total	210 h
	Total Geral	1920 h

**ANEXO B – COMPONENTES CURRICULARES DA HABILITAÇÃO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA E MATEMÁTICA**

Núcleo	Componentes Curriculares	Carga Horária
Núcleo de Ciências da Natureza e Matemática – N 6	Informática e o Ensino das Ciências da Natureza e da Matemática	60 h
	Filosofia da Ciência	60 h
	História da Ciência da Natureza e da Matemática	75 h
	Educação Matemática	75 h
	Estudos da Matemática I	75 h
	Estudos da Matemática II	75 h
	Estudos da Matemática III	75 h
	Estudos das Ciências da Natureza I	75 h
	Estudos das Ciências da Natureza II	75 h
	Estudos das Ciências da Natureza III	75 h
	Estudos das Ciências da Natureza IV	75 h
	Estudos das Ciências da Natureza V	75 h
	Estudos das Ciências da Natureza VI	75 h
	Metodologia do Ensino da Matemática	75 h
	Oficina de Produção de Material Didático de Matemática	60 h
	Oficina de Produção de Material Didático das Ciências da Natureza I	60 h
Oficina de Produção de Material Didático das Ciências da Natureza II	60 h	
Total Geral		1275 h

**ANEXO C – COMPONENTES CURRICULARES DA HABILITAÇÃO DE CÓDIGOS E LINGUAGENS**

Núcleo	Componentes Curriculares	Carga Horária
Núcleo de Códigos e Linguagens – N 7	Comunicação e Linguagem	75 h
	Linguagem Midiática e Educação do Campo	75 h
	Fundamentos da Linguística	75 h



	Sociolinguística	60 h
	Teoria Literária I	75 h
	Teoria Literária II	75 h
	Literatura Brasileira	60 h
	Prática do Ensino de Literatura	75 h
	Literaturas e Cultura Oraís	60 h
	Espanhol Instrumental	75 h
	Português I	75 h
	Português II	75 h
	Metodologia e Prática do Ensino da Língua Portuguesa	75 h
	Fundamentos de Artes Cênicas	75 h
	Fundamentos da Música	60 h
	Fundamentos das Artes Plásticas	60 h
	Oficina de Artes Cênicas	60 h
	Oficina da Música	60 h
	Oficina de Artes Plásticas	60 h
	<b>Total Geral</b>	<b>1335 h</b>

**ANEXO D – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM/ ADULTO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA-UFRB**

**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES (CPF)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM/ ADULTO Neste ato, eu, \_\_\_\_\_, nacionalidade, estado civil \_\_\_\_\_, portador da Cédula de Identidade RG, nº. \_\_\_\_\_, inscrito no CPF/MF sob nº \_\_\_\_\_, residente na/no \_\_\_\_\_, nº. \_\_\_\_\_, município de \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada para relatório e produto final relacionado ao Mestrado Profissional em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB, que está lotado no Centro de Formação de Professores- CFP, na Av. Nestor Melo de Pita, 535 – Centro – Amargosa (BA), sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. (A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em território Nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) livros; (II) folhetos em geral encartes, boletins etc.); (III) folder de apresentação; (IV) revistas e jornais em geral; (V) home page; (VI) cartazes; (VII) folder; (VIII) mídia eletrônica (painéis, vídeotapes, blogs, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros). Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a títulos de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma. \_\_\_\_\_/BA, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

\_\_\_\_\_  
Assinatura

Nome: \_\_\_\_\_

Telefone para contato: (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_

## **ANEXO E – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA-UFRB**

**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES (CPF)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**PESQUISA: Arte e Educação do/no Campo: Identidades Reveladas nos Modos de Expressão Artísticas dos/das Licenciados/as da UNEB.**

As informações contidas nesta folha, fornecidas a **Lídia Barreto da Silva**, discente do Mestrado Profissional de Educação do Campo do CFP/ UFRB, têm por objetivo firmar acordo escrito com o(a) voluntária(o) para participação da pesquisa acima referida, autorizando sua participação com pleno conhecimento da natureza dos procedimentos a que ela(e) será submetida(o).

1) Natureza da pesquisa: Esta pesquisa tem como finalidades: Pensar na arte como veículo que promove a emancipação dos sujeitos do campo é o fio condutor dessa pesquisa que tem o objetivo de promover a discussão de como a arte e os modos de expressão artística, dos/das educandos/as da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, se deram durante o curso. Como essa prática se revelou no processo formativo e em que a arte contribuiu para fortalecer a sua emancipação. O produto final desta pesquisa será um Catálogo Fotográfico que tem como intenção primeira socializar e dar publicidade ao extenso trabalho de levantamento de dados visuais a partir desta pesquisa de mestrado.

2) Participante da pesquisa: \_\_\_\_\_

3) Envolvimento na pesquisa: Ao participar deste estudo você contribuirá com informações para a pesquisa. Você tem liberdade de se recusar a participar e ainda de se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para você. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do orientador do projeto e, se necessário, por meio do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.

4) Sobre as coletas ou entrevistas. Escola \_\_\_\_\_

5) Riscos e desconforto: Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme resolução n. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde – Brasília – DF.

6) Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Os dados da (o) voluntária(o) serão identificados com um código, e não com o nome. Apenas os membros da pesquisa terão conhecimento dos dados, assegurando assim sua privacidade.

7) Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo contribua com informações importantes que deve acrescentar

elementos importantes à literatura, onde o pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

8) *Pagamento*: Você não terá nenhum tipo de despesa ao autorizar sua participação nesta pesquisa, bem como nada será pago pela participação.

9) *Liberdade de recusar ou retirar o consentimento*: Você tem a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo sem penalizastes.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para permitir sua participação nesta pesquisa. Portanto, preencha os itens que seguem.

**CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, \_\_\_\_\_ ,  
RG \_\_\_\_\_ após a leitura e compreensão destas informações, entendo que minha participação é voluntária, e que posso sair a qualquer momento do estudo, sem prejuízo algum. Confiro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

\_\_\_\_\_/BA: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Assinatura do Voluntário/a: \_\_\_\_\_

Telefone: (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_

Assinatura do Pesquisador: \_\_\_\_\_

## APÊNDICES

### **APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES (CPF)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

#### **Arte e Educação do/no Campo: Identidades Reveladas nos Modos de Expressão Artísticas dos/das Licenciados/as da UNEB.**

Este roteiro objetiva coletar informações para análise do desenvolvimento das práticas artísticas e os modos de expressão artísticas dos/das educandos/das da Licenciatura em Educação do Campo na UNEB, tendo em vista a elaboração de um Catálogo Fotográfico que tem como intenção primeira socializar e dar publicidade ao extenso trabalho de levantamento de dados visuais a partir desta pesquisa de mestrado.

Solicitamos que o questionário seja respondido, *escaneado* e enviado, em PDF, para o e-mail [lbrdasilva@gmail.com](mailto:lbrdasilva@gmail.com) no prazo de 30 dias contando desta data.

Quaisquer dúvidas entrar em contato por e-mail, telefone e/ou via *WhatsApp*.

Desde já agradeço pelo pronto atendimento e pela parceria de sempre.

Atenciosamente,

Salvador, 17 de Outubro de 2018.

Lídia Barreto da Silva

**APÊNDICE B - ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA OS/AS LICENCIADOS/DAS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIII – ITABERABA/BA**

**Bloco 1 – Dados de Identificação do/a Entrevistado/a:**

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino

Formação: \_\_\_\_\_ Ano de conclusão: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Bacharelado ( ) Licenciatura ( )

Pós-Graduação: Sim ( ) Não ( )

Instituição:

\_\_\_\_\_

**Bloco 2 – Pertencimento:**

Comunidade: \_\_\_\_\_ Município: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

( ) quilombola ( ) ribeirinho/a ( ) assentado/a

( ) agricultor/a ( ) pescador/a ( ) outros,

Qual? \_\_\_\_\_

**Bloco 3 – Formação docente**

**Questão 01**

Como foi sua inserção na Licenciatura em Educação do Campo na Uneb?

Como ficou sabendo sobre o vestibular?

**Questão 02**

Como você avalia a condução dos componentes curriculares da área de conhecimento artes (Fundamentos das Artes Plásticas, Fundamentos da Música, Fundamentos do Teatro e Oficinas de Artes Plásticas, Música e Teatro) e em que os mesmos contribuíram para a sua formação por área do conhecimento? Comente.

### **Questão 03**

Durante as atividades do tempo comunidade e do estágio você usou a arte para desenvolver ou ajudar nos conteúdos, avaliações, projetos e outros? Comente.

### **Questão 04**

Qual o lugar da arte durante as atividades do tempo escola, inclusive nos seminários de articulação tempo escola/tempo comunidade no curso de Licenciatura em Educação do Campo na Uneb?

### **Questão 05**

Durante o curso várias atividades foram realizadas tendo como foco a arte, em sua opinião qual ou quais tiveram significado marcante em sua formação? Explique por quê?

### **Questão 06**

Você está atuando como educadora, educador ou outra ação educacional? Em qual área do conhecimento ou qual componente curricular atua? Onde? (para essa pergunta não precisa ser só na educação formal, escola, pode ser em vários seguimentos.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2018

---

Assinatura do/a licenciado/a

***APÊNDICE C – CARACTERÍSTICAS DOS COMPONENTES CURRICULARES QUE ORIGINOU AS ATIVIDADES QUE FORAM ANALISADAS NA PESQUISA***

Módulo	Componente Curricular	Carga horária	Ementa	Nome da atividade
II	Interdisciplinar	30hs	Socializar as atividades do tempo escola/tempo comunidade	Notícias do Mundo de Lá
III	Fundamentos da Didática II	45hs	Apresenta e discute o planejamento como instrumento de organização do trabalho docente. Analisa as dimensões políticas e pedagógicas do ato de planejar. Tipos de planos: Projeto político pedagógico da escola; planos de curso, unidade, aula; projetos de ensino e sequência didática. Planejamento do trabalho docente na perspectiva disciplinar e interdisciplinar. Aborda as concepções, tipos e dimensões da avaliação.	A escola dos meus sonhos sob meu ponto de vista
III	Metodologia do Ensino em Educação do Campo II	45hs	Estudo das práticas curriculares das escolas e dos espaços não escolares do campo. Realizar levantamento das metodologias de ensino propostas nos projetos político-pedagógicos dos programas e projetos de organizações não governamentais e governamentais aplicadas para os sujeitos do campo. Elaborar uma proposta de projeto pedagógico para os espaços escolares e/ou não escolares do campo, tomando por princípio educativo a pesquisa, considerando a alternância dos tempos educativos e apresentar no formato de oficina na sua comunidade de	A escola dos meus sonhos sob meu ponto de vista



			origem durante o período do Tempo Comunidade.	
VI	Literatura Brasileira	60h		Teatro e Literatura, pra quê te quero?
VI	Fundamentos de Artes Cênicas	60h	<p>Apresenta o teatro como uma linguagem artística de conhecimento. Introduz os princípios básicos e funções do Teatro na Educação. Implanta novas metodologias para o ensino do teatro na escola do campo como formas de liberação do potencial criativo e expressivo do ser humano.</p> <p>Realiza atividades referentes à dramaturgia, jogos teatrais, criação coletiva e colaborativa. Estimula a aprendizagem artística nos planos perceptivos, imaginativo e produtivo no Ensino Fundamental II, Ensino Médio e EJA. Analisa e discute os Parâmetros Curriculares de Arte (teatro) para os anos/séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.</p>	Teatro e Literatura, pra quê te quero?
VIII	Fundamentos da Música	60h	<p>Apresenta a linguagem artística musical como objeto de conhecimento. Introduz os princípios básicos e funções do ensino da música. Implanta novas metodologias para o ensino da Música na educação como formas de liberação do potencial criativo e expressivo do ser humano valorizando as manifestações artísticas populares e</p>	Aula de Campo

			reconhecendo os modos de expressão dos Movimentos Sociais nas músicas durante as marchas e as ocupações. Realiza atividades referentes a linguagem musical. Vivenciam os sons, o movimento e a ludicidade com base na musicalidade. Estimula a aprendizagem musical nos planos perceptivos, imaginativo e produtivo na educação nos anos/séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Analisa e discute os Parâmetros Curriculares de Arte com ênfase na música para os anos/séries finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio.	
	Fundamentos das Artes Plásticas	60h		
VII	Oficina de Artes Cênicas	30h	Apresenta o teatro como uma linguagem artística de conhecimento. Introduce os princípios básicos e funções do Teatro na Educação com ênfase na prática dos jogos teatrais e de improviso. Realiza atividades referentes à dramaturgia propondo atividades que possam aprimorar o educando em cena. Estuda o teatro do oprimido	
VII	Oficina de Música	60h		Aula de Campo
VII	Oficina de Artes Plásticas	60h		Aula de Campo